



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**MARIANA FREIRE SAMPAIO**

**ESTRUTURAS ORACIONAIS À LUZ DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL:  
UM ESTUDO DESCRITIVO DAS EPÍSTOLAS PAULINAS POR MEIO DO  
SISTEMA DE AVALIATIVIDADE**

**FORTALEZA**

**2023**

MARIANA FREIRE SAMPAIO

ESTRUTURAS ORACIONAIS À LUZ DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL:  
UM ESTUDO DESCRITIVO DAS EPÍSTOLAS PAULINAS POR MEIO DO SISTEMA  
DE AVALIATIVIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.  
Área de concentração: Linguística

Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística  
Orientadora: Profa. Dra. Márluce Coan.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S184e Sampaio, Mariana Freire.

Estruturas oracionais à luz da Linguística Sistêmico-Funcional: um estudo descritivo das epístolas paulinas por meio do Sistema de Avaliatividade / Mariana Freire Sampaio. – 2023. 127 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2023.

Orientação: Profa. Dra. Márluce Coan.

1. Linguística Sistêmico-Funcional. 2. Sistema de Avaliatividade. 3. Articulação de orações. 4. Gênero epistolar. I. Título.

CDD 410

---

MARIANA FREIRE SAMPAIO

ESTRUTURAS ORACIONAIS À LUZ DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL:  
UM ESTUDO DESCRITIVO DAS EPÍSTOLAS PAULINAS POR MEIO DO SISTEMA  
DE AVALIATIVIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 08/12/2023

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Márluce Coan (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Sávio André de Souza Cavalcante  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Profa. Dra. Ana Célia Clementino Moura  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais e ao meu irmão.

Aos meus avós.

Ao povo do livro, cartas vivas espalhadas  
por este mundo.

## AGRADECIMENTOS

Ao Rei dos séculos, imortal, invisível, ao único Deus ao qual deve ser dada toda honra e glória para sempre. Ao Deus que renova as forças do que está cansado, ao Verdadeiro Amor que lança fora o medo, ao Rei que assumiu forma de servo, fez-me filha por adoção e incluiu-me em Seu plano de redenção. Ao sacrifício perfeito de Jesus Cristo na cruz do Calvário e ao Espírito Santo, Consolador. Ao Deus da Bíblia, que escolheu para Si povos de todas as tribos, línguas e nações e me garantiu uma vida eterna de plenitude de alegria, para quem todas as coisas devem ser feitas com amor. *Soli Deo Gloria.*

Aos meus pais, Kátia e Marco Antônio, e ao meu irmão, Daniel Marcos, por entenderem as minhas ausências, enxugarem as minhas lágrimas e viverem cada pedacinho dessa caminhada acadêmica comigo. Por sonharem esse sonho até mais do que eu mesma.

Aos meus avós maternos, Manuela da Costa Freire (*in memoriam*) e José Barbosa Freire, por serem a história de amor que eu mais gosto de ouvir e de contar. Muito obrigada por serem o meu apoio espiritual, eu tenho certeza de que foram as orações de vocês que me guardaram e sustentaram-me em muitos momentos desta vida. Pelos sorrisos que sempre me proporcionaram. Por se fazerem presentes em todos os momentos. Nunca conseguirei agradecer tudo o que fizeram por mim, assim como não consigo medir e expressar o tamanho do meu amor por vocês.

Aos meus avós paternos, Expedita Barros Sampaio (*in memoriam*) e Carlos Augusto Oquendo Sampaio, pelo auxílio que sempre me deram nos anos de escola ou na faculdade e por comemorar cada vitória comigo. Vô Oquendo, também sou eternamente grata por cada acorde do seu violão, como o senhor diz “o tônico capaz de rejuvenescer a própria alma”, e pela sua voz terna cantando as melodias das músicas - nos momentos de cansaço, tenha certeza de que essas lembranças passearam pela minha mente e deram-me força para ir adiante. Sua alegria e incentivo aos meus estudos sempre me foram de uma importância ímpar.

À minha família estendida, tios, tias, primos e primas. Em especial, à querida tia Silvana, meu exemplo de professora, pelo apoio que nunca faltou na trajetória

pelos caminhos da educação. À Virgínia que, mais que prima, é minha amiga-irmã. À minha tia Angélica que, com certeza, entende o propósito maior de tudo isso. Cada um de vocês sabe da importância que tem. Obrigada por tanto!

À Universidade Federal do Ceará, a melhor do Norte e Nordeste brasileiro, pelo ensino público, gratuito e de qualidade. À coordenação e secretaria do Programa de Pós-Graduação em Linguística, pela presteza com que sempre me atenderam.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À minha mãe acadêmica, professora doutora Márluce Coan, pela orientação sempre *mais-que-perfeita* em todos os *aspectos*, independentemente de qualquer *variação* ou *mudança*, em todos os *tempos* e de todos os *modos*. Sua paciência e amor acalmaram-me sempre que eu me sentia em apuros, seu olhar atento e cuidadoso para a pesquisa científica me mostra o caminho do amor pela ciência. Muito obrigada pela acolhida, pelas conversas, pelo amor, gentileza e singeleza com que sempre me tratou. Sorte daqueles que são agraciados pela sua orientação, professora!

Aos professores doutores Valdinar Custódio Filho, responsável pelo meu amor pela Linguística; Mônica Magalhães Cavalcante, pelo carinho que sempre mostrou, pela acolhida certa, pelos abraços pelo *campus*; Kátia Cilene David da Silva, pelas oportunidades e amizade as quais me concedeu, para além da trajetória acadêmica; Maria Inês Pinheiro Cardoso, pela elegância e trato humano que nunca faltou; Ricardo Leite, pela paixão e responsabilidade que mostra pela Ciência Linguística, pelos desafios de criticidade que me impulsionam a ampliar o olhar para a pesquisa. Que sorte a de quem foi aluno de vocês!

À professora doutora Camila Cardoso, por suas contribuições valiosas na banca de qualificação e pela disponibilidade que sempre teve para me atender. Também à professora doutora Maria Claudete Lima, por aceitar a suplência da banca de qualificação.

Ao professor doutor Sávio André, o homem do tempo. Que bom que o Senhor me deu a alegria de aprender a ser pesquisadora também com você. Obrigada pela orientação sempre metódica, pelas conversas antes da seleção, pelos áudios explicativos e pelas chamadas de vídeo para tirar as minhas dúvidas funcionalistas. Agradeço também pelo aceite em compor a banca da qualificação e pelas contribuições preciosas, bem como a banca de defesa. Cada conversa com você é certeza de muito aprendizado, Sávio. Muito obrigada pela nossa parceria.

À querida professora doutora Eliane Semedo, que eu conheci ainda na graduação, por aceitar a suplência da banca de qualificação e pelo parecer da disciplina de Seminários de Pesquisa. Seu olhar atento ao texto em andamento me deu forças para seguir adiante. Graça de Deus é saber que temos irmãos em Cristo espalhados por todo lugar!

À professora doutora Ana Célia Clementino Moura, pelo aceite em compor a banca de defesa e por ensinar com o coração, lembro com carinho de todas as disciplinas que tive a oportunidade de cursar com a senhora!

Aos professores doutores Mônica Serafim e Wellington Mendes, agradeço por aceitarem a suplência na banca de defesa. É bom demais saber que a pesquisa linguística avança através de nomes como os de vocês!

À Mayara Martins, a mulher-maravilha. Conheço poucas pessoas tão humanas quanto você, May. Essa conquista é sua também! Muito obrigada pelo dia que você decidiu acreditar em mim, quando escreveu: "Vamos, Mari. Vou com você!". A você e ao pré-mestre, serei eternamente grata.

Ao Colégio Menezes e Sousa, nas pessoas queridas do Sr. Apolinário e da tia Josefa. A instituição que me fez desejar a docência e que eu levo no coração. Sou grata por tudo o que fizeram por mim e pelos meus. Sorte é a de quem tem a oportunidade de ser alvo da bondade e generosidade de vocês! Esse agradecimento se estende a cada pessoa que eu tive a oportunidade de conhecer durante os 11 anos que estudei na escola e, mesmo depois, quando tive a oportunidade de ser professora também lá.

Aos meus professores. As pessoas ficam surpresas quando eu digo que lembro de cada professor meu (e lembro mesmo!), porque vocês são os maiores e



melhores exemplos que eu pude ter. Agradeço, em especial, aos de Língua Portuguesa, Socorro Matos, Renata Línfer, Márcia Josélia e Igor Mascarenhas. Eu tenho muito orgulho de ter sido aluna de cada um. Vocês acreditaram mais em mim do que eu mesma.

Às minhas “amigas para sempre”, Daiane Veras, Daniela Lira, Isabelly Paula, Liliana Barboza e, em especial, à Isabelly Santana. Agradeço a vocês por permanecerem e serem companhia em todos os caminhos que eu tenho descoberto. À Belly, agradeço pelas idas aos cafés que eram abraços no meu coração cansado e ansioso por terminar esta dissertação. Dividir a docência com você é privilégio para poucos! Você me lembra que existe amor da ponta do lápis à ponta da sapatilha! Obrigada por tanto!

Aos meus alunos e ex-alunos, muito desse trabalho é dedicado a vocês, as doses diárias de carinho e amor que eu recebi também foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Escolho diariamente ser professora por vocês!

Aos amigos desde o tempo da graduação - Alessandra Melo, Artur Viana, Eduardo Almeida, Ítalo André e Sara Ludge. Também às amigadas que construí por causa desse mestrado: Aline Kécia, Amanda Avelar, Brenda Raquel, Kelmy Camurça, Talita Dantas e Rayssa Sales. O caminho foi mais leve porque foi com vocês. Obrigada por cada conversa, pelas disciplinas e trabalhos apresentados e por ouvirem os meus longos áudios sobre a minha pesquisa, ainda que não entendessem bem o que significavam. Agradeço também a Maylle Freitas, que prontamente se dispôs a auxiliar-me na análise estatística.

Aos meus amigos da Cru Campus e ao meu especial grupinho do rolê. O sustento em oração de vocês foi um dos meus maiores presentes. Muito obrigada por todo amor que demonstraram na Universidade e ao longo desses (mais de) dois anos de Mestrado. Um agradecimento especial à Giulia e ao Moisés por, ainda na época da seleção, me presentear com um dos livros sugeridos na bibliografia. Amigos, que bom saber que a nossa amizade não acaba nesse mundo aqui!

Ao meu quarteto, Adna Silveira, Ester Lima e Marcelino. Minhas três duplas. Vocês são extensões da minha família, porque dividem comigo uma mesma família em Cristo. À Adna, agradeço pela amizade (e tudo o que sabemos que ela engloba)

e por me lembrar sempre que eu só preciso de vinte segundos de coragem insana para fazer o que quer que seja. À Ester, agradeço pelos anos de amizade que firmaram laços verdadeiramente fraternos, pela família que eu ganhei e por todas as vivências que compartilhamos - sejam elas acadêmicas ou não. Ao Marcelino, meu amigo mestre, agradeço pela paciência em ouvir quase diariamente o passo a passo da dissertação sendo construída, por me ajudar a organizar as ideias e seguir adiante. Obrigada por acompanharem todos os detalhes dessa vida acadêmica, pelas orações constantes, pelos risos nervosos e pela amizade sempre presente. Vocês, literalmente, viveram o processo comigo. Obrigada por não me deixarem desistir.

Ao Colégio Teleyos, nas pessoas do Sr. Stênio Pinheiro e Sra. Luzelena Aires, sempre compreensivos sobre a caminhada acadêmica, e ao Jonathan, que ouviu muitas vezes sobre a pesquisa (e se esforçou para entender em todas elas!). Vocês são presentes na vida de muita gente, inclusive na minha! Também aos amigos que firmei lá, em especial Alinne Vasconcelos, Breno Pontes, Déborah Kelly, Felipe e Mayara Honorato, Girlene Rodrigues, Júnior e Sarah Nascimento, Márcia Souza, Márcia Costa, Rafael Lino e Samuel Paz. Obrigada pelo apoio de sempre! Levo vocês no meu coração!

À minha amada Igreja Batista Filadélfia, por me permitir *ser e viver* igreja com vocês. Pela beleza do culto público, pelo amor fraternal e por lembrarem, durante a nossa comunhão, que eu tenho um vislumbre da eternidade sempre que estou com vocês. Obrigada a cada um que ouviu sobre a pesquisa e incentivou-me a continuar pesquisando. Um agradecimento especial ao PG Ellos e ao PG Kóres, pelas orações que nunca faltaram; à querida Dalila Luz, pela empolgação e apoio para que eu concluísse a dissertação; ao pastor Yuri e à Clari, por viverem a missão de Deus junto comigo, e ao Murilo (sua chegada foi uma injeção de ânimo para terminar a escrita dessa dissertação, pequenininho!); à Camilla Bello, amiga-irmã, exemplo de serva fiel, companheira de lágrimas e de sorrisos, pelas intercessões e apoio que nunca faltaram; à Giulia Mazza, pela admiração e torcida demonstradas à mim em todas as oportunidades; e, finalmente, mas não menos importante, aos queridos e muito amados pastor Luiz e tia Glaucinha, cartas vivas de Cristo, com as quais eu tenho a honra de caminhar lado a lado.

Todos aqui citados são lembretes da graça de Deus, um favor que eu não mereço. Aos que passaram, aos que estão, aos que chegarão: agradeço ao meu Deus sempre que me lembro de vocês! Muitos sabem como eu desejei ver pronta a escrita desta seção. Aqui está. Muito, muito obrigada. Meu coração está transbordando de gratidão!

Vocês mesmos são a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos. Vocês demonstram que são uma carta de Cristo, resultado do nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de corações humanos. Tal é a confiança que temos diante de Deus, por meio de Cristo. Não que possamos reivindicar qualquer coisa com base em nossos próprios méritos, mas a nossa capacidade vem de Deus. Ele nos capacitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do Espírito; pois a letra mata, mas o Espírito vivifica. (2 Coríntios 3:2-6)

## RESUMO

Esta pesquisa analisa como os valores avaliativos atitudinais emergem da articulação entre cláusulas para consolidar o propósito comunicativo de um texto. Por ser uma análise que correlaciona aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos, nosso estudo está ancorado na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta por Halliday (1994), e no Sistema de Avaliatividade, proposto por Martin e White (2005). Além disso, consideramos pesquisas recentes que tiveram como foco a articulação de cláusulas (RODRIGUES, 2016; CAVALCANTE, 2020; SEMEDO, 2021) e que nos auxiliaram a compor os grupos de fatores linguísticos que serão analisados, quais sejam: o valor avaliativo atitudinal expresso na oração, o valor avaliativo atitudinal presente no complexo oracional, eixo tático, relações lógico-semânticas, modo oracional, polaridade da oração, estatuto informacional da oração, plano discursivo e recursos de gradação. A amostra selecionada para o trabalho contém 7 das 13 epístolas paulinas (BÍBLIA, 2009), divididas de acordo com as relações entre autor e destinatário (pessoais, eclesiais e pastorais – fator considerado como extralinguístico) e equilibradas de acordo com o volume textual. Os procedimentos metodológicos que caracterizam nossa pesquisa são: coleta, codificação e análise quantitativo-qualitativa de dados, por meio do programa estatístico R (GRIES, 2019). Foram coletados 594 dados no total, os quais foram tratados estatisticamente, para análise exploratória, em teste de qui-quadrado, com relação aos grupos de fatores supracitados. Depois dessa análise, os dados foram submetidos a um modelo de análise mais robusto, o modelo de regressão logística multinomial, a fim de verificar quais variáveis e quais níveis, dentro dessas variáveis, favorecem ou desfavorecem os valores avaliativos. Os resultados indicaram como relevantes para o fenômeno em estudo os seguintes grupos de fatores: relações lógico-semânticas, estatuto informacional da oração, tipo de carta, modo oracional e polaridade da oração. Este trabalho considera a proposta inicial da LSF, cuja perspectiva era descritiva, e a premissa funcionalista de que os domínios sintático, semântico e pragmático-discursivo estão diretamente relacionados, já que acreditamos que as escolhas dos valores avaliativos atitudinais são realizadas pela lexicogramática via sintaxe e semântica, e reverberam no alcance do propósito comunicativo de um texto, em âmbito pragmático-discursivo.

**Palavras-chave:** Linguística Sistêmico-Funcional; Sistema de Avaliatividade; Articulação de orações; Gênero epistolar.

## RESUMEN

Esta investigación analiza cómo los valores evaluativos actitudinales emergen de la articulación entre cláusulas para consolidar el propósito comunicativo de un texto. Por ser un análisis que relaciona aspectos sintácticos, semánticos y pragmáticos, nuestro estudio está basado en la Lingüística Sistémico-Funcional (LSF), propuesta por Halliday (1994), y en el Sistema de Valoración, propuesto por Martin y White (2005). Además, consideramos investigaciones recientes que tuvieron como foco la articulación de cláusulas (RODRIGUES, 2016; CAVALCANTE, 2020; SEMEDO, 2021) y que nos auxiliaron a componer los grupos de factores lingüísticos que serán analizados, que son: el valor evaluativo actitudinal expreso en la oración, el valor evaluativo actitudinal presente en el complejo oracional, eje táctico, relaciones lógico-semánticas, modo oracional, polaridad de la oración, estatuto informacional de la oración, plano discursivo y recursos de gradación. La muestra seleccionada para el estudio contiene 7 de las 13 epístolas paulinas (BÍBLIA, 2009), divididas de acuerdo con las relaciones entre autor y destinatario (personales, eclesiásticas y pastorales - factor considerado como extralingüístico) y equilibradas de acuerdo con el volumen textual. Los procedimientos metodológicos que caracterizan nuestra investigación son: recolección, codificación y análisis cuantitativo-cualitativo de los datos, por medio del programa estadístico R (GRIES, 2019). Fueron recolectados 594 datos, los cuales fueron tratados estadísticamente, para análisis exploratorio, en test de chi-cuadrado, con relación a los grupos de factores ya mencionados. Después de ese análisis, los datos fueron sometidos a un modelo de análisis más robusto, el modelo de regresión logística multinomial, con el fin de verificar cuáles variables y cuáles niveles, dentro de esas variables, favorecen o desfavorecen los valores evaluativos. Los resultados indicaron como relevantes para el fenómeno en estudio los siguientes grupos de factores: relaciones lógico-semánticas, estatuto informacional de la oración, tipo de carta, modo oracional y polaridad de la oración. Este estudio considera la propuesta inicial de la LSF, cuya perspectiva era descriptiva y la premisa funcionalista de que los dominios sintáctico, semántico y pragmático-discursivo están directamente relacionados, ya que creemos que las escojas de los valores evaluativos actitudinales son realizadas por la léxicogramática a través de sintaxis y semántica, y reverberan en el alcance del propósito comunicativo de un texto, en ámbito pragmático-discursivo.

**Palabras clave:** Lingüística Sistémico-Funcional; Sistema de Valoración; Articulación de oraciones; Género epistolar.



## ABSTRACT

This research analyses how the attitude values rise from the articulations of clauses to secure the communicative purpose of a text. This kind of analysis correlates syntactic, semantic and pragmatic aspects; our study is based on the Systemic Functional Linguistics (SLF) developed by Halliday (1994) and on the Appraisal System developed by Martin and White (2005). Besides that, we considered recent studies that focused on the articulation of clauses (RODRIGUES, 2016; CAVALCANTE, 2020; SEMEDO, 2021) that helped us to build the linguistic factor categories which will be analyzed, being those: attitudinal valuation value expressed in the clause, attitudinal valuation value shown in the complex clause, tactic system, logical-semantic relations, clause mode, polarity clause, clause informational status, discursive level and the grading features. The sample selected for this work contains 7 out of the 13 Paul's letters (BÍBLIA, 2009), divided according to the relations between the author and the recipients (personal, ecclesiastical and pastoral – factor considered as extralinguistic) and balanced accordingly to the textual volume. The methodological procedures that characterize our research are: data collection, data coding and quantitative-qualitative analysis using the R statistical program (GRIES, 2019). It was collected 594 data which were statistically treated for an exploratory research with the chi-square test in relation to factor categories mentioned above. After this analysis, the data were inserted in a stronger analysis model, the multinomial logistic regression model in order to verify which variables and levels, in those variables, favor or disadvantage the valuation values. The results indicated how relevant to the studied phenomenon the following factor categories: logical-semantic relations, clause informational status, type of letter, clause mode and polarity clause. This work considers the initial proposition of SFL that has a descriptive perspective and the functionalist premise in which the syntactic, semantic and pragmatic-discursive domains are directly related considering that we believe that the choices of the attitudinal valuation values are done by the lexicogramatics through syntaxes and semantics that resonate in the communication purpose range of a text in a pragmatic-discursive level.

**Key-words:** Systemic Functional Linguistics; Appraisal System; Articulation of clauses; Epistolary genre.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Valor avaliativo atitudinal expreso na oração.....	71
Tabela 02	Valor avaliativo atitudinal específico expreso na oração.....	72
Tabela 03	Valor avaliativo atitudinal presente no complexo oracional.....	75
Tabela 04	Valor avaliativo atitudinal expreso na oração e eixo tático.....	78
Tabela 05	Valor avaliativo atitudinal expreso na oração e relações lógico-semânticas.....	80
Tabela 06	Valor avaliativo atitudinal expreso na oração e modo oracional.....	84
Tabela 07	Valor avaliativo atitudinal expreso na oração e polaridade.....	86
Tabela 08	Valor avaliativo atitudinal expreso na oração e estatuto informacional.....	87
Tabela 09	Valor avaliativo atitudinal expreso na oração e plano discursivo.....	90
Tabela 10	Valor avaliativo atitudinal expreso na oração e gradação.....	92
Tabela 11	Valor avaliativo atitudinal expreso na oração e tipo de carta...	94
Tabela 12	Resultados do modelo de regressão logística multinomial.....	99
Tabela 12a	Resultados do modelo de regressão logística multinomial com foco no valor avaliativo atitudinal de afeto.....	101
Tabela 12b	Resultados do modelo de regressão logística multinomial com foco no valor avaliativo atitudinal de apreciação.....	104

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Valor avaliativo atitudinal <i>versus</i> tipo de carta.....	102
Gráfico 02	Valor avaliativo atitudinal <i>versus</i> estatuto informacional da oração.....	103
Gráfico 03	Valor avaliativo atitudinal <i>versus</i> eixo tático.....	105
Gráfico 04	Valor avaliativo atitudinal <i>versus</i> relações lógico-semânticas.....	106
Gráfico 05	Valor avaliativo atitudinal <i>versus</i> modo oracional.....	107
Gráfico 06	Valor avaliativo atitudinal <i>versus</i> polaridade da oração.....	108

## **LISTA DE ABREVIações E SIGLAS**

LSF - Linguística Sistêmico-Funcional

n - número de ocorrências dos dados

valor-*p* - valor de *p* (no R Studio, utilizado para medir significância)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	22
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	29
<b>2.1 A Linguística Sistêmico-Funcional</b> .....	29
<b>2.2 O Sistema de Avaliatividade</b> .....	34
<b>2.2.1 O subsistema de atitude</b> .....	35
<b>2.3 A articulação de orações</b> .....	39
<b>2.4 Estado da arte: a articulação de orações e o sistema de avaliatividade</b> .	43
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	47
<b>3.1 Métodos da pesquisa: de abordagem e de procedimento.</b> .....	47
<b>3.2 Delimitação do universo da amostra</b> .....	47
<b>3.3 Procedimentos para coleta de dados</b> .....	49
<b>3.3.1 - Grupos de fatores linguísticos</b> .....	49
3.3.1.1 - <i>O valor avaliativo atitudinal expresso na oração</i> .....	50
3.3.1.2 - <i>O valor avaliativo atitudinal expresso no complexo oracional</i> .....	54
3.3.1.3 - <i>Eixo tático</i> .....	54
3.3.1.4 - <i>Relações lógico-semânticas</i> .....	56
3.3.1.5 - <i>Modo oracional</i> .....	59
3.3.1.6 - <i>Polaridade da oração</i> .....	60
3.3.1.7 - <i>Estatuto informacional da oração</i> .....	61
3.3.1.8 - <i>Plano discursivo</i> .....	64
3.3.1.9 - <i>Recursos de gradação</i> .....	65
<b>3.3.2 - Grupo de fator extralinguístico</b> .....	67
<b>3.4 Procedimentos para análise de dados</b> .....	67
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	71
<b>4.1 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração</b> .....	71

<b>4.2 O valor avaliativo atitudinal presente no complexo oracional.....</b>	<b>74</b>
<b>4.3 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração e o eixo tático .....</b>	<b>77</b>
<b>4.4 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração e relações lógico- semânticas .....</b>	<b>80</b>
<b>4.5 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração e modo oracional .....</b>	<b>84</b>
<b>4.6 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração e polaridade .....</b>	<b>86</b>
<b>4.7 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração e estatuto informacional .....</b>	<b>87</b>
<b>4.8 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração e plano discursivo.....</b>	<b>89</b>
<b>4.9 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração e gradação .....</b>	<b>92</b>
<b>4.10 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração e tipo de carta.....</b>	<b>94</b>
<b>4.11 Análise do modelo de regressão logística multinomial .....</b>	<b>96</b>
<i>4.11.1 Análise do modelo de regressão multinomial, com foco no valor avaliativo atitudinal de afeto.....</i>	<i>101</i>
<i>4.11.2 Análise do modelo de regressão multinomial, com foco no valor avaliativo atitudinal de apreciação .....</i>	<i>104</i>
<i>4.11.3 Análise do modelo de regressão multinomial, com foco no valor avaliativo atitudinal de julgamento .....</i>	<i>105</i>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>113</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>119</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A articulação de orações<sup>1</sup> tem sido foco de diferentes estudos linguísticos no Brasil (dentre os quais podemos destacar os estudos de DECAT (2001) e RODRIGUES (2006)). As pesquisas de orientação funcionalista sobre articulação de orações (e outros fenômenos linguísticos), em sua maioria, o fazem a serviço de determinado gênero textual, seja ele oral ou escrito, pois o Funcionalismo considera a língua como um instrumento de interação social (NEVES, 1999; 2018). Nesse sentido, aceita o postulado de que a língua é construída no momento em que é enunciada, sendo o sistema linguístico moldado pelas pressões do uso. Por esse motivo, os estudos funcionalistas consideram o texto como objeto de análise - ou seja, as estruturas linguísticas são analisadas em situações reais de uso da língua – e, mais especificamente, para a descrição linguística, Gouveia (2009) afirma que o texto serve como “um espécime, ou seja, uma instanciação do sistema, pelo que suas descrição e análise servem ao propósito de sabermos coisas sobre o sistema, a única forma de a este chegarmos, em termos de conhecimento descritivo” (GOUVEIA, 2009, p. 19). Sendo o texto uma instanciação do sistema, a Gramática Funcional, de modo geral, relaciona as estruturas gramaticais com a situação comunicativa, considerando sempre o propósito de cada evento de fala, os participantes e o contexto discursivo.

Estudos mais recentes sobre a articulação de orações (MOURA, 2009; RAMOS, 2016) já admitem que determinadas estruturas oracionais, dentro de alguns contextos, veiculam diferentes valores avaliativos que revelam a intenção do falante/escritor de acordo com o seu propósito comunicativo. Esses estudos, especificamente, tomam como base o Sistema de Avaliatividade proposto por Martin e White (2005), advindo da teoria da Linguística Sistêmico-Funcional proposta por Halliday (1994), da qual trataremos mais adiante. Há ainda outras pesquisas desenvolvidas recentemente que investigam a articulação de orações sob outras vertentes teóricas, como é o caso de Cavalcante (2020), que desenvolveu seu estudo sobre articulação oracional mediante a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso; e Semedo (2021), que considerou a vertente funcionalista norte-

---

<sup>1</sup> Assim como Decat (1993, p.30), trataremos ‘cláusula’ e ‘oração’ como termos intercambiáveis.

americana para uma análise descritiva de orações complexas em língua cabo-verdiana.

Os estudos sobre a articulação de orações, seja em perspectiva da gramática tradicional/normativa seja em perspectiva funcionalista, são vários, dentre os quais citamos Abreu (1997), Antonio (2003), Carvalho (2004), Olímpio (2007), Dias e Moura (2011), Dias (2013; 2014), Silva (2011), Henriques e Schlee (2012) e Ramos e Silva (2016). Estes trabalhos analisam a articulação de orações sob diversos vieses, entretanto, consideram, em sua maioria, apenas o nível sintático-semântico da sentença.

Tomando como pressuposto que os valores avaliativos em nível semântico-discursivo emergem na lexicogramática através da articulação de cláusulas, nossa pesquisa questiona: como as avaliações atitudinais são realizadas através de estruturas oracionais, contribuindo, portanto, para alcançar um propósito comunicativo? A partir deste problema, é que propomos as seguintes questões de pesquisa:

- a) Quais estruturas oracionais codificam os valores avaliativos atitudinais expressos nas epístolas paulinas?
- b) Como fatores linguísticos (considerando-se os grupos valor avaliativo atitudinal expresso na oração, valor avaliativo atitudinal presente no complexo oracional, eixo tático, relações lógico-semânticas, modo oracional, polaridade da oração, estatuto informacional da oração, plano discursivo e recursos de gradação) condicionam o uso de estruturas oracionais com valores avaliativos nas epístolas paulinas?
- c) De que modo o fator extralinguístico relação autor-público condiciona o uso de estruturas oracionais com valores avaliativos atitudinais nas epístolas paulinas?

O que defenderemos, neste estudo, é que o valor semântico avaliativo que emerge do nível sintático-semântico, ou seja, da articulação de orações, precisa ser analisado também em uma perspectiva discursiva, a fim de entender como essa articulação de orações contribui para que os propósitos comunicativos do falante/escritor sejam alcançados. Nesse sentido, nosso estudo objetiva investigar,



à luz da Linguística Sistêmico-Funcional, quais valores avaliativos atitudinais (de afeto, julgamento e apreciação) são expressos pelas estruturas oracionais em gênero epistolar, mais especificamente nas epístolas paulinas, e como esses valores contribuem para que o escritor consolide seu propósito comunicativo. Não trataremos, portanto, de um tipo oracional específico, mas mapearemos as ocorrências de formas oracionais<sup>2</sup> que veiculem os significados avaliativos atitudinais.

A abordagem funcional a ser adotada para essa análise será, como exposto, a proposta por Halliday (1994), que ficou conhecida como Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Nessa abordagem, Halliday procura chegar à resposta de por que o falante escolhe determinados itens para seu enunciado, em detrimento de outros. Sistema e uso, para o autor, são indissociáveis, de modo que não podemos estudar um sem considerar o outro. Além disso, uma das principais características da LSF é considerar a linguagem não só em sua função comunicativa, mas ainda em outras três metafunções: ideacional, interpessoal e textual. Essas metafunções “são as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 32). Como explicam as autoras, a metafunção ideacional está relacionada à compreensão do meio; a metafunção interpessoal, às relações entre os participantes; e a metafunção textual, à organização da informação. Essas metafunções definem a oração como representação, troca e mensagem, e contribuem ativamente para o estudo da cláusula.

Vale ressaltar que, para a LSF, essas metafunções não acontecem separadamente, mas concomitantemente. Sendo assim, nossa pesquisa busca colocar em evidência a metafunção interpessoal, analisando mais atentamente os valores avaliativos atitudinais que emergem da articulação de orações. A categorização desses valores avaliativos advém do Sistema de Avaliatividade, consolidado em Martin e White (2005), que se preocupa com os recursos linguísticos através dos quais o falante expressa, negocia ou naturaliza determinadas posições intersubjetivas e até ideológicas. Martin e White (2005)

---

<sup>2</sup> As formas oracionais serão averiguadas a partir dos dois eixos de análise propostos por Halliday (1985): o eixo tático e o eixo lógico-semântico. Para entender essa análise mais detalhadamente, ver o capítulo Metodologia.

propõem, dentro dos estudos da Avaliatividade, três subsistemas: atitude, engajamento e gradação. O primeiro diz respeito a recursos linguísticos que marcam a atitude do falante no enunciado e é dividido em afeto, julgamento ou apreciação. O segundo está relacionado aos recursos que o falante utiliza para se posicionar em relação a propostas e proposições presentes no texto, demarcando um ponto de vista e negociando um espaço interpessoal com relação às suas posições. O subsistema de gradação serve a esses dois outros subsistemas e mostra como o falante aumenta ou diminui o impacto interpessoal de seu enunciado, através de mecanismos de foco e força. Acreditamos que esses valores são mais ou menos expressos, a depender do propósito comunicativo do texto. Tomando como base o subsistema de atitude, em textos de cunho mais pessoal, por exemplo, é provável que valores atitudinais de afeto sejam mais expressos, visto a proximidade autor-destinatário; já em textos de cunho menos pessoal<sup>3</sup>, os recursos de julgamento e apreciação seriam mais sobressalentes, devido às características de argumentação e defesa de pontos de vista presentes nesses textos.

Por se tratar de um sistema semântico-discursivo, o Sistema de Avaliatividade tem servido a diversos estudos nas mais diversas áreas da Linguística: Linguística Textual, Análise do Discurso e, sobretudo, na Linguística Aplicada. Essa informação é comprovada por Almeida e Vian Jr. (2018), ao apresentarem o panorama dos estudos em Avaliatividade no Brasil entre os anos de 2005 a 2017. Além disso, outros diversos estudos foram desenvolvidos na área como é o caso de Cruz (2012), Nunes e Cabral (2013), Gusmão (2015), Maciel e Rodrigues-Júnior (2017), Borges e Parreira (2020) e Prefeito (2021). Todos esses estudos perpassam as áreas da Linguística supracitadas; entretanto, é interessante lembrar que a Linguística Sistêmico-Funcional se propõe inicialmente descritiva e, apesar disso, poucos são os trabalhos desenvolvidos sob este viés. Por ser uma área de estudos que ganhou força nos últimos anos, é possível já encontrarmos também livros que fazem uma exposição da teoria e das análises desenvolvidas em Língua Portuguesa, como é o caso do livro “A linguagem da Avaliação em Língua Portuguesa” (2010) que conta, em sua organização, com um dos maiores

---

<sup>3</sup> Consideramos textos de cunho menos pessoal aqueles direcionados a um público maior, e não a uma pessoa específica. Esses textos, para nós, possuem um teor mais argumentativo.

estudiosos sobre Avaliatividade em território nacional, o professor doutor Orlando Vian Jr. O que propomos nesse estudo, portanto, é voltar às raízes da Linguística Sistêmico-Funcional (que, como dito, propõe-se inicialmente descritiva) tomando como objeto a articulação de orações e os valores que emergem de suas combinações, analisando-os via Sistema de Avaliatividade, ou seja, investigando recursos avaliativos em componentes oracionais.

As pesquisas desenvolvidas sobre dito sistema propõem-se a analisar gêneros textuais específicos, dentre as quais podemos citar Lima (2010), que analisa o papel do Sistema de Avaliatividade em reportagens; Marra (2017), que estuda o subsistema de atitude em entrevistas de artistas; Pinton e Pereira (2017), que investigaram o subsistema de atitude e engajamento em textos argumentativos produzidos em escola; Santos, Mea e Cabral (2020), que trabalharam com o texto jornalístico; e Silva e Rottava (2020), que analisaram o subsistema atitudinal na escrita acadêmica. O *corpus* de nossa pesquisa, entretanto, distancia-se um pouco desses que já foram analisados: trata-se de uma análise do texto bíblico, mais especificamente de gênero epistolar, produzido por um mesmo autor. A escolha por esse *corpus* parte de uma motivação pessoal de entender como os propósitos do autor da epístola são alcançados, através de suas escolhas avaliativas. Por ser um texto religioso e utilizado, hoje, em caráter instrutivo, acreditamos que esses propósitos primeiros continuam reverberando seus valores avaliativos no público o qual alcança. Para além disso, a pesquisa contribui para os estudos sobre gênero epistolar e também para o estudo do texto bíblico, ambos ainda tão escassos em nossa área.

Em uma breve análise, no trecho de uma das epístolas paulinas, o escritor coloca: (01) “Seu amor nos tem dado grande alegria e consolação, porque você, irmão, tem reanimado o coração dos santos.” (BÍBLIA, 2009). Neste caso, o valor atitudinal de **afeto** é veiculado através da articulação entre as duas cláusulas paratáticas. A primeira oração realiza o sentimento de *felicidade*, enquanto a segunda oração, classificada pela Gramática Tradicional (GT) como explicativa, apresenta um sentimento de *satisfação* do autor, quando se refere ao feito do destinatário (a reanimação do coração dos santos). A relação de menor

dependência<sup>4</sup> estabelecida pelo bloco paratático dá margem para a reflexão sobre a motivação da ocorrência da segunda oração, que expande a primeira: ora, se consideramos que uma oração coordenada é menos dependente de outra e veicula algum significado, é justo pensar por qual motivo, então, o autor decide acrescentar outra oração para consolidar sua atitude com relação aos feitos do apóstolo, atitude esta já afirmada na primeira oração. Parece-nos curioso pensar que é justamente através da combinação entre as cláusulas que o autor atende a uma necessidade de esclarecimento dentro do texto, ao mesmo tempo em que mostra o seu afeto pelo destinatário.

Como já foi exposto, nossa pesquisa analisará dados como esse, em que a estrutura oracional veicula valor avaliativo atitudinal, em busca de verificar que valores são expressos de acordo com o propósito comunicativo, dentro de um mesmo gênero textual, e, ainda, buscará analisar, em perspectiva descritiva, como fatores linguísticos<sup>5</sup> (valor avaliativo atitudinal expresso na oração, valor avaliativo atitudinal presente no complexo oracional, eixo tático, relações lógico-semânticas, modo oracional, polaridade da oração, estatuto informacional da oração, plano discursivo e recursos de gradação) condicionam o uso de estruturas oracionais com valor avaliativo e de que modo o fator extralinguístico (a relação autor-público, por meio dos tipos de carta - pastoral, eclesiástica e pessoal) está envolvido nesse processo. Os estudos desses fatores justificam-se por estarem diretamente relacionados às metafunções envolvidas no processo comunicativo de um texto, sendo, portanto, fatores sintático-semânticos e discursivos que consideramos relevantes para entender o valor atitudinal expresso por meio da articulação de orações. Nesse sentido, fazemos, mais uma vez, menção ao fato de que as metafunções estão intrinsecamente relacionadas, sendo assim, ter como foco a metafunção interpessoal não nos isenta de tratar, em um momento ou outro, de aspectos de outra metafunção, principalmente da textual, que materializa as relações subjacentes à interpessoalidade.

---

<sup>4</sup> Consideramos que, na parataxe, não há dependência sintática, mas existe alguma dependência semântica.

<sup>5</sup> Para uma descrição mais detalhada dos grupos de fatores linguísticos, ver o capítulo de Metodologia.

Diante do exposto, nossa pesquisa tem sua pertinência e relevância por abordar a articulação de orações à luz da Linguística Sistêmico-Funcional, a fim de verificar como as estruturas oracionais realizam o nível interpessoal da linguagem, veiculando valores avaliativos atitudinais para consolidar determinado propósito comunicativo. Esses valores serão analisados, mais especificamente, dentro do Sistema de Avaliatividade proposto por Martin e White (2005), em seu subsistema de atitude. Haja vista não termos muitas pesquisas descritivo-funcionais que se utilizam dessa abordagem, acreditamos que nossa pesquisa é necessária também como um modo de consolidar a teoria, tendo em vista seu teor de aplicação (e análise) em um *corpus*.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A Linguística Sistêmico-Funcional

Sabe-se que a Linguística emerge como ciência a partir da definição de seu objeto de estudo: a língua, por Ferdinand de Saussure. Enquadra-se, inicialmente, em um modelo estrutural de estudo das línguas, considerando seu objeto, a língua (*langue*), como um sistema estruturado, homogêneo, de caráter estático e que deveria, por isso, ser estudado em sua sincronia (SAUSSURE, 2012). Com o desenvolvimento dos estudos linguísticos, são duas as correntes que se destacam dentro da Ciência Linguística: o Formalismo e o Funcionalismo.

O Formalismo é marcado, de modo geral, pelos estudos estruturais e gerativos, objetivando sempre analisar a forma da expressão linguística. O Funcionalismo, por outro lado, surge como uma vertente de reação aos estudos formais e objetiva analisar a língua a partir de seu uso e de suas funções. Dentro da proposta funcionalista de estudo da linguagem, surgiram diferentes vieses dentre os quais se destacam três: o funcionalismo da costa-oeste norte-americana (representado, dentre outros, por Givón, Hopper, Thompson e Lehmann) que desemboca, atualmente, nos estudos da Linguística Funcional Centrada no Uso; o funcionalismo holandês de Simon Dik, que conta com as atualizações de Hengeveld e Mackenzie propostas para a Gramática Discursivo-Funcional e o funcionalismo britânico de Michael Halliday, conhecido por sua proposta de considerar a Gramática dentro de sua perspectiva sistêmica e funcional. É esta última a teoria que trará luz à nossa pesquisa.

A teoria da Linguística Sistêmico-Funcional surge, como outras vertentes funcionalistas, de uma proposta de descrição da gramática da língua inglesa (NEVES, 2018) e, por isso, pode-se dizer que a proposta de Halliday é de uma Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), já que parte de uma sistematização do funcionamento da língua. Fuzer e Cabral (2014) apontam que a GSF é uma teoria sociosemiótica, justamente porque sua análise contempla a interface entre o nível lexicogramatical e semântico-discursivo da linguagem. Além disso, como teoria fundada em uma abordagem também tipológica, ou seja, que pretendia descrever a estrutura de línguas, considerando a realização das opções de que um falante

dispõe, reconhece-se também nominalmente como teoria da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF).

A proposta hallidayana está diretamente ligada, afirma Neves (2018), à proposta sistêmica do linguista Firth, que se baseava nos estudos antropológicos de Malinowski e Whorf, ambos de base etnográfica. Para esses dois últimos teóricos, o contexto seria fundamental para compreender as relações estabelecidas dentro de uma sociedade. De modo geral, o que a teoria da LSF buscava era “identificar as estruturas de linguagem específica que contribuem para o significado de um texto.” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 19). Sendo assim, o contexto envolveria todos os estratos de realização da linguagem (HALLIDAY, 1994), quais sejam: estrato semântico, estrato lexicogramatical, estrato fonológico e grafológico. Esses estratos são interdependentes, embora possam ser analisados separadamente, por adequação metodológica.

É nesse sentido que Halliday defende, portanto, para o desenvolvimento de sua teoria, a ideia de dois contextos sob os quais se estudaria a linguagem: o contexto de situação e o contexto de cultura. Esses contextos são passíveis de identificação dentro de um texto, haja vista que esse texto deve ser “analisado a partir de seu propósito e contexto de criação” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 22). É partindo do caráter essencialmente interativo do texto que conseguimos identificar esses dois grandes contextos reconhecidos por Halliday. O primeiro, o contexto de situação, é o contexto imediato e diz respeito ao lugar onde acontece a seleção dentro de um arcabouço de possibilidades de que o falante/escritor dispõe para utilizar; o segundo, o contexto de cultura, é um contexto institucional, ou seja, é o lugar onde se desenvolvem as possibilidades de uso (FUZER; CABRAL, 2014; NEVES, 2018).

Essas possibilidades de uso da linguagem estão diretamente relacionadas ao fato de que a linguagem é a habilidade de significar (HALLIDAY, 1978). Para Halliday (1978), essa significação acontece a depender dos contextos de situação e de cultura em que o falante/escritor está inserido. Por serem estes os contextos dentro dos quais a linguagem se realiza, a LSF considera como objeto macro de estudo o texto. Sendo a gramática a realização efetiva dessa linguagem, Neves (2018, p. 70) afirma que “o analista, [...], vai ao contexto pelo que lhe dá o texto.” É

possível, então, chegar à conclusão de que a LSF considera que é através do texto que o linguista pode entender o contexto situacional no qual o texto aconteceu e, ainda, perceber características próprias das escolhas feitas pelo falante/escritor a fim de que ele diga exatamente o que quer dizer, afinal, “os significados que podemos querer fazer são fortemente dependentes de aspectos contextuais” (GOUVEIA, 2009, p. 25).

Para a realização efetiva da linguagem, Halliday (1973; 1994) considera, em sua teoria, três metafunções, quais sejam: a metafunção ideacional, a metafunção interpessoal e a metafunção textual. Essas metafunções são, como aponta Gouveia (2009, p. 17), “a caracterização da linguagem humana” e é por conta delas que podemos descrever a estrutura das línguas naturais. A teoria propõe-se, portanto, sistêmico-funcional porque considera não só o sistema estruturado através do qual a língua é veiculada (a gramática), mas porque, para além dele, considera o funcionamento da linguagem em seus contextos e a representação dela em suas metafunções que são realizadas simultaneamente para que a função comunicativa seja, de fato, efetivada.

De acordo com Gouveia (2009), no que se refere às metafunções, a metafunção ideacional está relacionada ao caráter representacional e experiencial da linguagem e, por isso, codifica significados ideacionais; a metafunção interpessoal está relacionada à interação entre os participantes da comunicação e codifica, portanto, significados de atitudes, interação e relações sociais; já a metafunção textual permite-nos organizar as outras duas metafunções em um todo que será o texto, codificando significados de desenvolvimento textual e organização retórica. Essas metafunções ligam-se diretamente às variáveis de contexto situacional defendidas pela LSF, a saber: campo, relações e modo. Fuzer e Cabral (2014, p. 30, grifo nosso) assim definem essas variáveis:

o campo remete à atividade que está sendo realizada pelos participantes, à natureza da ação social que está ocorrendo, com objetivo específico. As **relações** envolvem os participantes, a natureza dos papéis que desempenham, o grau de controle de um participante sobre o outro, a relação entre eles (hierárquica ou não) e a distância social ou o grau de formalidade (mínima, média ou máxima, dependendo da frequência com que interagem). O modo refere-se à função que a linguagem exerce e ao veículo utilizado naquela situação ou, ainda, ao que os participantes esperam que a linguagem faça por eles em determinada situação. Trata do papel da linguagem (constitutivo ou auxiliar/suplementar), do



compartilhamento entre os participantes (dialógico ou monológico), do canal (gráfico ou fônico) e do meio (oral com ou sem contato visual, escrito e/ou não verbal).

Em nossa pesquisa, trataremos diretamente da metafunção interpessoal e, por esse motivo, as relações entre os participantes da comunicação serão relevantes para a análise, configurando-se como grupo de fator<sup>6</sup> extralinguístico.

Para a LSF, “o texto é o que produzimos quando comunicamos” (GOUVEIA, 2009, p. 18) e, por isso, é estudado dentro de sua funcionalidade. É por esse motivo que Fuzer e Cabral (2014, p. 24) defendem que “por ser essencialmente interativo, o texto precisa ser analisado a partir do propósito e do processo de criação.”. Ainda na perspectiva da LSF, “o texto não é uma unidade semântica composta de orações; o texto realiza-se em orações” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 24). Gouveia (2009, p. 19) afirma ser a oração “a unidade principal de processamento da gramática”. É na oração que os significados são mapeados para compor um todo textual que realiza integralmente todas as metafunções supracitadas. É ainda nesse sentido que a oração é classificada como uma estrutura linguística, por seu caráter sintagmático e de realização efetiva da língua no texto. Além disso,

as três metafunções da linguagem definem a oração como uma unidade gramatical plurifuncional: é organizada de acordo com os significados ideacionais, interpessoais e textuais (estrato semântico), em que a oração é vista como uma composição - oração como representação, oração como interação e oração como mensagem. Cada metafunção é realizada por um sistema próprio no estrato léxico-gramatical. (FUZER; CABRAL, 2014, p. 32)

Na lexicogramática, a metafunção interpessoal é realizada a partir do sistema de Modo, e a oração desempenha *funções de fala*, já que instancia a interação entre falante e ouvinte. São três os modos oracionais que realizam as funções de fala: interrogativo, declarativo e imperativo (FUZER; CABRAL, 2014). Para as autoras, a oração também é formada de componentes interpessoais, quais sejam: Modo<sup>7</sup> e Resíduo, Polaridade, Modalidade e Modulação. Os grupos Modo e Resíduo não serão considerados em nossa pesquisa, pois nosso objetivo é analisar diretamente

<sup>6</sup> As exemplificações e as discussões acerca dos procedimentos de análise de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos estão explicitadas no capítulo Metodologia.

<sup>7</sup> Fuzer e Cabral (2014, p. 108) esclarecem a diferença entre a escrita dos termos propostos pela LSF, MODO, Modo e modo: “Modo (com inicial maiúscula) é o nome de um dos elementos da estrutura interpessoal da oração (Modo + Resíduo), enquanto MODO (todas maiúsculas) é o nome do sistema interpessoal primário - a gramaticalização do sistema semântico de Funções de Fala na oração. Existe ainda o termo modo (todas minúsculas) que se refere a uma das variáveis do contexto de situação”.

a articulação oracional, e não seus constituintes particulares. Modalidade e modulação também não serão considerados, porque são fatores que não se aplicam a todos os tipos oracionais. Sendo assim, para nossa pesquisa, os modos<sup>8</sup> oracionais e a polaridade serão considerados como grupos de fatores linguísticos, pois acreditamos que são relevantes para entender como o autor/falante realiza valores avaliativos.<sup>9</sup> Além de fatores diretamente relacionados à metafunção interpessoal da linguagem, optamos por acrescentar como grupo de fator linguístico também a estrutura informacional da oração. Na perspectiva da LSF, esse grupo faz parte da metafunção textual da linguagem (aquela que se realiza no nível lexicogramatical), composta por dois sistemas inter-relacionados, que são estrutura da informação<sup>10</sup> (nível do conteúdo) e estrutura temática (nível da oração). Como a primeira trata do nível do conteúdo (acreditamos ser deste nível que os valores avaliativos emergem) e diz respeito aos conhecimentos compartilhados pelos interlocutores, optamos pela escolha metodológica deste grupo de fator.<sup>11</sup>

Em síntese, nesta seção, ao apresentarmos a teoria de base, ressaltamos a unidade de análise da LSF: a oração. Dentro da LSF, acreditamos serem três os grupos de fatores linguísticos relevantes para a pesquisa, são eles modo oracional (declarativo, imperativo ou interrogativo), polaridade (afirmativa ou negativa) e estatuto informacional da oração (informação nova ou dada). O primeiro, por estar diretamente relacionado à interação entre falante e ouvinte; o segundo, por ser parte dos recursos linguísticos da interpessoalidade e o terceiro, por estar diretamente relacionado ao compartilhamento da informação entre os interlocutores. Também justificamos a opção pelo grupo de fator extralinguístico que considerará as relações desempenhadas pelos interlocutores no momento da comunicação. Como nossa pesquisa busca entender como valores avaliativos são realizados através da combinação oracional, ou seja, como o nível semântico-discursivo emerge na lexicogramática, apresentamos na seção seguinte o sistema que norteará a análise desses valores.

---

<sup>8</sup> Salientamos que “modo” (com todas as letras minúsculas) se refere aos modos oracionais declarativo, imperativo e interrogativo.

<sup>9</sup> Os valores avaliativos que serão analisados estão expostos na seção 2.2, na qual apresentamos o Sistema de Avaliatividade.

<sup>10</sup> Para Fuzer e Cabral (2014, p. 128), “na estrutura da informação, segmentos organizados vão sendo relacionados entre o que é Dado e o que é Novo”.

<sup>11</sup> O modo como este grupo de fator está configurado está explicitado no capítulo de Metodologia.

## 2.2 O Sistema de Avaliatividade

Assim como a LSF, o Sistema de Avaliatividade, proposto por Martin e White (2005), tem seu início em uma pesquisa descritiva dos valores avaliativos emergentes em língua inglesa (VIAN JR; SOUSA; ALMEIDA, 2010). Esse estudo, pautado na LSF, analisa especificamente a metafunção interpessoal da linguagem, ou seja, aquela que abarca as relações entre falante/ouvinte e escritor/destinatário. Um estudo desenvolvido nessa área permite ao pesquisador “vislumbrar [...] os diferentes recursos utilizados e as possíveis metodologias para a análise de como tais mecanismos ocorrem em língua portuguesa.” (VIAN JR, SOUSA, ALMEIDA, 2010, p. 19). Os autores (p. 21-22) também explicam que

o Sistema de Avaliatividade [...] localiza-se no estrato da semântica do discurso e é realizado, em termos lexicais e gramaticais, no estrato da léxico-gramática, oralmente ou escrito, de acordo com a interação que se desenvolve, pelo estrato grafo-fonológico.

Sendo assim, o que um estudo que tem como base esse sistema propõe é que o analista busque compreender quais mecanismos o falante/escritor ativa para avaliar em seus dizeres e como essa avaliação em nível semântico-discursivo é realizada em nível lexicogramatical (sintático-semântico). Essa avaliação é mapeada dentro do Sistema de Avaliatividade por meio de subsistemas que o compõem, quais sejam: o subsistema de atitude, o subsistema de engajamento (ou envolvimento) e o subsistema de gradação. Cada um desses subsistemas possui diferentes subdivisões, conforme se pode visualizar através do quadro a seguir, retirado de Vian Jr., Sousa e Almeida (2010, p. 22):

<i>AVALIATIVIDADE</i>		
<b>Envolvimento</b>	<b>Atitude</b>	<b>Gradação</b>
Monoglóssico	Afeto	Força
Heteroglóssico	Julgamento	Foco
	Apreciação	

Quadro 1 – Os recursos da avaliatividade, conforme Vian Jr, Sousa, Almeida (2010)

É importante dizer que cada subsistema do sistema maior da avaliatividade é realizado de diversas formas dentro de um texto, formas essas que são expressas pelo nível lexicogramatical, ou seja, pelo nível que considera a oração. Para Vian Jr. (2010, p. 33), “o engajamento está associado às origens de nossas atitudes, onde

estão centradas, o que estamos avaliando, bem como à articulação das vozes para expressão de opiniões no discurso.”. Esse subsistema está diretamente relacionado à noção bakhtiniana de dialogismo e diz respeito “ao posicionamento inter-subjetivo dos usuários da linguagem” (VIAN JR., 2010, p. 33).

O subsistema de gradação, por sua vez, é o sistema que verifica a intensidade das avaliações. Souza (2010, p. 191) afirma que

o conceito de gradação pressupõe a existência de uma escala, ou contínuo, de intensidade virtual com valores que variam entre um pólo constituído de termos que expressam avaliações socialmente consideradas como menos intensas e um outro pólo constituído de itens que indicam avaliações consideradas mais intensas.

Os recursos de gradação são vistos mais especificamente em itens lexicais<sup>12</sup> do enunciado e serão utilizados, em nossa pesquisa, como um grupo de fator<sup>13</sup> que aumenta ou diminui a intensidade da avaliação feita na oração.

O foco de nosso estudo está diretamente no subsistema de atitude, a fim de investigar como os valores atitudinais são expressos nas estruturas oracionais em Língua Portuguesa. Por esse motivo, apresentaremos as subdivisões do subsistema de atitude na subseção a seguir.

### **2.2.1 O subsistema de atitude**

O subsistema de atitude faz referência à atitude do falante/escritor com relação ao que está sendo dito, “ele diz respeito à emoção, isto é, a uma avaliação pautada nos sentimentos dos falantes/escritores indicando como se comportam emocionalmente em relação às pessoas, às coisas, aos objetos e aos acontecimentos” (MARTIN, 2000, p. 148 *apud* VIAN JR., SOUSA, ALMEIDA, 2010, p. 101). Nesse sentido, podemos subdividir esse subsistema em três instâncias: afeto, julgamento e apreciação.

---

<sup>12</sup> “Por exemplo, na variedade padrão do português brasileiro, os itens lexicais gostar, amar e adorar compartilham, entre vários significados, o sentido de ‘ter afeição ou sentir simpatia por alguém’. Entretanto, esses itens lexicais expressam graus de intensidade diferentes. Gostar é o termo que indica o menor grau de intensidade. Em seguida vem amar, que, de acordo com o dicionário Houaiss (Houaiss e Villar, 2001), significa ‘gostar muito de’. E, finalmente, no ponto positivo extremo da escala, está adorar, que significa ‘amar de maneira extrema’.” (SOUZA, 2010, p. 191)

<sup>13</sup> Por ser considerado como grupo de fator, os recursos de gradação serão mais bem explicados no capítulo Metodologia.

O valor atitudinal de afeto dentro do texto indica “que as pessoas possuem bons (afeto positivo) e maus sentimentos (afeto negativo) que são manifestados de forma explícita ou implícita.” (ALMEIDA, 2010, p. 101). Esse valor pode ser agrupado em (1) felicidade/infelicidade; (2) segurança/insegurança; (3) satisfação/insatisfação. Esses grupos dão conta de sentimentos relacionados às emoções, ao bem estar social e a objetivos realizados (ALMEIDA, 2010). Para esta categoria, Almeida (2010, p. 101, grifos da autora) apresenta alguns exemplos em Língua Portuguesa, vejamos:

- Felicidade: **Eu rolei de rir** quando Shirley acabou de arrumar o anjinho, com um pequeno travesseiro amarrado na barriga para servir de pança.
- Infelicidade: Não posso falar nessa negra beijuda **sem que o sangue não me venha à cabeça.**
- Segurança: Narizinho eu **quero muito bem**, porque é uma espécie de **minha mãe.**
- Insegurança: O anjinho estava **assustado** de ver-se gordo daquela maneira.
- Satisfação: Cada qual fabrica uma qualidade de fruta – e é o que mais **admiro**, visto que a terra do pomar é a mesma para todas.
- Insatisfação: O senhor me **traiu.**

De acordo com Almeida (2010, p. 106), o valor atitudinal de julgamento “constrói linguisticamente as avaliações do comportamento das pessoas”. É com esse valor que conseguimos perceber normas de comportamento de uma sociedade e, por isso, é uma categoria que está diretamente relacionada ao contexto de cultura do texto que está sendo analisado. O julgamento pode ser analisado dentro de dois tipos: estima social e sanção social. Ainda para a autora (p. 106),

O julgamento de estima social envolve admiração e crítica sem implicações legais, enquanto que o de sanção social implica elogio e condenação, geralmente, com complicações legais. O tipo de julgamento (estima social ou sanção social) depende da posição institucional de quem avalia. Portanto, é quem avalia que possui o respaldo, dependendo do lugar que ocupa, para julgar as outras pessoas positivamente ou negativamente.

Martin (2000) propõe algumas perguntas para que se chegue à identificação de tipos de julgamento. Juntamente às perguntas, a autora (2010, p. 107) acrescenta alguns exemplos em Língua Portuguesa:

- Normalidade: o comportamento do indivíduo é pouco usual, especial, comum?

Dona Benta é uma **criatura boa** até ali. Só isso de me aturar, quanto não vale? O que mais gosto nela é **o seu modo de ensinar, de explicar qualquer coisa. Fica tudo claro como água. E como sabe coisas, a diaba!**

- Capacidade: o indivíduo é capaz, competente?

Tia Anastácia, essa é a ignorância em pessoa. Isto é... **ignorante**, propriamente, não. Ciência é mais coisas dos livros, isso ela **ignora completamente**. Mas nas coisas práticas da vida é uma **verdadeira sábia**.

- Tenacidade: o indivíduo é confiável, pode-se contar com ele/a? E Pedrinho? Um excelente rapaz. **Muito sério**, de **muita confiança**, menino de palavras.

- Veracidade: o indivíduo é honesto?

Quando vejo trancarem na cadeia um homem **inocente**, meu coração dói.

- Propriedade: o indivíduo é ético?

Isso é apenas para atrapalhar os futuros historiadores, gente muito **mexeriqueira**.

Como terceira categoria, o valor atitudinal de apreciação diz respeito, de modo geral, à avaliação sobre objetos e coisas. Para Almeida (2010, p. 108), “é a apreciação que abrange as reações dos falantes e as avaliações da realidade. [...] e refere-se à maneira pela qual os falantes avaliam o texto (oral ou escrito) ou o processo (fenômeno)”. Ainda conforme a autora (p. 111), “a estrutura de apreciação pode ser interpretada metafuncionalmente: reação – significado interpessoal; composição – significado textual; avaliação – significado ideacional”. De acordo com Dias (2011, p.193), é na apreciação que “a subjetividade envolvida dos participantes é muito menos diretamente representada e muito mais apreendida do contexto”. Assim como as outras categorias, a apreciação também apresenta suas subdivisões sendo elas reação (impacto ou qualidade), composição (proporção ou complexidade) e valoração. Expomos abaixo as perguntas que auxiliam na identificação deste valor, também propostas por Almeida (2010, p. 110-111, grifos da autora):

- Reação-impacto: isso te cativou?

Quero papel **cor do céu com todas as suas estrelinhas**.

- Reação-qualidade: Isso lhe agradou?  
Dizem que não tenho coração. É falso. Tenho sim, **um lindo coração** só que **não é de banana**.
- Composição-proporção: refere-se ao equilíbrio das coisas.  
Sei dizer coisas **engraçadas** e até **filosóficas**.
- Composição-complexidade: corresponde ao nível de complexidade dos objetos.  
E o enredo já tenho um **excelente** na cabeça [...] Quanto **mais maluco, mais engraçado**.
- Valoração: Isso valeu a pena?  
São memórias **fantásticas**. Quer ler um pedacinho?

Partimos então de uma ideia comum aos pesquisadores da área de que os subsistemas são categorias semânticas que são expressas através da lexicogramática. Notamos que, a partir dos exemplos, os autores defendem que as categorias de afeto, julgamento e apreciação que compõem o subsistema de atitude são instanciadas de diversas formas ora em vocábulos, ora em orações. Essas categorias podem ou não ser reafirmadas por recursos de gradação, a partir dos mecanismos de foco e força. Por outro lado, o que defendemos em nossa pesquisa é que os valores semânticos emergem da cláusula, mais especificamente do complexo oracional, lugar onde as orações aparecem articuladas.

Para entender melhor como os valores avaliativos são expressos por meio da articulação de orações é que consideramos o valor atitudinal expresso na oração como um grupo de fator relevante para a nossa pesquisa, assim como consideramos também quais mecanismos de gradação (foco ou força) são mais frequentes nas orações com valores avaliativos atitudinais. Acreditamos que o Sistema de Avaliatividade, por ser um sistema de domínio semântico-discursivo, desenvolvido a partir da LSF, pode ser estudado por meio da mesma unidade de análise da teoria: a oração e/ou o complexo oracional, já que é essa a unidade sintática que realiza lexicogramaticalmente esse sistema.

### 2.3 A articulação de orações

A articulação de orações tem sido foco de muitos estudos; isso porque, com o desenvolvimento dos estudos linguísticos em âmbito funcional, a tradição gramatical vem sendo estudada em relação aos usos linguísticos da sociedade. Para Olímpio (2007), o estudo das orações parte de uma questão sintática, passando pela semântica e chegando até ao nível do discurso, sendo necessário, portanto, uma perspectiva pragmática de análise dos dados, haja vista que as relações serão consolidadas no e moldadas pelo uso.

Sabemos que, para além das relações sintáticas estabelecidas pela articulação de orações, há também relações lógico-semânticas que, claro, estão diretamente relacionadas às diferenças entre os tipos oracionais e, conforme já dito, integram o nível discursivo da língua. Isso significa que, em perspectiva funcional,

quanto maior a integração sintática das orações de um enunciado maior a integração discursiva. [...] Dizendo de outro modo, admite-se que a integração sintática é resultante da integração discursiva subjacente, ou seja, da integração semântico-pragmática dos predicados aí envolvidos. (OLÍMPIO, 2007, p. 75).

Essas relações pragmáticas das quais fala a autora servem para efetivar a intenção comunicativa do falante, afinal, o falante faz escolhas linguísticas que são realizadas em nível sintático e que o ajudam a dizer o que ele realmente quer dizer, no momento da enunciação. Essa assertiva faz jus ao proposto pela LSF de que é importante chegar ao estudo das escolhas linguísticas que são realizadas na lexicogramática para entender o texto e seu propósito.

De acordo com Cavalcante (2020), o critério mais utilizado nas gramáticas para diferenciar os dois grandes tipos de orações é o critério da dependência. Esse também foi o critério adotado por Halliday (1985) que, para a análise da oração e do complexo oracional, propôs a classificação de dois eixos principais: o eixo tático, que diz respeito às relações de interdependência entre as cláusulas, e o eixo das relações lógico-semânticas estabelecidas entre as orações. Para análise do eixo tático, Halliday (1985) considera blocos de parataxe (- dependência, equivalendo aos blocos de coordenação) e hipotaxe (+ dependência, equivalendo aos blocos de subordinação).

Para Decat (1999, p. 24),



as diversas pesquisas que se preocupam com a língua em sua manifestação oral têm mostrado, através da evidência dos dados, que a caracterização de cláusulas coordenadas e subordinadas em termos de dependência não é assim tão simples.

Por causa disso, para além da coordenação e subordinação, os pesquisadores dedicaram-se a estabelecer critérios que diferenciasses

cláusulas que se integram estruturalmente em outra, por um lado, e aquelas que não estão sujeitas a essa integração sintática, tendo a ver com o aspecto organizacional do discurso. Surge, assim, dentro do que se acostumou chamar de subordinação, a diferenciação entre estruturas de *encaixamento* e estruturas de *hipotaxe*. (DECAT, 1999, p. 26, grifos da autora)

Além de Decat (1999), Cavalcante (2020, p. 60) observa que

as orações se articulam segundo eixos que ampliam os traços [+/- dependência] e não se resolvem na divisão discreta entre coordenação/justaposição e subordinação. Pelo contrário, tanto as coordenadas como as subordinadas apresentam diferentes níveis de dependência. (CAVALCANTE, 2020, p. 60)

O autor apresenta ainda as propostas de García Berrio (1970), Lehmann (1988), Hopper; Traugott (2003), os quais ampliam o estudo da articulação de orações com critérios ainda mais específicos de diferenciação.

García Berrio (1970) propõe relações exocêntricas (coordenação) e endocêntricas (subordinação). Nesse último grupo, haveria dois subgrupos: determinação (dependência de um membro a outro, o que incluiria as substantivas, adjetivas e adverbiais próprias (de lugar, tempo e modo)) e interdependência (dependência mútua – as subordinadas adverbiais impróprias (causais, consecutivas, condicionais, concessivas e comparativas)). Bem similar é a proposta de Lehmann (1988), que distingue subordinação (hipotaxe e encaixamento) e parataxe. Em relação ao primeiro grupo, o autor explica que X é subordinado a Y se formarem uma construção endocêntrica Z, tendo Y como principal. Já hipotaxe seria entendida como subordinação de cláusulas no sentido restrito, enquanto o encaixamento seria a dependência de um sintagma subordinado. Por fim, a parataxe (sindética ou assindética) seria o equivalente às estruturas coordenadas. [...] Desse modo, segundo Lehmann (1988), os *continua* apresentados permitem uma análise que segue de um eixo de maior independência, que gradativamente cresce para um eixo de maior integração, em que a subordinada se torna um constituinte da principal. [...] Outra proposta que também entende a questão da articulação de orações como uma questão de grau é a de Hopper; Traugott (2003), autores que, diferentemente de García Berrio (1970) e de Lehmann (1988), separam as hipotáticas não como subgrupo das subordinadas, mas como categoria à parte. [...] **Em relação às gramáticas, a diferença das propostas de García Berrio (1970), Lehmann (1988) e Hopper; Traugott (2003) é a de que a tradicional divisão entre coordenação e subordinação não é vista como separação discreta, mas como uma questão de grau.** Isso reflete o caráter da língua, cujas categorias não são discretas (GIVÓN, 1995). (CAVALCANTE, 2020, p. 58-61, grifo nosso)

Cada proposta, a seu modo, aponta parâmetros para a análise das relações de dependência, encaixamento e subordinação das orações. Nesse sentido, os autores defendem que as orações são parte de um *continuum*.

Pesquisas como as de Decat (1999), Rodrigues (2016) e Cavalcante (2020), que se debruçaram sobre o estudo da articulação de cláusulas, apresentam uma análise tripartida do fenômeno em estudo. Nessa perspectiva, as orações podem ser classificadas de acordo com os mecanismos de parataxe, hipotaxe e encaixamento. Semedo (2021, p. 54), apesar de tratar a articulação de orações a partir de uma visão bipartida, considerando parataxe e subordinação (hipotaxe e encaixamento), conforme Lehmann (1988), mostra que os critérios para a diferenciação da vinculação de orações têm base exatamente em Hopper e Traugott (2003) e Lehmann (1988), que defendem

a proposta de um *continuum* de integração entre as cláusulas que vai da parataxe (menor integração) à subordinação (maior integração), passando pela hipotaxe (grau intermediário de integração). Assim, a parataxe caracteriza-se pela não dependência e não encaixamento, a hipotaxe, pela dependência e não encaixamento, e a subordinação, pela dependência e encaixamento.

De fato, as pesquisas no âmbito da articulação de orações têm assumido uma visão tripartida da análise da combinação entre cláusulas, propondo que as estruturas oracionais se organizam de três modos. Cavalcante (2020), por exemplo, com base em Hopper e Traugott (2003), observa que

no eixo paratático (independência), há menor dependência e encaixamento, porque cada oração apresenta caráter de núcleo, o que se reflete em menor integração. Há, no entanto, um nível em que ainda não se observa encaixamento, mas há dependência, o que configura a hipotaxe (interdependência). Por fim, chega-se ao eixo no qual uma oração está incrustada na outra como seu constituinte (encaixada) e, por isso, firmemente dependente e integrada. (CAVALCANTE, 2020, p. 60)

Partindo dessa consideração, em nossa pesquisa, trabalharemos de acordo com Cavalcante (2020), adotando a visão tripartida da articulação de cláusulas, considerando, para análise, parataxe, hipotaxe e encaixamento. Acreditamos que a articulação de orações ocorre de forma gradual e, para isso, adotamos a seguinte classificação para nossa pesquisa: o bloco paratático é composto das cláusulas coordenadas, caracterizadas com os traços [- dependência] e [- encaixamento]; no bloco do encaixamento, estão as cláusulas com traços [+ dependência] e [+

encaixamento] e, no bloco da hipotaxe, há cláusulas subordinadas propriamente ditas, com os traços [+ dependência] e [- encaixamento].<sup>14</sup>

Sabe-se que, para além do eixo tático, Halliday (1985) admite também o eixo lógico-semântico para a análise das orações. Sendo assim, para manter a fidelidade à nossa teoria de base, no que diz respeito à análise dos tipos oracionais, seguiremos a proposta de Halliday e Matthiesen (2004), com relação a esse eixo. De acordo com Fernandes (2021, p. 56), o sistema lógico-semântico

subdivide-se em duas relações fundamentais: (1) expansão e (2) projeção. A primeira relação prevê que a cláusula secundária expande a cláusula principal, ocorrendo por meio de (a) elaboração, (b) extensão ou (c) realce. Já a segunda relação consiste na ideia de que a cláusula secundária é projetada através da cláusula primária, criando uma (a.1) locução ou (b.2) ideia. Na expansão, os elementos são da mesma ordem, compondo o desenvolvimento horizontal do texto, uma vez que, na projeção, os elementos são de uma ordem superior, constituindo uma hierarquização.

Ainda tratando desse sistema, a autora apresenta as características de cada subdivisão, vejamos:

“A expansão subdivide-se em (a) elaboração, (b) extensão e (c) realce. Em (a), uma cláusula expande a outra, elaborando-a por completo ou uma parte dela, reafirmando em outras palavras, comentando ou exemplificando: isto é, por exemplo. Em (b), uma cláusula expande a outra, estendendo-a, adicionando uma informação nova, apresentando uma exceção ou oferecendo uma alternativa: e, ou. Já em (c), uma cláusula expande a outra, realçando-a, qualificando-a com alguma circunstância de tempo, lugar, causa ou condição. Já a projeção, subdivide-se em (a.1) locução e (b.1) ideia. Em (a.1), uma cláusula é projetada através de outra, apresentando-a como uma locução, uma construção do tipo diz. Em (b.1) uma cláusula é projetada através de outra, apresentando-a como uma ideia, uma construção do tipo pensa.” (FERNANDES, 2021, p. 56)

Essas relações emergem da articulação entre as cláusulas, observação que consideramos importante para o nosso trabalho, já que tratamos de como os valores avaliativos são veiculados a partir das orações. Para esclarecimento de como são construídas as relações lógico-semânticas, a autora apresenta um quadro que correlaciona essas relações e o eixo tático propostos por Halliday (2004). Este quadro pode ser visualizado a seguir:

---

<sup>14</sup> Para categorização de blocos de parataxe, hipotaxe e encaixamento, será analisada a característica principal da oração com valor avaliativo. Se a oração possui traço [- dependência, - encaixamento], será codificada como parte de bloco paratático; caso a oração possua traços [+ dependência, + encaixamento], será codificada como parte de bloco encaixado; por fim, orações com traço [+ dependência, - encaixamento] serão codificadas como parte de bloco hipotático. Para maior detalhamento da análise, ver o capítulo Metodologia.

		(I) Parataxe	(II) Hipotaxe
(1) Expansão	(a) elaboração	João não esperou; ele foi embora.	João foi embora, o que surpreendeu a todos.
	(b) extensão	João foi embora, e Fred ficou para trás.	João foi embora, enquanto Fred ficou para trás.
	(c) realce	João ficou assustado, então ele foi embora.	João foi embora, porque ele ficou assustado.
(2) Projeção	(a.1) locução	João disse: “Estou indo embora”.	João disse que ele estava indo embora.
	(a.2) ideia	João pensou consigo: ‘Eu vou embora’.	João pensou que: ele iria embora.

Quadro 2 – Cruzamento do sistema tático com o lógico semântico, retirado de Fernandes, 2021, p. 57.

Em nossa pesquisa, além da visão tripartida da articulação de cláusulas, consideraremos também os tipos de relações lógico-semânticas propostos por Halliday (2004), pois acreditamos ser essa a melhor forma de adequar o referencial teórico da pesquisa aos aspectos metodológicos que serão melhor detalhados no capítulo de Metodologia<sup>15</sup>.

#### 2.4 Estado da arte: a articulação de orações e o sistema de avaliatividade

A proposta de estudo que relaciona a articulação de orações e o Sistema de Avaliatividade decorre de análises que mapearam as palavras avaliativas. Sabe-se que são muitas as classes de palavras que podem veicular os variados tipos de avaliação, mas, de acordo com Hunston e Thompson (1999 *apud* DIAS; MOURA, 2011, p. 194), essas palavras, sozinhas, “não permitem identificar a força avaliativa do enunciado, sendo necessário haver um *background* para favorecer a interpretação.”. Defendemos, portanto, que a força avaliativa de um enunciado pode ser identificada a partir do momento em que se coloca a palavra em contexto, em uso, ou seja, dentro da cláusula.

<sup>15</sup> Para verificar como serão realizadas as análises de grupos de fatores, ver o próximo capítulo (Metodologia).

Prefeito (2021) analisa o subsistema de atitude em gênero digital, o *tweet*, após o acidente ocorrido em Brumadinho - Minas Gerais. Durante a análise da autora, percebemos que os valores avaliativos atitudinais encontrados na pesquisa estão, em sua maioria, relacionados aos verbos, de modo que é preciso o contexto da cláusula para que se entenda o valor avaliativo, o que corrobora nossa ideia de que é dentro da cláusula que o caráter semântico é instanciado.

Alencar (2017) expõe seus estudos sobre o fluxo da narrativa em texto bíblico e, por isso, trata também da composição entre as cláusulas em posição de figura ou fundo. Acerca da construção e escolha de enunciados para consolidar um propósito comunicativo,

Hopper e Thompson (1980) [...] postulam que o falante constrói seus enunciados considerando dois pontos: seus objetivos em sua comunicação e as necessidades de seu ouvinte. Concomitantemente, nesse processo de construção de enunciados, quem fala, ou escreve, constrói dois tipos de sentenças. Aquelas sentenças que não são intrinsecamente ligadas aos alvos comunicativos centrais do falante são concebidas como enunciados de segundo plano discursivo, ou de Fundo. Já aqueles enunciados ligados diretamente aos objetivos comunicativos referentes ao progresso da narrativa do falante, ou do escritor, estabelecem-se como primeiro plano discursivo, ou seja, a Figura. (ALENCAR, 2017, p. 15)

Para a autora, o plano discursivo fundo é o que admite mais tipos oracionais, enquanto as orações em posição de figura são mais narrativas, mais independentes sintaticamente e, por isso, aparecem em blocos de parataxe. Para Pontes (2012), as orações em posição de fundo seriam orações mais subjetivas e codificadas em blocos hipotáticos. Ainda que não tratemos diretamente de narrativas em nossa pesquisa, mas sim de epístolas, adotamos este como grupo de fator pragmático-discursivo para verificar em que plano discursivo cada valor avaliativo atitudinal é mais frequente em gênero epistolar.

Outros estudos como os de Dias e Moura (2011) e Dias (2013; 2014) consideram que há marcas de (inter)subjetividade em complexos oracionais, como é o caso das orações subjetivas, completivas e apositivas. Essas marcas partem justamente do caráter avaliativo veiculado pela articulação de cláusulas, já que é daí que emerge o caráter semântico do complexo oracional. É a partir dessa configuração sintático-semântica que buscamos entender como o falante utiliza suas escolhas linguísticas, a fim de atingir o seu propósito comunicativo em nível discursivo.

Moura (2009) dedicou-se ao estudo do complexo oracional composto por verbo ser + predicativo, em busca de verificar como essas construções expressam a atitude do falante. Segundo a autora,

as avaliações, presentes nas matrizes, ganham suporte na oração encaixada, uma vez que esta é responsável por ditar o evento avaliado. Para a avaliação ser caracterizada como (i) afetiva, (ii) apreciativa ou de (iii) julgamento, é preciso que busquemos no entorno da sentença as razões da avaliação: (i) se está baseada nas emoções; (ii) nas características estéticas ou processuais; (iii) nas normas sociais. De acordo com White (2003), a avaliação pode ser observada por várias pistas. Assim, em nossos dados, o adjetivo/substantivo na matriz é responsável por expressá-la juntamente com o verbo matriz, e, a encaixada é responsável por dar o suporte necessário para se completar a leitura semântica. (MOURA, 2009, p. 108)

O entendimento de que a composição da cláusula permite ao ouvinte/destinatário a percepção da avaliação por parte do falante/escritor é fundamental para a nossa pesquisa. Na perspectiva de Moura (2009), a oração matriz é a que carrega o valor avaliativo, enquanto a oração encaixada aparece em *background*. Além disso, as orações matrizes cuja polaridade é negativa apresentam maior grau de integração com a encaixada. Esses dados podem nos dar pistas dos resultados que encontraremos com relação aos blocos de encaixamento; por outro lado, nossa pesquisa não trata apenas de um tipo de complexo oracional, mas visa a mapear as ocorrências de orações com valor avaliativo atitudinal nos mais diversos contextos sintáticos: parataxe, hipotaxe e encaixamento.

Na mesma perspectiva de Moura (2009), Ramos (2016) desenvolve sua análise a partir do complexo oracional de cláusulas subjetivas com *é* + adjetivo asseverativo. A autora analisou, junto do fator polaridade, também o fator pessoalidade. Nas palavras de Ramos (2016, p. 54), “o falante se descompromete daquilo que é enunciado quando se afasta, por isso, verificamos a oposição entre o entorno positivo, marcado por situações e características boas, e o negativo, apresentado na construção impessoal.”. Notamos que, para Ramos (2016), a polaridade está diretamente relacionada à pessoalidade do enunciado e, conseqüentemente, aos propósitos comunicativos do falante/autor.

Apesar de já existirem pesquisas que unam a avaliatividade e a articulação de cláusulas, observamos que elas são desenvolvidas principalmente sob duas

vertentes: a primeira que busca entender a avaliatividade a serviço de algum gênero textual e a segunda que analisa as orações com valores avaliativos. O diferencial de nossa pesquisa consiste em unir essas duas perspectivas, analisando como os valores avaliativos atitudinais emergem na sintaxe, através da articulação de orações, para consolidar os propósitos comunicativos de gênero epistolar.

Para configuração dos procedimentos metodológicos, objeto do próximo capítulo, pautamo-nos nos principais conceitos desenvolvidos neste capítulo, quais sejam: os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Sistêmico-Funcional, de Halliday; as categorias do Sistema de Avaliatividade, bem como as categorias analíticas do subsistema atitudinal - afeto, julgamento e apreciação, as quais também atuam como foco desta pesquisa; os estudos da articulação de orações tanto em perspectiva tradicional/estrutural quanto em perspectiva funcional e o ponto em comum alcançado por uma análise de natureza sintática, semântica e pragmática. A teoria aqui exposta articula-se à metodologia de nossa pesquisa à medida que buscamos verificar como os grupos de fatores condicionam a ocorrência de valores avaliativos dentro de um complexo oracional. Procedimentos dessa verificação serão explicados no próximo capítulo.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Métodos da pesquisa: de abordagem e de procedimento.

Nossa pesquisa enquadra-se no método de abordagem hipotético-dedutivo que, segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 106), “se inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos, acerca da qual formula hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese”. No que se refere aos métodos de procedimento, seguiremos os métodos quantitativo/estatístico e funcionalista dos quais também tratam Marconi e Lakatos (2003).

Para as autoras, “o papel do método estatístico é, antes de tudo, fornecer uma descrição quantitativa da sociedade, considerada como um todo organizado.” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 108). Em nossa pesquisa, esse procedimento dar-se-á através de análise estatística das ocorrências de um fenômeno linguístico, a fim de se chegar a conclusões acerca do propósito comunicativo do texto. Com relação ao método funcionalista, “estuda a sociedade do ponto de vista da função de suas unidades, isto é, como um sistema organizado de atividades.” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 110). Esse aspecto poderá ser percebido à medida que seja desenvolvida a relação entre os valores avaliativos atitudinais emergentes de cada tipo epistolar e considerado o objetivo do autor ao escrever a carta.

A pesquisa analisará aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos, partindo da noção da LSF de que o nível pragmático da língua seria realizado no nível sintático via semântica. Sendo assim, as escolhas do falante/escritor veiculam significados avaliativos que são materializados em nível sintático e que reverberam no alcance do propósito comunicativo sob o qual a carta foi escrita.

#### 3.2 Delimitação do universo da amostra

A bibliografia sobre o assunto compreende os estudos referentes à articulação de orações, Linguística Sistêmico-Funcional, Teoria da Avaliatividade e gênero epistolar. O nosso *corpus* será composto pelas epístolas paulinas, cartas amplamente traduzidas ao português por seu caráter religioso. Por fazer parte do texto bíblico, que conta com tradução para a Língua Portuguesa desde o século



XVII, faz-se necessária a opção de uma versão bíblica para análise - optamos pela Nova Versão Internacional (NVI).

Cabe acrescentar que essa escolha não acontece de maneira aleatória, mas tem base em seu ano de publicação (publicação completa em 2001) - por ser uma das mais recentes traduções - e no modelo de tradução: a tradução da NVI foi feita por equivalência formal e dinâmica, ou seja, considera fatores culturais em sua tradução e possibilita um texto mais acessível ao leitor no que diz respeito ao modo estrutural das construções, considerando sempre a fidelidade ao texto original, conforme exposto por Alencar (2017). Essas considerações não são contempladas na tradução feita somente por equivalência formal, a qual busca manter a fidelidade à estrutura do texto bíblico original, por meio de uma tradução mais literal, além de procurar resgatar as palavras mais clássicas e eruditas da língua-alvo. Por ser uma pesquisa que trata também de propósitos comunicativos, o modelo de tradução foi um fator que motivou a escolha da versão bíblica que será analisada.

O texto bíblico conta com 13 epístolas que iniciam com o nome de Paulo de Tarso, o apóstolo, identificando-o assim como o autor das cartas. Esses textos fazem parte do Novo Testamento, escritos originalmente em grego e enviados a diferentes destinatários. As cartas são divididas pelos teólogos em três grupos, de acordo com o público ao qual foram enviadas: eclesiásticas (Romanos, I Coríntios, II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I Tessalonicenses, II Tessalonicenses); pastorais (I Timóteo, II Timóteo e Tito) e pessoal (Filemom).

Devido ao grande número de epístolas e à disparidade de volume textual, optamos por selecionar apenas cinco cartas, equilibrando-as de acordo com o tipo de destinatário e a quantidade de palavras existentes em cada uma. A escolha metodológica referente ao quantitativo de cartas justifica-se pelo trabalho minucioso necessário para codificar as categorias de análise. Durante a coleta de dados, cada cláusula é analisada, a fim de verificar se há, nela, algum valor avaliativo presente. A quantidade de fatores linguísticos também foi determinante para essa adequação, haja vista que alguns fatores semânticos demandam maior tempo de análise, já que precisam ser analisados dentro de um contexto, e não somente por sua forma.

A seleção das cartas resulta, portanto, na carta pessoal a Filemom (459 palavras), nas cartas eclesiásticas aos Filipenses (2.235 palavras) e segunda carta escrita aos Tessalonicenses (1.073 palavras) e nas cartas pastorais a Tito (1.039 palavras) e primeira carta escrita a Timóteo (2.387 palavras). As cartas pastorais somam juntas 3.426 palavras, enquanto as cartas eclesiásticas somam 3.308 palavras, havendo uma disparidade de apenas 118 palavras no total entre os dois tipos. Com relação ao aparente desequilíbrio referente ao volume textual entre a carta pessoal e os outros dois tipos de carta, asseguramos que o programa estatístico que será utilizado, *R Studio*, adota um modelo de análise em que essa disparidade é considerada e equilibrada automaticamente para o modelo de regressão logística multinomial.

### **3.3 Procedimentos para coleta de dados**

Os dados foram coletados a partir da verificação das estruturas oracionais que expressam valores avaliativos registrados em um arquivo formato *excel*. Após a coleta, esses dados foram codificados quanto a fatores linguísticos e extralinguísticos.

#### **3.3.1 - Grupos de fatores linguísticos**

Para fatores linguísticos, selecionamos variáveis dentro dos parâmetros e pressupostos funcionalistas, quais sejam: (i) valor atitudinal avaliativo expresso na oração (afeto, julgamento, apreciação - e seus subtipos); (ii) valor avaliativo presente no complexo oracional (afeto, julgamento, apreciação - e seus subtipos); (iii) classificação do complexo oracional na perspectiva do eixo tático (parataxe, hipotaxe e encaixamento); (iv) relações lógico-semânticas (consideradas de acordo com a tipologia da LSF); (v) modo oracional (interrogativo, declarativo, imperativo); (vi) polaridade (afirmativa ou negativa); (vii) estatuto informacional da oração (informações dadas ou novas); (viii) plano discursivo (figura e fundo) e (ix) gradação (foco e força). Além dos fatores diretamente relacionados ao valor avaliativo das orações e do complexo oracional, destacamos que todos os grupos selecionados para a análise contemplam alguma das metafunções propostas por Halliday (1985), o que nos permite uma análise mais completa desses fenômenos de linguagem. Os fatores modo e polaridade oracional são definidos por Fuzer e Cabral (2014) como

fatores que veiculam significados interpessoais, assim como o grupo de fator extralinguístico, que diz respeito às relações estabelecidas entre os participantes da comunicação; as relações lógico-semânticas e o eixo tático estão relacionados à metafunção ideacional (NUNES, 2018); o estatuto informacional está mais relacionado à metafunção textual, e optamos por acrescentá-lo como um dos fatores por estar diretamente relacionado aos conhecimentos compartilhados pelos participantes da comunicação; o plano discursivo também será considerado, a fim de verificarmos qual o destaque dado para os valores avaliativos que aparecem no decorrer do texto; já a gradação é considerada como um subsistema da avaliatividade que reforça os significados interpessoais.

Para ilustrar cada grupo de fator sob análise, cada subseção a seguir será composta de exemplos retirados do próprio *corpus*, mais especificamente da carta pessoal a Filemom, escolhida como amostra inicial<sup>16</sup> por ser a carta com menor volume textual. As escolhas metodológicas acerca dos grupos de fatores linguísticos serão mais bem explicadas nas subseções que se seguem.

### 3.3.1.1 - O valor avaliativo atitudinal expresso na oração

De acordo com o Sistema de Avaliatividade, são três os valores atitudinais que podem emergir em um texto: afeto, julgamento e apreciação. O estudo desses valores, em nossa pesquisa, está diretamente relacionado aos tipos de carta analisados, porque acreditamos que a expressão das emoções e sentimentos muda conforme o maior ou menor grau de proximidade que o autor tem com o seu destinatário. Além disso, devemos considerar os valores avaliativos nos mais diversos tipos oracionais propostos pela LSF, a fim de verificar como a sintaxe serve à configuração de valores específicos presentes em um gênero textual. O que vale aqui é a premissa funcionalista de que a sintaxe serve à semântica, que, por sua vez, serve à pragmática.

Conforme exposto por Almeida (2010), o valor de **afeto** está diretamente relacionado aos sentimentos e emoções do falante/escritor e pode ser agrupado em três conjuntos: in/felicidade (emoções relacionadas ao coração), in/segurança

---

<sup>16</sup> Essa amostra é inicial e considerada para exemplificar como se dará a análise em cada grupo de fator linguístico. No capítulo referente à análise de dados e discussão de resultados, a amostra compreende o *corpus* da pesquisa.

(emoções relacionadas ao bem-estar social) e in/satisfação (emoções relacionadas aos objetivos realizados). Se retomamos o exemplo do bloco paratático citado em (01), podemos ver o valor de afeto sendo instanciado pela articulação entre duas cláusulas que veiculam *felicidade* e *satisfação*, respectivamente.

(01) “[Seu amor nos tem dado grande alegria e consolação<sub>1</sub>], [porque você, irmão, tem reanimado o coração dos santos<sub>2</sub>].” Filemom 1:7<sup>17</sup> (BÍBLIA, 2009)

O sentimento de *felicidade* resulta em alegria e consolação do escritor, enquanto a *satisfação* é evidenciada na constatação de que o objetivo de reanimar o coração dos santos foi realizado pelo destinatário.

Em uma primeira análise, o esperado é que o valor de afeto seja veiculado principalmente em cartas que sejam mais pessoais, haja vista ser o espaço propício para o autor expressar de maneira mais clara suas emoções, por levar em consideração sua proximidade com o destinatário. Por outro lado, é interessante perceber que as relações estabelecidas entre autor-público interferem no valor avaliativo mais presente na carta. O apóstolo Paulo possui certa proximidade com os leitores de todas as epístolas, ou por serem pessoas já conhecidas por ele ou por serem pessoas (ou igrejas) que, por ouvir falar, apoiavam seu ministério. Por esse motivo, nossa hipótese vai contra a hipótese “tradicional”, já que acreditamos que o valor atitudinal de afeto perpassa todas as cartas, mesmo as de cunho mais instrutivo, em que o mais esperado seria maior presença de valor de julgamento.

O valor de **julgamento** é outro valor que pode ser analisado dentro do subsistema de atitude. Para Almeida (2010), essa categoria está diretamente relacionada às regras de comportamento humano e “pode ser entendida como uma institucionalização do sentimento, ou seja, normas de comportamento que direcionam como as pessoas devem ou não agir.” (ALMEIDA, 2010, p. 106) Ainda para a autora, o valor de julgamento pode ser classificado em *estima social* (sem implicações legais) ou *sanção social* (geralmente, com implicações legais). Vejamos o exemplo em (02):

---

<sup>17</sup> A referência do texto bíblico seguirá sempre este padrão: nome do livro bíblico (no caso das epístolas paulinas, o nome é sempre o dos destinatários das cartas), seguido do número do capítulo, dois pontos e o número do versículo. Lê-se: Filemom, capítulo um, versículo sete.

(02) “[Escrevo certo<sub>1</sub> [de que você me obedecerá<sub>2</sub>], [sabendo<sub>3</sub>] [que fará ainda mais do<sub>4</sub>] [que lhe peço<sub>5</sub>].” Filemom 1:21 (BÍBLIA, 2009)<sup>18</sup>

O valor de julgamento é inscrito e evidenciado na articulação entre as orações 1 e 2, por meio da confiança que o autor tem acerca da obediência por parte do destinatário. Esse valor é justificado logo em seguida, também pela confiança e certeza de que será feito mais do que foi pedido anteriormente pelo autor (orações 3, 4 e 5).

Ainda sobre o valor de julgamento, vejamos o exemplo em (03):

(03) “[Eu, Paulo, já velho, e agora também prisioneiro de Cristo Jesus, apelo em favor de meu filho Onésimo,<sub>1</sub>] [que gerei<sub>2</sub>] [enquanto estava preso.<sub>3</sub>] [Ele antes era inútil para você,<sub>4</sub>] [mas agora é útil, tanto para você quanto para mim.<sub>5</sub>] Filemom 1:9-11 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

É possível perceber o valor de julgamento, quando o apóstolo fala a respeito de seu filho na fé, Onésimo, a partir de uma *estima social* veiculada na primeira oração, já que, neste caso, o julgamento não traz implicações legais, mas constata a *normalidade, capacidade e tenacidade*<sup>19</sup> do indivíduo. Em um mesmo bloco oracional paratático (cf. trecho destacado), o valor de julgamento passa de negativo para positivo, através da articulação entre as duas orações grifadas no exemplo. Em nossa pesquisa, trabalhamos sob a hipótese de que esse valor será mais evidente em cartas eclesiais e pastorais, com ênfase nos julgamentos por estima social, já que as cartas eram enviadas em tom de avaliação quanto aos comportamentos e orientação de como as igrejas e pastores deveriam proceder. Entretanto, ressaltamos a hipótese de que orações com valor de afeto são frequentes em todas as cartas, e não somente na carta pessoal.

<sup>18</sup> No exemplo em (02), estamos diante de um bloco oracional articulado por hipotaxe e encaixamento. Como o foco nesta subseção são os valores avaliativos presentes nas orações, não nos deteremos especificamente aos tipos oracionais do exemplo. Para a informação de como se dará a análise dos tipos oracionais, a partir das relações lógico-semânticas propostas pela LSF, ver a subseção 3.3.1.4.

<sup>19</sup> Almeida (2010) apresenta uma série de perguntas propostas por Martin (2000) que podem ser respondidas para facilitar a classificação entre estima e sanção social, dentro do valor de julgamento. Essas perguntas abrangem normalidade, capacidade, tenacidade, propriedade e veracidade e são explicadas no capítulo teórico, especificamente, na subseção 2.2.1.

Por fim, o subsistema de atitude abrange também o valor de **apreciação** (ilustrado em 04). Esse valor “diz respeito às avaliações sobre elementos ao nosso redor, bens e serviços de nosso dia-a-dia” (ALMEIDA, 2010, p. 108) e, conforme a autora, está mais relacionado à avaliação de objetos, processos e fenômenos (sejam eles concretos ou abstratos), diferentemente do julgamento em que o sentimento é direcionado a uma pessoa. A apreciação também envolve subdivisões e pode ser analisada considerando a *reação* (impacto ou qualidade) que causa nas pessoas, a *composição* (proporção e complexidade) dos objetos e a *valoração*, relacionada à significação social dos objetos.

(04) “[Oro<sub>1</sub>] [para que a comunhão [que procede da sua fé<sub>3</sub>] seja eficaz no pleno conhecimento de todo o bem<sub>2</sub>] [que temos em Cristo.<sub>4</sub>]” Filemom 1:6 (BÍBLIA, 2009)

No exemplo em (04), o autor veicula a apreciação em todas as orações do período para chegar a uma apreciação “maior” com relação ao destinatário. Notamos que as apreciações feitas em (04) são totalmente direcionadas a elementos da fé cristã: na segunda oração, os elementos apreciados são a comunhão e o conhecimento, seguidos da fé (em 3) e de Cristo (em 4). Logo, a apreciação também é percebida no bloco completo e feita sobre a comunhão do destinatário para com os cristãos, a qual provoca uma *reação* de qualidade para o autor, quando evidencia a eficácia do sentimento.

Para Almeida (2010, p.111), “a estrutura de apreciação pode ser interpretada metafuncionalmente”, sendo a estrutura de reação a que melhor veicula os significados interpessoais. De fato, acreditamos que a apreciação por meio da *reação* será recorrente nas epístolas, mas com relação aos objetos de fé (amor, comunhão, oração, entre outros), haja vista que o autor cita diretamente os impactos que o comportamento da igreja causava nele ou em seu ministério.

De acordo com Carvalho (2010), a apreciação é o subsistema da atitude que se aproxima menos da interpessoalidade e, portanto, é um recurso utilizado para garantir maior objetividade ao texto. Se consideramos que maior objetividade implica mais clareza e menos subjetividade, podemos hipotetizar que, em cartas eclesíásticas, recursos de apreciação sejam mais recorrentes, já que eram cartas lidas na presença de um grande público - e, por isso, pediam maior objetividade e

clareza -, diferentemente das cartas pessoais e pastorais, recebidas e lidas por um único destinatário.

### 3.3.1.2 - O valor avaliativo atitudinal expresso no complexo oracional

Optamos por acrescentar este grupo de fator, após percebermos que, em alguns casos, o valor avaliativo expresso nas orações poderia evocar outros valores no complexo oracional, conforme explicamos abaixo, analisando o exemplo em (02):

(02) “[Escrevo certo<sub>1</sub> [de que você me obedecerá<sub>2</sub>], [sabendo<sub>3</sub>] [que fará ainda mais do<sub>4</sub> [que lhe peço<sub>5</sub>]].” Filemom 1:21 (BÍBLIA, 2009)

Como exposto em 3.3.1.1, o valor atitudinal inscrito nas orações 1 e 2 é o de julgamento por *estima social*, ou seja, aquele que não possui implicações legais: a obediência do destinatário é o comportamento esperado pelo autor da carta. Parece-nos interessante observar, entretanto, que essa combinação entre cláusulas evoca, no complexo oracional, um sentimento também de *segurança*, verificado pela confiança que o autor tem acerca da obediência por parte do destinatário. Nessa perspectiva, percebemos que as orações que veiculam valores avaliativos atitudinais específicos de julgamento (nas cláusulas que veiculam *estima social*), quando articuladas umas às outras para compor o complexo oracional, poderiam realizar valores avaliativos atitudinais de outro subsistema: neste caso, as orações articuladas realizam, no bloco, um valor avaliativo de *segurança*, ou seja, de afeto.

Diante do exposto, em nossa pesquisa, optamos, para além de mapear os valores avaliativos atitudinais expressos nas orações, considerar também quais valores avaliativos são evocados no complexo oracional. Acreditamos que, na maioria das vezes, os mesmos valores evidenciados nas orações serão mantidos no bloco; por outro lado, pesquisas futuras podem ser elaboradas, caso essa hipótese não se confirme.

### 3.3.1.3 - Eixo tático

O complexo oracional será analisado sob a visão tripartida do sistema de *taxis*, que considera parataxe, hipotaxe e encaixamento. Esse grupo de fator visa a verificar qual a *taxis* da oração que veicula valor avaliativo. Assim, se a oração em

análise apresentar traços [- dependência] e [- encaixamento] com relação a anterior, receberá classificação de parataxe; caso a oração apresente traços [+ dependência] e [+ encaixamento] com relação a anterior, classificaremos como encaixamento e, por fim, a oração que apresente os traços [+ dependência] e [- encaixamento] com relação a anterior terá classificação hipotática.

Levando em consideração os exemplos supracitados (01) e (03), retomados abaixo, os quais veiculam, respectivamente, valor de afeto e julgamento, destaca-se, na sequência, a composição de blocos paratáticos.

(01) “[Seu amor nos tem dado grande alegria e consolação<sub>1</sub>], [porque você, irmão, tem reanimado o coração dos santos<sub>2</sub>].” Filemom 1:7 (BÍBLIA, 2009)

(03) “[Eu, Paulo, já velho, e agora também prisioneiro de Cristo Jesus, apelo em favor de meu filho Onésimo,<sub>1</sub>] [que gerei<sub>2</sub>] [enquanto estava preso.<sub>3</sub>] [Ele antes era inútil para você,<sub>4</sub>] mas agora é útil, tanto para você quanto para mim.<sub>5</sub>] Filemom 1:9-11 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

Em (01), a segunda oração reafirma o valor inicial veiculado na primeira oração; por outro lado, o complexo oracional destacado, no exemplo (03), traz uma oração (a quinta) que altera o julgamento inicial proposto pela quarta oração.

O exemplo em (04) é formado por encaixamento, vejamos a análise:

(04) “[Oro<sub>1</sub>] [para que a comunhão [que procede da sua fé<sub>3</sub>] seja eficaz no pleno conhecimento de todo o bem<sub>2</sub>] [que temos em Cristo.<sub>4</sub>]” Filemom 1:6 (BÍBLIA, 2009)

Em (04), o valor emergente é o de apreciação. Neste bloco, cada cláusula realiza esse valor para se chegar ao valor do todo. A terceira e quarta orações, adjetivas, reforçam elementos da fé cristã que justificam a apreciação feita na segunda oração, que tem como função principal a de indicar a finalidade do exposto na primeira oração. Nesse caso, a classificação do eixo tático é em encaixamento, haja vista serem as orações adjetivas (apenas terceira e quarta, as quais se encontram encaixadas) que veiculam significados avaliativos.

A nossa intenção é buscar respostas de qual eixo tático veicula maiores significados avaliativos. Pesquisas como as de Moura (2009), Dias (2013, 2014) e



Ramos (2016) afirmam que as orações classificadas como substantivas pela GT realizam valores avaliativos. Por outro lado, de acordo com nossa breve análise, hipotetizamos que cláusulas encaixadas seriam, então, as que veiculam mais significados avaliativos atitudinais, em virtude da integração [+ dependência] [+ encaixamento] entre as orações, pois essas cláusulas especificam e intensificam termos da cláusula anterior no complexo oracional.

### 3.3.1.4 - Relações lógico-semânticas

Para análise das orações, utilizaremos as categorias de relações lógico-semânticas propostas por Halliday (1985). O autor considera duas categorias: a de relações de expansão e a de relações de projeção. A primeira subdivide-se em três: extensão, elaboração e realce/intensificação<sup>20</sup>. A segunda, subdivide-se em duas: ideia ou locução. De acordo com Nunes (2018), cada divisão dessas categorias admite outros desdobramentos que são evidenciados, em sua maioria, pelas conjunções que as orações apresentam<sup>21</sup> - por exemplo, orações com relação lógico-semântica de intensificação podem ter sua classificação ainda mais específica, podendo ser classificadas em temporais (mesmo tempo ou tempo diferente – com conjunções como *conforme, quando, enquanto*, dentre outras), espaciais (mesmo lugar – com conjunções como *onde*), modais (meio ou comparação – com conjunções como *como, por meio de*), causal/condicional (razão, propósito, resultados, positiva, negativa, concessiva – com conjunções como *porque, para que, se, tanto que, embora*, dentre outras)<sup>22</sup>. Embora entendamos que essas categorias específicas são importantes para um estudo mais minucioso das relações lógico-semânticas, o nosso objetivo é o de verificar se há algum indicativo de tipo oracional, nessas categorias “macro” (extensão, elaboração, realce, ideia ou locução), que realize determinados significados avaliativos atitudinais. Por esse motivo, codificaremos as orações que veiculam significados avaliativos nas 5

---

<sup>20</sup> Há flutuação quanto à nomenclatura.

<sup>21</sup> Oações que aparecem como primeira do complexo oracional, em contexto de parataxe, e principal, em contexto de hipotaxe, serão codificadas como orações primárias, pois não possuem conjunção para classificação e, muitas vezes, estão iniciando novo tópico sobre o qual será discorrido. Oações dentro do complexo oracional que não apresentam conjunções podem ter sua relação analisada em (e definida pelo) contexto.

<sup>22</sup> Como o nosso objetivo não é tratar dessas classificações mais específicas, recomendamos ver o trabalho de Nunes (2018), para melhor visualização e estudo mais aprofundado de todas as subdivisões.

classificações expostas acima. Vejamos como essa classificação se aplica em nosso *corpus*, primeiramente, a partir do exemplo em (03):

(03) “[Eu, Paulo, já velho, e agora também prisioneiro de Cristo Jesus, apelo em favor de meu filho Onésimo,<sub>1</sub>] [que gerei<sub>2</sub>] [enquanto estava preso.<sub>3</sub>] [Ele antes era inútil para você,<sub>4</sub>] [mas agora é útil, tanto para você quanto para mim.<sub>5</sub>] Filemom 1:9-11 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

No trecho em destaque, há um exemplo da relação lógico-semântica de expansão, mais especificamente *extensão*, na quinta cláusula (que contém valor avaliativo de julgamento), iniciada pela conjunção *mas*. Cláusulas que são classificadas como expansão, mas com valor de *realce/intensificação*, de acordo com Nunes (2018), são realizadas lexicogramaticalmente com conjunções como *enquanto*, *porque*, *para que*, *ainda*, *embora*, *visto que*, dentre outras. Exemplos dessa relação lógico-semântica podem ser vistos nos grifos feitos em (01) e em (05):

(01) “[Seu amor nos tem dado grande alegria e consolação<sub>1</sub>], [porque você, irmão, tem reanimado o coração dos santos<sub>2</sub>].” Filemom 1:7 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

(05) (a) “[Gostaria<sub>1</sub>] [de mantê-lo comigo<sub>2</sub>] [para que me ajudasse em seu lugar<sub>3</sub>] [enquanto estou preso por causa do evangelho<sub>4</sub>]. (b) [Mas não quis<sub>5</sub>] [fazer<sup>23</sup> nada

---

<sup>23</sup> Nas ocorrências em que há dois verbos em sequência, será necessário adotar algum critério que ateste, ou não, o caráter perifrástico da construção. Para tanto, é pertinente adotarmos a proposta de Olbertz (1998, p. 38-44), que consiste na ideia de que o valor modal de um item auxiliar é somente obtido quando este é usado junto de um verbo lexical que ele modifica, e não quando ocorre isolado. Dessa forma, a autora propõe dois modos pelos quais esse critério pode ser operacionalizado: a) pronominalização do complemento infinitivo e b) omissão desse complemento. A ideia desses testes é, assim, estabelecer se um verbo pode ser dissociado do seu complemento infinitivo sem afetar seu significado. Tomando como base o teste da pronominalização e considerando o exemplo em questão, chegaremos ao seguinte resultado:

(01) A O que você não quis?

B Eu não quis fazer nada sem a sua permissão.

Como podemos perceber, o verbo *querer* pode ser dissociado do seu complemento infinitivo em (01-A) sem que isso altere o seu significado, o que nos conduz a analisar a construção do exemplo citado como duas cláusulas, e não como uma perífrase verbal.

sem a sua permissão<sub>6</sub>], [para que qualquer favor [que você fizer<sub>8</sub>] seja espontâneo, e não forçado<sub>7</sub>]" Filemom 1:13-14 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)<sup>24</sup>

Ainda de acordo com Nunes (2018), orações relativas não definidoras são características da relação lógico-semântica de expansão, especificamente da *elaboração*. Observemos o exemplo em (04), no qual a terceira cláusula, além de apreciar a comunhão exposta na segunda cláusula, elabora o termo, acrescentando uma informação a ele:

(04) “[Oro<sub>1</sub>] [para que a comunhão [que procede da sua fé<sub>3</sub>] seja eficaz no pleno conhecimento de todo o bem<sub>2</sub>] [que temos em Cristo.<sub>4</sub>]” Filemom 1:6 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

No que se refere às relações lógico-semânticas de projeção, Nunes (2018, p. 80) afirma que “se a oração projeta o conteúdo de uma oração verbal, tem-se uma locução; se, em contrapartida, a oração projeta o conteúdo de uma oração mental, tem-se uma ideia”. Em nossa amostra, temos um exemplo de *ideia* no exemplo em (02), no qual podemos observar ideia na primeira cláusula, partindo da certeza do autor sobre o fato que acontecerá, e na terceira cláusula, a partir do verbo *saber*.

(02) “[Escrevo certo<sub>1</sub> [de que você me obedecerá<sub>2</sub>], [sabendo<sub>3</sub>] [que fará ainda mais do<sub>4</sub> [que lhe peço<sub>5</sub>]].” Filemom 1:21 (BÍBLIA, 2009)

É importante ressaltar que as relações de expansão e projeção acontecem tanto em complexos oracionais paratáticos, como hipotáticos e também com orações encaixadas, conforme investigado por Nunes (2018). É com base na pesquisa da autora que hipotetizamos que as epístolas cujo valor de julgamento seja mais presente (aquelas em que, possivelmente, o nível de argumentação seja mais forte), as relações lógico-semânticas de extensão e intensificação sejam mais frequentes. Ainda segundo a autora, as relações de expansão são mais presentes em todos os gêneros.

---

<sup>24</sup> As orações iniciadas por “mas não” e “e”, neste caso, são classificadas como relação de extensão. O destaque foi dado apenas para as orações iniciadas por conjunções que indicam intensificação, para firmar o exemplo.

### 3.3.1.5 - *Modo oracional*

Fuzer e Cabral (2014, p. 103) afirmam que “a parte da gramática em que se manifestam os significados interpessoais é o sistema de Modo”, sendo a oração, neste caso, parte da interação entre falante e ouvinte. Ainda para as autoras, é esse sistema que realiza, na lexicogramática, as proposições e propostas subjacentes às funções de fala. São três os modos oracionais considerados pelas autoras: interrogativo, declarativo (ou indicativo) e imperativo.

Acerca do modo oracional, sabemos que seria possível considerar outros. Hengeveld e Mackenzie (2008), por exemplo, consideram 12 tipos para esta categoria, que configura as ilocuções do nível interpessoal, podendo as orações serem classificadas em declarativas, interrogativas, imperativas, proibitivas, optativas, imprecativas, hortativas, desortativas, admonitivas, comissivas, suplicativas e admirativas. Nesta análise, destacamos o modo imprecativo, que é utilizado para indicar maldição, o que não é esperado ocorrer, dado o nosso tipo de texto para análise. Azeredo (2013), por outro lado, trata de 5 modos oracionais, podendo a classificação ser em orações declarativas, interrogativas, imperativas, exclamativas e optativas.

Em nossa pesquisa, optamos por manter os modos propostos pela teoria de base, pois tratamos de sua aplicabilidade em uma vertente descritiva de análise. Sobre este grupo de fator, o esperado é que, em orações declarativas, os valores de afeto e julgamento sejam mais sobressalentes, haja vista serem sentimentos e emoções que estão sendo instanciados. Orações imperativas, por outro lado, por tratarem de ordem/pedido, devem aparecer com valores de julgamento, em tom de correção de atitudes, de acordo com as normas e regras da época. No caso das orações interrogativas, uma das características da escrita do apóstolo são as suas perguntas retóricas, associando-as também a valores morais e costumes da época. Por isso, acreditamos que essas orações também podem veicular valor de julgamento. Vejamos alguns exemplos:

(06) (a) “[Sim, irmão, eu gostaria<sub>1</sub>] [de receber de você algum benefício<sub>2</sub>] [por estarmos no Senhor.<sub>3</sub>] (b) [Reanime o meu coração em Cristo!<sub>4</sub>]” Filemom 1:20 (BÍBLIA, 2009)

Em (06a), o complexo oracional é composto de orações declarativas e, neste caso, realiza o desejo por uma futura satisfação por parte do autor. Esse desejo é reafirmado pela oração imperativa que vem logo em seguida, que estabelece a relação interpessoal entre autor-destinatário: “eu peço que você faça isso por mim”.

### 3.3.1.6 - Polaridade da oração

Fuzer e Cabral (2014, p. 112) apresentam a polaridade como parte dos recursos linguísticos da interpessoalidade. Esse recurso responde a pergunta “é positivo ou negativo?”. É provável que as cláusulas que indicam afeto e apreciação sejam de polaridade positiva, já as cláusulas de julgamento podem apresentar polaridade negativa, visto que a categoria está relacionada a normas e regras que devem ser seguidas. Vejamos um exemplo em que trabalhamos diretamente com o recurso da polaridade.

(05) (a) “[Gostaria<sub>1</sub>] de mantê-lo comigo<sub>2</sub>] [para que me ajudasse em seu lugar<sub>3</sub>] [enquanto estou preso por causa do evangelho<sub>4</sub>]. (b) [Mas não quis<sub>5</sub>] [fazer nada sem a sua permissão<sub>6</sub>], [para que qualquer favor [que você fizer<sub>8</sub>] seja espontâneo, e não forçado<sub>7</sub>]” Filemom 1:13-14 (BÍBLIA, 2009)

No exemplo, há um primeiro bloco (a), formado por hipotaxe e encaixamento, que instancia afeto, por meio da ideia de segurança. O apóstolo gostaria de manter o “filho” próximo porque teria a segurança (certeza) de seu auxílio. Por outro lado, percebemos que essa atitude, veiculada inicialmente por meio de cláusulas cuja polaridade é positiva, é logo depois negada pelo bloco formado por parataxe, hipotaxe e encaixamento (b), evidenciando maior sentimento de insatisfação por parte do destinatário, como se o autor estivesse dizendo: “não o fiz, porque você ficaria insatisfeito”. Esse sentimento presente no segundo bloco é evidenciado pelas orações de polaridade negativa: “mas **não** quis” e “e **não** forçado.”.<sup>25</sup>

<sup>25</sup> É interessante recuperar aqui o princípio givoniano de marcação, o qual postula que formas mais marcadas são menos frequentes na língua. Neste exemplo, as cláusulas negativas (mais marcadas e, por isso, menos frequentes) compõem um bloco oracional paratático que não segue o padrão do bloco anterior, configurado por encaixamento e hipotaxe.

### 3.3.1.7 - Estatuto informacional da oração

O estatuto informacional da oração é inserido, na LSF, como um fator que codifica o sistema de realização da metafunção textual da linguagem (FUZER; CABRAL, 2014). Para Fuzer e Cabral (2014, p.127), “esse sistema é responsável pela organização dos significados experienciais e interpessoais em um todo coerente.”. Para as autoras, há dois sistemas paralelos que realizam a metafunção textual da linguagem, quais sejam: a estrutura da informação (nível do conteúdo) e a estrutura temática (nível da oração).

Para Halliday (1994), estrutura temática e estrutura da informação estão diretamente relacionadas, tendo como diferença principal a de que a primeira é orientada pelo falante, pois “o Tema é o que o falante escolhe como ponto de partida” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 130), enquanto a segunda é orientada pelo ouvinte, pois “o Dado é o que o ouvinte sabe (na perspectiva do falante)” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 130); entretanto, ambas as estruturas têm como ponto de partida as escolhas do falante no processo de elaboração de um texto. Em nossa pesquisa, optamos por inserir o estatuto informacional como grupo de fator, por estar diretamente relacionado aos conhecimentos compartilhados entre falante e ouvinte no nível do conteúdo.

Cavalcante (2020, p. 45) afirma ser a informatividade “um importante reflexo de habilidades cognitivas na estruturação linguística” e argumenta que os falantes não especialistas em Linguística, ou seja, aqueles que utilizam a língua de forma mais espontânea, também “sabem modelar seu discurso conforme suas expectativas e as de seu ouvinte” (CAVALCANTE, 2020, p. 45). Diante disso, podemos investigar o modo como esses conhecimentos compartilhados estão presentes nas estruturas oracionais que veiculam diferentes valores avaliativos e levantar questionamentos sobre as escolhas do autor quanto às informações compartilhadas nas epístolas.

Halliday (1994) propõe Dado e Novo como elementos do nível informativo da oração. Sendo assim, Dado seria “o elemento de conhecimento compartilhado ou mútuo entre os interlocutores e constitui-se do que é previsível pelo contexto” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 128). Por outro lado, o elemento Novo seria aquele que

“consiste [...] no desconhecido para o ouvinte/leitor, no que é imprevisível (aquilo que o falante/escritor quer que o seu interlocutor passe a saber, mas também no que não é recuperável, a partir do discurso precedente.” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 128). Em nosso estudo, veremos o modo como essas informações aparecem nos blocos de orações que veiculam significado avaliativo. É importante dizer que esta categoria não se deterá na análise de vocábulos específicos, mas ao conteúdo informacional da cláusula. Vejamos:

(01) “[Seu amor nos tem dado grande alegria e consolação<sub>1</sub>], [porque você, irmão, tem reanimado o coração dos santos<sub>2</sub>].” Filemom 1:7 (BÍBLIA, 2009)

No exemplo em (01), o bloco é a combinação entre uma informação *nova* na primeira oração - o leitor não tinha conhecimento de como suas ações para com os cristãos estavam sendo percebidas pelo apóstolo -, justificada por uma outra informação *dada* na segunda oração (a reanimação dos santos já é conhecida pelo leitor, responsável por fazê-la).

Em (02), por outro lado, todo o bloco é formado por informações *dadas*. Se levamos em consideração a proximidade entre autor/destinatário, podemos inferir que essa troca de informações sobre a conduta esperada pelo apóstolo por parte do destinatário já era conhecida por ambos.

(02) “[Escrevo certo<sub>1</sub> [de que você me obedecerá<sub>2</sub>], [sabendo<sub>3</sub>] [que fará ainda mais do<sub>4</sub> [que lhe peço<sub>5</sub>]].” Filemom 1:21 (BÍBLIA, 2009)

Note que a segurança do autor, neste caso, é instanciada por uma informação já conhecida (*dada*) de que o destinatário, Filemom, é uma pessoa obediente e prestativa.

Em (03), ao contrário do que ocorre em (01), é uma informação *dada* que aparece na primeira oração do bloco em destaque (quarta cláusula): o destinatário já conhecia Onésimo. A articulação é feita com a quinta oração, que traz uma informação *nova* sobre a utilidade de Onésimo para o destinatário.

(03) “[Eu, Paulo, já velho, e agora também prisioneiro de Cristo Jesus, apelo em favor de meu filho Onésimo,<sub>1</sub>] [que gerei<sub>2</sub>] enquanto estava preso.<sub>3</sub>] [Ele antes era

inútil para você.<sub>4</sub>] [mas agora é útil, tanto para você quanto para mim.<sub>5</sub>] Filemom 1:9-11 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

Em (04), o bloco é composto de informações *novas*, sendo novas tanto para o destinatário quanto para o modelo discursivo, podendo corroborar a ideia de que uma sequência de informações novas pode sugerir destaque ao que está sendo dito (Halliday, 1994).

(04) “[Oro<sub>1</sub>] [para que a comunhão [que procede da sua fé<sub>3</sub>] seja eficaz no pleno conhecimento de todo o bem<sub>2</sub>] [que temos em Cristo.<sub>4</sub>]” Filemom 1:6 (BÍBLIA, 2009)

Em (05) (a), temos a presença de informações *novas* (primeira, segunda e terceira cláusulas) e *dada* (quarta cláusula) - o destinatário já tinha o conhecimento de que o apóstolo estava na prisão -, que são articuladas às informações *novas* das cláusulas em (05) (b).

(05) (a) “[Gostaria<sub>1</sub>] [de mantê-lo comigo<sub>2</sub>] [para que me ajudasse em seu lugar<sub>3</sub>] [enquanto estou preso por causa do evangelho<sub>4</sub>]. (b) [Mas não quis<sub>5</sub>] [fazer nada sem a sua permissão<sub>6</sub>], [para que qualquer favor [que você fizer<sub>8</sub>] seja espontâneo, e não forçado<sub>7</sub>]” Filemom 1:13-14 (BÍBLIA, 2009)

No exemplo abaixo, em (06) (a-2), podemos considerar a informação de que o apóstolo gostaria de receber algum benefício como *dada*, com base no caráter bondoso de Filemom, o destinatário, que já fora apontado no exemplo em (02). Parece-nos que o destinatário já esperava essa sinalização de algum benefício a ser dado ao apóstolo. Em (06) (b) essa informação aparece novamente, evocando o dito em (06) (a-2) de que o apóstolo esperava algum benefício, agora esclarecido: a reanimação de seu coração em Cristo.

(06) (a) “[Sim, irmão, eu gostaria<sub>1</sub>] [de receber de você algum benefício<sub>2</sub>] [por estarmos no Senhor.<sub>3</sub>] (b) [Reanime o meu coração em Cristo!<sub>4</sub>]” Filemom 1:20 (BÍBLIA, 2009)

Em uma simples amostra, podemos perceber os vários fluxos que a estrutura informacional admite. Como nosso estudo parte da articulação entre cláusulas, é neste domínio também que aprofundaremos a análise: como são articuladas e combinadas as informações em um mesmo bloco oracional e em que medida



corroboram os significados avaliativos das cláusulas. Sobre este fator, hipotetizamos que as informações novas devem admitir mais significados avaliativos de atitude, principalmente da categoria de afeto e apreciação, já que são significados que dizem respeito aos sentimentos e emoções do escritor. Cláusulas que veiculam significado de julgamento podem conter mais informações dadas por estarem diretamente relacionadas às atitudes dos destinatários. Além disso, se admitimos o padrão ideal de informações na sentença (KUNO, 1978), as informações dadas devem aparecer em posição inicial do período, em tipos oracionais comumente primeiros em blocos paratáticos e hipotáticos.

### 3.3.1.8 - Plano discursivo

Na esteira de Pontes (2012), acreditamos serem os planos discursivos um grupo relevante para entender o fenômeno em estudo, porque está diretamente relacionado a informações mais ou menos necessárias dentro de uma situação pragmático-discursiva. Para Pontes (2012, p. 101), “numa situação comunicativa, os usuários da língua procuram estabelecer que informações são essenciais (figura) e/ou acessórias (fundo)”. Ao retomar a proposta de Hopper (1979), o autor aponta características prototípicas de cada plano discursivo: as orações que indicam valores mais subjetivos estariam em posição de fundo e seriam organizadas, em sua maioria, em blocos de subordinação<sup>26</sup> (hipotaxe), enquanto cláusulas que apontam para eventos mais reais seriam codificadas morfossintaticamente por períodos paratáticos (PONTES, 2012).

De acordo com essa proposta, no exemplo (05) retomado abaixo, as orações 1 e 3, em negrito, compõem o fundo do bloco oracional, enquanto as orações 2 e 4, sublinhadas, estão em posição de figura. É interessante perceber que é uma oração principal que aparece como fundo e veicula o valor atitudinal da sentença, já discutido em 3.3.1.3. A segunda oração (subordinada substantiva objetiva indireta), por outro lado, está em posição de figura, apresentando uma informação essencial para o bloco que está sendo analisado, assim como a oração 4, absoluta, a qual instancia um valor de apreciação, já que o objetivo do autor é que o seu próprio coração seja reanimado.

---

<sup>26</sup> O autor deixa claro que esta não é a regra geral. O fundo também pode ser codificado por orações coordenadas, absolutas e/ou principais (PONTES, 2012).

(06) “[Sim, irmão, **eu gostaria**<sub>1</sub>] [de receber de você algum benefício<sub>2</sub>] [**por estarmos no Senhor**<sub>3</sub>] [Reanime o meu coração em Cristo!<sub>4</sub>]” Filemom 1:20 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

A escolha por esse grupo de fator, portanto, justifica-se pela hipótese de que, conforme exposto por Pontes (2012), a subjetividade e, conseqüentemente, os valores semânticos da avaliatividade são codificados em posição de fundo. Entretanto, acreditamos também ser possível que, ainda que em menos ocorrências, apareçam valores atitudinais em posição de figura, quando esse valor for configurado como informação essencial da oração.

### 3.3.1.9 - Recursos de gradação

A gradação é apresentada por Martin e White (2005) como subsistema da avaliatividade, junto dos subsistemas de atitude e engajamento.<sup>27</sup> Entretanto, os autores concordam que este é um subsistema que serve aos outros dois, já que tem como objetivo principal justamente gradar ou escalonar esses valores avaliativos. Os recursos de gradação são realizados por mecanismos de foco e força (MARTIN; WHITE, 2005): o último serve para reforçar a nossa avaliação sobre algo, enquanto o mecanismo de foco é utilizado para dar mais ou menos enfoque a uma informação. White (s.d.) destaca ainda que esses recursos podem estar explícita ou implicitamente no texto, já que considera uma semântica que não é veiculada somente através de itens lexicais.

Para White (s.d.), o mecanismo de força diz respeito a uma escala variável de intensidade que pode ser veiculada através de intensificadores, reforçadores, enfatizadores, entre outros.<sup>28</sup> Esse mecanismo também pode ser utilizado para medir quantidade, extensão e proximidade no tempo e no espaço. De acordo com o autor, há um conjunto de advérbios à disposição para que esses mecanismos sejam

<sup>27</sup> Por ser um subsistema da Avaliatividade, é necessário que nos alonguemos um pouco mais na aplicação deste grupo de fator.

<sup>28</sup> Muitas das informações colocadas nesta subseção estão disponíveis no *site* que fornece informações gerais sobre a Teoria da Avaliatividade. O *site Language of Evaluation*, escrito originalmente em inglês, é composto de informações, artigos e links que podem ser visualizados *online*. Lembramos que, por ser uma teoria desenvolvida para o sistema da língua inglesa, frequentemente precisamos traduzir os exemplos dados pelos autores e aplicá-los à realidade da língua portuguesa. Os comentários nesta seção são voltados diretamente para a língua portuguesa. Quaisquer possíveis dúvidas podem ser sanadas no próprio site, através do link: <https://www.languageofevaluation.info/appraisal/index.html>.

reconhecidos, incluindo vocábulos como *ligeiramente*, *bastante*, *realmente*, *muito* e *extremamente*. Para o autor, “por meio desses valores, o falante aumenta ou diminui a intensidade de uma ampla gama de categorias semânticas” (WHITE, s.d., s.n., tradução nossa). Exemplificando o mecanismo de força, o autor apresenta dois exemplos: “um sujeito **muito** inteligente” e “estou **um pouco** preocupado” - no primeiro, o vocábulo “muito” aumenta a intensidade do valor de julgamento; no segundo, a expressão “um pouco” diminui a intensidade do termo “preocupado”.

Por outro lado, o mecanismo de foco é apresentado como “uma escala de intensidade em categorias não graduadas” (WHITE, s.d., s.n.). Isso significa que, enquanto no mecanismo de força, podemos ter exemplos como os mostrados acima, os mecanismos de foco são apresentados de forma mais nítida para o que está sendo avaliado, como veremos mais adiante. Para o autor, “o valor de foco opera em termos de nitidez ou suavidade da relação de valor representada pelo item” (WHITE, s.d., s.n., tradução nossa). Isso significa que esse tipo de recurso define o termo avaliado em algo completo e nitidamente focalizado. Observemos os exemplos também citados pelo autor e traduzidos do inglês: amigo **verdadeiro**, maldade **pura**, erro **genuíno**, desastre **completo**. As palavras destacadas funcionam como se fossem o máximo da intensidade disponível para o falante. Por outro lado, a suavidade também pode ser atestada na escala de foco, com exemplos como “foi **meio** estressante”, “ele **quase** matou o irmão”, em casos em que “o valor opera para indicar que o item em questão tem status marginal na categoria ou que as relações de valor são confusas ou têm limites imprecisos” (WHITE, s.d., s.n.).

Se retomamos alguns dos dados comentados utilizados até o momento, em (01), por exemplo, há um mecanismo de força, pois o prefixo re- reforça o ânimo do coração dos santos: “porque você, irmão, tem **reanimado** o coração dos santos.” (BÍBLIA, 2009). Em (02), a presença do advérbio “ainda” intensifica a informação do pedido: “...sabendo que fará **ainda** mais do que lhe peço.” (BÍBLIA, 2009), colocando o que será feito como algo além (ou seja, que ultrapassaria o limite da escala de intensidade) do que havia sido pedido. A nossa proposta com relação a esse parâmetro linguístico é averiguar qual tipo de recurso gradativo é mais frequente em orações cujo valor instanciado faz parte do subsistema de atitude, sob

a hipótese de que, em orações que indicam julgamento, os mecanismos de foco seriam mais frequentes, já que é o recurso de destaque de informação. Por outro lado, a frequência de recurso de força seria maior em cláusulas que indicam afeto e apreciação, haja vista reforçar a nossa avaliação sobre algo.

### **3.3.2 - Grupo de fator extralinguístico**

No que diz respeito aos fatores extralinguísticos, a LSF utiliza dois tipos de contexto: de situação (registro) e de cultura (gênero). Como aponta Gouveia (2009), as variáveis de contexto estão relacionadas aos significados veiculados pela gramática. Para Fuzer e Cabral (2014, p. 27), “o contexto de situação é o ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando”. Por outro lado, o contexto de cultura “relaciona-se [...] ao ambiente sociocultural mais amplo, que inclui ideologia, convenções sociais e instituições.” (p. 28). Ainda para as autoras, “grupos de pessoas que usam a linguagem para propósitos semelhantes desenvolvem, através do tempo, tipos comuns de textos escritos e falados, ou seja, *gêneros* que alcançam objetivos comuns.” (p. 29, grifo das autoras). Os gêneros, portanto, estariam diretamente relacionados a esse tipo de contexto.

Como, em nossa pesquisa, o enfoque recai sobre a metafunção interpessoal, utilizaremos como variável de cultura as relações interpessoais, ou seja, que papéis são desempenhados pelos participantes no momento da comunicação, considerando sempre a relação entre o apóstolo Paulo e seu destinatário. Por se tratar de um estudo sobre comparações entre um mesmo gênero textual, o epistolar, consideraremos, tomando como ponto de partida as relações interpessoais, os subgêneros dessas epístolas, que mudam de acordo com o seu destinatário. Sob esse aspecto, as epístolas serão organizadas e divididas tipologicamente, conforme já exposto inicialmente, de acordo com seu destinatário, em pastorais, eclesiásticas e pessoais.

### **3.4 Procedimentos para análise de dados**

Para análise de dados, fizemos uso do programa estatístico *R*, que nos possibilitou análise multivariada de fatores, quantificação dos dados analisados e a verificação, via números brutos e percentuais, de quais fatores linguísticos e

extralinguísticos são significativos e/ou relevantes<sup>29</sup> para o uso das estruturas oracionais com valores avaliativos. De acordo com Oushiro (2014, p. 130),

o R é uma linguagem de programação voltada à análise de dados, que pode ser utilizada para realizar computações estatísticas e gráficas, compilar e anotar *corpora*, produzir listas de frequências, entre diversas outras tarefas. Uma de suas principais vantagens é o fato de ser gratuito e estar disponível para uma variedade de plataformas (UNIX, Windows e MacOS). Sendo uma linguagem de programação, o R permite que o usuário customize uma série de tarefas que deseja executar e, conseqüentemente, tenha maior controle sobre os resultados obtidos. Isso significa, no entanto, que ao invés de clicar em botões com funções limitadas e pré-definidas, o usuário normalmente define as funções que deseja executar através de linhas de comando, que instruem o programa sobre o que fazer.

Nesta etapa, após a rodada estatística, gráficos e tabelas foram elaborados para melhor visualização das ocorrências. A partir dessa análise, refletimos sobre o uso de determinadas estruturas oracionais que veiculam significados avaliativos e de que forma esses usos estão relacionados ao propósito comunicativo, dado um mesmo gênero textual com diferentes interlocutores.

Para a análise de resultados da pesquisa, foram verificados um a um os fatores linguísticos e extralinguísticos analisados. Para essa análise, partimos de conceitos básicos de estatística inferencial (OUSHIRO, 2022). Iniciamos o tratamento de dados com uma análise exploratória, por isso, testamos as nossas hipóteses a partir de teste qui-quadrado. Apesar de conseguirmos rejeitar a hipótese nula e aceitar a hipótese alternativa a partir do valor-*p*, valor de significância gerado pelo teste qui-quadrado, foi necessário submeter a amostra ao modelo de regressão logística multinomial, pois, de acordo com Oushiro (2022, p. 175), “um valor-*p* ou de significância abaixo de 5% não prova que a sua hipótese estava correta”. O valor-*p* serve como uma análise global da distribuição do fenômeno linguístico que está sendo analisado. O teste qui-quadrado indica se “as proporções entre os grupos são significativamente diferentes, pelo valor-*p* abaixo de 5%.” (OUSHIRO, 2022, p. 190). Em termos de análise, as medidas de qui-quadrado e valor-*p* são inversamente proporcionais, sendo assim, quanto menor o valor-*p*, maior o valor qui-quadrado.

---

<sup>29</sup> Significância e relevância, para a análise no R Studio, são termos diferentes. De acordo com Oushiro (2022, p. 175), “embora, no uso comum, dizer que algo é ‘significativo’ implica dizer que é ‘importante’ ou ‘relevante’, a significância estatística *nada* tem a ver com importância ou relevância. A significância ou valor-*p* é uma medida de probabilidade de se observar determinada distribuição em caso de a hipótese nula ser verdadeira”.

Por fim, submetemos a nossa amostra ao modelo de regressão logística multinomial, que coloca todas as variáveis estudadas em interação, selecionando, para o modelo e resultado final, os níveis de cada variável e as próprias variáveis que são mais relevantes e favorecem ou desfavorecem a ocorrência do fenômeno analisado.

Ressaltamos que a escolha por uma análise quantitativa é muito comum em pesquisas cujo foco é a descrição linguística, pois atesta a ocorrência do fenômeno a partir da verificação de seu uso em dados reais (sejam eles de fala ou de escrita). Por se tratar deste modelo de análise, que mostra frequência e percentuais de uso do fenômeno linguístico, é possível identificarmos também tendências de uso do Sistema de Avaliabilidade (mais especificamente no que diz respeito ao subsistema de atitude) em certos tipos oracionais.

A nossa proposta de análise, entretanto, não será restrita a uma análise quantitativa de dados, sendo também de cunho qualitativo. A abordagem qualitativa também permite que sejam observadas tendências de uso para o fenômeno em análise (CAVALCANTE, 2020). Para o tratamento de dados também via este modelo de análise, destacamos a possibilidade de entender melhor o contexto de escrita das cartas, levando em consideração aspectos sócio-históricos do momento de escrita, como é o caso das evidências que se têm acerca de características culturais da sociedade da época. Junto a isso, podemos refletir sobre as influências das escolhas linguísticas feitas pelo apóstolo, a depender do seu discurso e considerando também o tipo de destinatário. De acordo com Machado (2022, p. 53),

as cartas na prática epistolar do enunciador do acervo paulino serviam muito menos para fornecer informações às comunidades sobre seu autor, que como forma de agir sobre elas. Em sua maioria foram motivadas por situações específicas, enfrentadas pelas igrejas ou destinatários individuais: problemas doutrinários, éticos, morais, desalento espiritual, encorajamento para contribuições aos pobres etc. Por meio dessas missivas, o apóstolo corrigia distorções doutrinárias, repreendia pessoas em pecado, respondia perguntas feitas em cartas anteriores, orientava os líderes das comunidades, convocava as igrejas para ajudar aos pobres, fortalecia a fé dos cristãos, enfim, pastoreava suas igrejas. A presença dessas missivas representava a própria presença do apóstolo (...).

Além da reflexão sobre as escolhas linguísticas feitas pelo apóstolo e cientes de que o texto bíblico analisado passou por processo de tradução, de acordo com o

exposto acima, entendemos que as escolhas linguísticas também dizem respeito aos tradutores do texto e seus destinatários.

Acreditamos que a proposta de um procedimento qualitativo-quantitativo para o tratamento dos dados permite-nos um bom panorama da ocorrência do fenômeno linguístico sob análise (análise quantitativa), sem descartar as ocorrências individuais, verificadas na análise qualitativa. Além disso, podemos visualizar com mais propriedade a aplicação da teoria - o que justifica a escolha pela aplicação da pesquisa em um *corpus* - e atestar sua funcionalidade, recordando sempre que a Linguística Sistêmico-Funcional apresenta-se primeiramente como um estudo descritivo da linguagem.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, analisamos os 594 dados que foram coletados, a partir dos 10 grupos de fatores que compõem a análise, quais sejam: valor atitudinal expresso na oração, valor avaliativo atitudinal presente no complexo oracional, relações lógico-semânticas, eixo tático, gradação, plano discursivo, modo oracional, polaridade da oração, estatuto informacional da oração e o fator extralinguístico (tipo de carta).

Primeiramente, apresentaremos os resultados gerais da pesquisa, para averiguar o comportamento de cada fator sob análise com relação ao nosso objeto de estudo, as orações que veiculam valor avaliativo. Para isso, apresentaremos tabelas de proporções equivalentes a cada grupo de fator e teceremos discussões, partindo dos nossos dados, correlacionando-as às hipóteses construídas ao longo do trabalho. Depois, apresentaremos os resultados da regressão multinomial gerados pelo programa estatístico R Studio, que nos permite verificar quais fatores e níveis são condicionantes do fenômeno em estudo.

### 4.1 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração

Por ser o valor avaliativo atitudinal o objeto de nossa pesquisa, apresentamos, inicialmente, os resultados das ocorrências de cada valor em nossa amostra, conforme exposto abaixo, na tabela 01.

Tabela 01 – Valor avaliativo atitudinal expresso na oração

<b><i>Valor avaliativo atitudinal</i></b>	<b><i>Frequência</i></b>	<b><i>Proporção (%)</i></b>
Afeto	133	22,4
Julgamento	329	55,4
Apreciação	132	22,2
Total	594	100

Fonte: elaborada pela autora.

Nessa primeira tabela, verificamos que as orações que apresentam valores atitudinais veiculam mais valor de *juízo*, sendo este valor o que se sobressai



em mais de metade da amostra. Sendo assim, a nossa hipótese de que orações com valor de afeto seriam mais frequentes em nossos dados é refutada, o que pode ser justificado pelo valor instrutivo da escrita do apóstolo, o qual era figura de autoridade para os destinatários a quem escrevia. Após essa verificação, passamos a mapear, então, além do valor mais geral de cada oração, também o valor específico, conforme tabela 02.

Tabela 02 – Valor avaliativo atitudinal específico expresso na oração

<b>Valor avaliativo atitudinal geral</b>	<b>Valor avaliativo atitudinal específico</b>	<b>Frequência</b>	<b>Proporção (%)</b>
Afeto	Felicidade	38	6,4
	Infelicidade	3	0,5
	Segurança	76	12,8
	Insegurança	4	0,7
	Satisfação	12	2,0
	Insatisfação	0	0
Julgamento	Estima social	325	54,7
	Sanção social	4	0,7
Apreciação	Reação – qualidade	65	10,9
	Reação – impacto	18	3,0
	Composição - complexidade	18	3,0
	Composição – proporção	5	0,8
	Valoração	26	4,4
Total		594	100

Fonte: elaborada pela autora.

Os valores avaliativos específicos de *segurança*, na categoria de afeto; de *estima social*, na categoria de julgamento; e de *reação (qualidade)*, na categoria de apreciação, são os que mais aparecem. É interessante notar que a maior frequência, tanto em números brutos como em valor percentual, é a de *estima social*, que aponta para o fato de o apóstolo sempre mostrar suas convicções pessoais aos destinatários. Vejamos alguns exemplos de como esses valores aparecem em nossos dados. O valor de *segurança*, por exemplo, pode ser percebido pelas cláusulas destacadas no exemplo (07):

(07) “[Aguardo ansiosamente<sub>1</sub>] [e espero<sub>2</sub>] [que em nada serei envergonhado.<sub>3</sub>] [Ao contrário, com toda a determinação de sempre, **também agora Cristo será engrandecido em meu corpo**, quer pela vida, quer pela morte;<sub>4</sub>] [**porque para mim o viver é Cristo<sub>5</sub>**] [**e o morrer é lucro<sub>6</sub>**]” Filipenses 1: 20-21 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

Esse trecho da epístola aos Filipenses é um dos escritos mais conhecidos do apóstolo. Cabe o destaque de que a carta foi escrita em um período em que Paulo estava preso, mas, ainda assim, é conhecida pelos cristãos como “carta da alegria”. O valor de *segurança* é veiculado na quarta cláusula e evidenciado novamente na quinta e sexta orações. Esse valor, nesse exemplo, é entendido em contexto com as crenças da fé cristã – o apóstolo (que fazia diversas viagens missionárias evangelísticas) possui a segurança de que, caso viva, continuará falando de Cristo; por outro lado, se morrer, pela fé que professa, tem a certeza da vida eterna.

O valor específico que aparece nas orações que veiculam julgamento é o de *estima social*, o qual pode ser visto nas cláusulas destacadas no exemplo (08):

(08) “[Eles afirmam<sub>1</sub>] [que conhecem a Deus<sub>2</sub>], [**mas por seus atos o negam<sub>3</sub>**]; [**são detestáveis, desobedientes e desqualificados para qualquer boa obra<sub>4</sub>**]” Tito 1:16 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

O critério utilizado para classificar a cláusula como de *estima social* é que ela atenda aos questionamentos de normalidade, capacidade e tenacidade<sup>30</sup>. No caso da terceira e quarta orações do exemplo (08), evidenciam o julgamento do apóstolo

<sup>30</sup> Os questionamentos foram expostos no capítulo em que explicamos o referencial teórico.

com relação às características negativas dos indivíduos e seu comportamento, sua incapacidade e, por inferência, sua inconfiabilidade.

Nos exemplos (09) e (10), destacamos cláusulas que veiculam valor de *reação-qualidade*:

(09) “[Em tudo seja você mesmo um exemplo para eles<sub>1</sub>], [fazendo boas obras<sub>2</sub>]. [Em seu ensino, mostre integridade e seriedade<sub>3</sub>]; [use linguagem sadia<sub>4</sub>], [**contra a qual nada se possa dizer**<sub>5</sub>], [para que aqueles [que se opõem a você<sub>7</sub>] fiquem envergonhados<sub>6</sub>] [por não poderem falar mal de nós<sub>8</sub>].” Tito 2:7-8 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

(10) “[Evite, porém, controvérsias tolas, genealogias, discussões e contendas a respeito da Lei<sub>1</sub>], [**porque essas coisas são inúteis e sem valor**<sub>2</sub>].” Tito 3:9 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

Esses trechos foram retirados da carta pastoral a Tito, escrita pelo apóstolo com o objetivo de enviar instruções úteis para o ministério do pastor. Note que a apreciação em (09) é feita, de fato, sobre a *qualidade* da linguagem que deveria ser utilizada durante o ensino à igreja – que não houvesse nada digno de repreensão por parte de outras pessoas, assim como é feito em (10), em que a *qualidade* dos elementos citados na primeira oração é evidenciada na segunda oração.

Durante o tratamento dos dados, observamos que os valores específicos realizados pelas cláusulas, entretanto, nem sempre representam o valor do complexo oracional como um todo. Essa constatação vai ao encontro da observação feita por Fuzer e Cabral (2014, p. 25) de que, na LSF, “a gramática é o ponto de partida para explorar a organização da semântica”, já que a combinação entre as orações com valores específicos contribui para a construção de sentido do que está sendo dito. Sobre a observação de que podemos analisar o valor avaliativo também do complexo oracional, discorreremos na próxima seção.

#### **4.2 O valor avaliativo atitudinal presente no complexo oracional**

Optamos por acrescentar como grupo de fator o valor avaliativo atitudinal presente no complexo oracional, após percebermos que nem sempre os complexos

oracionais possuíam o mesmo valor expresso pela oração sob análise. A hipótese era de que, em sua maioria, a articulação entre as cláusulas corrobora a manutenção do mesmo valor emergente das orações. Assim, se um complexo oracional é composto de orações que, em si mesmas, veiculam afeto, por exemplo, é provável que esse seja também o valor que emerge do bloco. É o que comprovamos parcialmente, se verificamos a tabela 03 (a seguir) e comparamos com a tabela 01, mostrada anteriormente.

Tabela 03 – Valor avaliativo atitudinal presente no complexo oracional

<b>Valor avaliativo atitudinal</b>	<b>Frequência</b>	<b>Proporção (%)</b>	<b>Frequência da tabela 01</b>	<b>Proporção (%) da tabela 01</b>
Afeto	133	22,4	133	22,4
Julgamento	363	61,1	329	55,4
Apreciação	98	16,5	132	22,2
Total	594	100	594	100

Fonte: elaborada pela autora.

Note que, para os valores de afeto, tanto os números brutos quanto o percentual são equivalentes aos vistos na tabela 1, enquanto os valores de julgamento e apreciação variam. No valor de julgamento, os números brutos não são equivalentes, mas são bem próximos aos valores avaliativos que emergem da oração e, inclusive, o ultrapassam. No caso do valor de apreciação, os números são menores (tivemos 132 ocorrências de orações apreciativas, mas apenas 98 complexos oracionais em que esse valor se sobressai). Analisando as ocorrências, podemos buscar respostas acerca da direção dos resultados. Observamos que o valor de apreciação é sempre relacionado a elementos ao nosso redor e, muitas vezes, essa apreciação acontece em algum complexo oracional em que as orações, em sua maioria, veiculam um dos outros dois valores atitudinais: afeto ou julgamento, sendo, portanto, estes últimos os valores que se sobressaem no momento em que as orações são articuladas. É interessante notar também que os valores mais sobressalentes no momento da articulação de cláusulas são os que

estão diretamente relacionados às pessoas (afeto e julgamento), e não a coisas/objetos (apreciação). Vejamos os exemplos (11), (12) e (13):

(11) “[É justo<sub>1</sub>] [que eu assim me sinta a respeito de todos vocês<sub>2</sub>], [uma vez que os tenho em meu coração<sub>3</sub>], [pois, quer nas correntes que me prendem<sub>5</sub>], [quer defendendo<sub>6</sub>] [e confirmando o evangelho<sub>7</sub>], todos vocês participam comigo da graça de Deus.<sub>4</sub>]” Filipenses 1:7 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

No exemplo (11), apesar de a cláusula analisada realizar valor de apreciação, este não é o valor que se sobressai no complexo oracional, já que esta apreciação está voltada somente para um objeto: as correntes. É o valor de afeto o que se sobressai na articulação das orações, evidenciado principalmente na terceira e quarta cláusulas. No exemplo (12), o valor de julgamento é o que emerge da articulação de cláusulas, apesar de a cláusula destacada ser também apreciativa.

(12) “[Ao contrário, é preciso<sub>1</sub>] [que ele seja hospitaleiro, amigo do bem, sensato, justo, consagrado<sub>2</sub>], [tenha domínio próprio<sub>3</sub>] [e apegue-se firmemente à mensagem fiel<sub>4</sub>] [da maneira pela qual foi ensinada<sub>5</sub>] [para que seja capaz<sub>6</sub>] [de encorajar outros pela sã doutrina<sub>7</sub>] [e de refutar<sub>8</sub>] [os que se opõem a ela<sub>9</sub>].” Tito 1:8-9 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

Em (12), o apóstolo está elencando características que as pessoas que participavam no serviço eclesial deveriam ter. Observamos que, de modo geral, as cláusulas que veiculam valor apreciativo parecem muito mais contribuir para um nível maior de esclarecimento dentro do texto, principalmente voltado aos elementos de fé cristã, como visto em (12). Complexos oracionais veiculam valor avaliativo de apreciação predominantemente quando a maior parte das orações que o compõem apreciam um mesmo objeto. É o que nos mostra o exemplo (13):

(13) [Elas dão prova do justo juízo de Deus<sub>1</sub>] [e mostram o seu desejo<sub>2</sub>] [de que vocês sejam considerados dignos do seu Reino<sub>3</sub>], [pelo qual vocês também estão sofrendo<sub>4</sub>].” 2 Tessalonicenses 1:5 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

A primeira cláusula inicia o complexo em (13) já apreciando as perseguições e tribulações sofridas pela igreja (assunto o qual vinha sendo tratado em contexto imediatamente anterior), apreciação seguida na cláusula 2. A terceira oração

aprecia o desejo exposto na segunda oração; e a quarta oração aprecia o Reino mencionado pela terceira oração. O valor apreciativo nesse complexo oracional, portanto, emerge da articulação entre todas as orações que possuem também esse valor.

Essa perspectiva de análise do valor avaliativo que surge da combinação de orações com valores avaliativos específicos no bloco oracional é inovadora. Em sua maioria, as pesquisas que se dedicam a estudar as orações avaliativas analisam apenas a oração de modo individual e/ou com relação ao que está sendo avaliado pela oração. É possível, entretanto, debruçar-se sobre esse modo de análise, pois a LSF considera o texto uma “unidade de processo semântico” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 24). Sendo assim, uma análise que parte de um contexto imediatamente maior que a oração, ou seja, do bloco oracional, auxilia o pesquisador a entender onde o falante/escritor deseja chegar em perspectiva discursiva e possibilita um estudo mais detalhado dos planos comunicativos (linguístico e contextual) propostos pela LSF.

### **4.3 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração e o eixo tático**

A partir desse grupo, as variáveis foram analisadas com relação ao valor avaliativo atitudinal da oração, a fim de verificar quais grupos de fatores seriam mais significantes para o fenômeno em estudo. Sendo assim, a partir de agora, apresentaremos as tabelas nos seguintes moldes: uma coluna contendo o valor avaliativo atitudinal presente na oração que será diretamente associada à segunda coluna contendo a variável sob análise, seguida da terceira coluna contendo a frequência (número) das ocorrências e, por fim, a quarta coluna contendo a proporção equivalente às ocorrências. Ao final de cada tabela, será apresentado o valor de *qui-quadrado* e *p*, os quais já foram explicados na seção 3.4.

Para a investigação desse grupo de fator, a nossa hipótese era de que as orações encaixadas seriam aquelas que veiculam mais valores avaliativos, dada a integração [+ dependência] [+ encaixamento] com outras orações, que possibilita a especificação e intensificação de termos presentes em cláusulas às quais se referem. Os resultados da primeira interação podem ser vistos na tabela (04).

Tabela 04 – Valor avaliativo atitudinal expresso na oração e eixo tático<sup>31</sup>

<b>Valor avaliativo atitudinal</b>	<b>Eixo tático</b>	<b>Frequência</b>	<b>Proporção (%)</b>
Afeto (n = 133)	Parataxe	73	54,9
	Hipotaxe	31	23,3
	Encaixamento	29	21,8
Julgamento (n = 329)	Parataxe	148	45
	Hipotaxe	88	26,7
	Encaixamento	93	28,3
Apreciação (n = 132)	Parataxe	61	46,2
	Hipotaxe	30	22,7
	Encaixamento	41	31,1
Q-quadrado = 5,0877, df = 4, p = 0,2784			

Fonte: elaborada pela autora.

Indo contra a nossa hipótese de que orações encaixadas veiculariam mais valores avaliativos, os resultados mostraram que são orações paratáticas que veiculam em maior quantidade os três valores propostos pelo nosso estudo, sendo o valor de afeto o que mais se sobressai, em percentual, neste eixo oracional. É o que podemos ver no exemplo (14), retirado da epístola escrita aos Filipenses:

(14) [Para eles isso é sinal de destruição<sub>1</sub>], [mas para vocês, de salvação, e isso da parte de Deus;<sub>2</sub>] **[pois a vocês foi dado o privilégio<sub>3</sub>]** [de não apenas crer em Cristo<sub>4</sub>,] [mas também de sofrer por ele<sub>5</sub>]. Filipenses 1: 28-29 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso]

<sup>31</sup> Para melhor explanação dos resultados e para que evitemos o enviesamento dos números, haja vista maior número de dados correspondentes ao valor de julgamento, além de olharmos para os números brutos de dados, comentaremos o valor proporcional de cada variável com relação ao seu valor avaliativo específico.

A carta aos Filipenses é escrita quando o apóstolo Paulo estava preso por pregar o evangelho. Essa, portanto, é uma carta de encorajamento, escrita para que a igreja, mesmo em meio às dificuldades enfrentadas (inclusive a de não ter o apóstolo presencialmente na cidade de Filipo, haja vista o contexto em que se encontrava), permanecesse “firme na fé” (BÍBLIA, 2009). Nesse contexto, o apóstolo evidencia sua satisfação (cláusula 3) em ter essas pessoas não só compartilhando da mesma fé como também enfrentando dificuldades que, segundo o autor, é um sinal de salvação para aquele povo.

Além disso, podemos observar as orações paratáticas veiculando valores de apreciação e julgamento, respectivamente, nos exemplos em (15-a) e (15-b)<sup>32</sup>, retirados da carta pastoral escrita a Tito:

(15) (a) [**Para os puros, todas as coisas são puras;**<sub>1</sub>] [**mas, para os impuros e descrentes, nada é puro**]<sub>2</sub>. (b) [De fato, tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas.<sub>3</sub>] [Eles afirmam<sub>4</sub> [que conhecem a Deus<sub>5</sub>]], [**mas por seus atos o negam**]<sub>6</sub>; [**são detestáveis, desobedientes e desqualificados para qualquer boa obra**]<sub>7</sub>] Tito 1:15 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

Em (15-a), o complexo oracional paratático avalia o conteúdo dos termos “todas as coisas” e “nada”, apreciando-os com relação a sua qualidade (pureza). Note que o discurso do apóstolo é ancorado nessa apreciação, para, em seguida, evidenciar um comportamento (estima) dos cristãos que não era esperado. Na verdade, a carta pastoral escrita a Tito tem como objetivo alertar o destinatário dos problemas que estavam acontecendo em Creta e ensinar como ele deveria portar-se diante dessas situações. Se havia homens escolhidos para servir na igreja, eles deveriam possuir características já citadas pelo apóstolo na mesma carta - isso não ocorre, como podemos notar nas cláusulas 6 e 7. O julgamento, portanto, recai sobre o fato de que as ações desses homens não condiziam com as orientações que haviam sido feitas (cláusula 6), permitindo ao autor emitir um julgamento ainda maior sobre eles (cláusula 7).

---

<sup>32</sup> O exemplo (15) traz um trecho do exemplo em (08), mas apresenta contexto maior, para melhor contextualização e explicação do que está sendo proposto.



Apesar de ser a parataxe o eixo predominante na veiculação de valores avaliativos e não corresponder a nossa hipótese inicial, podemos verificar que este não foi um grupo de fator selecionado pelo programa estatístico como significativo para a nossa análise, pois o valor de  $p$  foi de 0,2784, portanto, maior que 0,05 (cf. tabela 04).

Apesar de algumas pesquisas colocarem em foco a avaliação realizada por meio de estruturas oracionais hipotáticas e encaixadas, por acreditarem que há uma marca de (inter)subjetividade nesses complexos oracionais (DIAS, 2013, 2014; DIAS e MOURA; 2011; MOURA, 2009; RAMOS, 2016), nosso estudo coloca em comparação as três divisões do eixo tático, evidenciando que orações em contexto de parataxe também são passíveis de valores avaliativos, pois, em nossa pesquisa, os números referentes à parataxe são predominantes para todos os valores avaliativos sob análise.

#### **4.4 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração e relações lógico-semânticas**

Sobre este grupo, hipotetizamos, na esteira de Nunes (2018), que as relações lógico-semânticas de extensão e intensificação/realce seriam mais frequentes em cláusulas nas quais o valor de julgamento se sobressai. Se verificarmos os valores percentuais na tabela 05, vemos que a relação lógico-semântica de extensão é frequente tanto em orações cujo valor é afeto, quanto em orações com valor de julgamento, sendo percentualmente maior nestas que naquelas. Já a relação de realce, apesar de ter número bruto maior referente a cláusulas com valor de julgamento, tem maior valor proporcional em cláusulas que veiculam valor de afeto. As relações lógico-semânticas compõem um dos grupos selecionados como relevantes para o estudo dos valores avaliativos, já que o valor de  $p$  é menor que 0,001.

Tabela 05 – Valor avaliativo atitudinal expresso na oração e relações lógico-semânticas

<b>Valor</b>	<b>avaliativo</b>	<b>Relações</b>	<b>lógico-</b>	<b>Frequência</b>	<b>Proporção (%)</b>
--------------	-------------------	-----------------	----------------	-------------------	----------------------

<b>atitudinal</b>	<b>semânticas</b>		
Afeto (n = 133)	Primária <sup>33</sup>	21	15,8
	Extensão	49	36,8
	Elaboração	18	13,5
	Realce	43	32,3
	Locução	2	1,5
Julgamento (n = 329)	Primária	32	9,7
	Extensão	144	43,8
	Elaboração	44	13,4
	Realce	92	28,0
	Locução	6	1,8
	Ideia	11	3,3
Apreciação (n = 132)	Primária	16	12,1
	Extensão	32	24,2
	Elaboração	61	46,2
	Realce	23	17,4
Q-quadrado <sup>34</sup> = 85,455, df = 12, p = < 0,001			

Fonte: elaborada pela autora.

<sup>33</sup> Orações que aparecem como primeira do complexo oracional, em contexto de parataxe, e principal, em contexto de hipotaxe, foram codificadas como orações primárias, pois não possuem conjunção para classificação e, muitas vezes, estão iniciando novo tópico sobre o qual será discorrido. Orações dentro do complexo oracional que não apresentam conjunções podem ter sua relação analisada em (e definida pelo) contexto.

<sup>34</sup> O R Studio apontou que a aproximação do qui-quadrado pode estar equivocada, o que nos pede uma interpretação mais cautelosa do número, já que há muitos graus de liberdade e alguns níveis dos grupos de fatores aparecem com poucas ou nenhuma ocorrência. Para o R Studio, de acordo com Oushiro (2022, p. 194), entende-se como grau de liberdade “o número de células de que você precisa, junto com os valores totais de linhas e colunas, para conseguir deduzir os demais valores”.

Em nossa análise, foram mapeadas cláusulas de todas as relações lógico-semânticas estabelecidas pela LSF. As relações de expansão (extensão, elaboração e realce/intensificação) são ilustradas (respectivamente) nos exemplos (16), (17) e (18), nas cláusulas em destaque:

(16) “[Ele punirá<sub>1</sub>] [os que não conhecem a Deus<sub>2</sub>] **e os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus<sub>3</sub>**].” 2 Tessalonicenses 1:8 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

(17) “[Contudo, mesmo que eu esteja sendo derramado como oferta de bebida sobre o serviço<sub>1</sub>] [que provém da fé<sub>2</sub>] **que vocês têm<sub>3</sub>**, [o sacrifício que oferecem a Deus<sub>4</sub>], [estou alegre<sub>5</sub>] [e me regozijo com todos vocês<sub>6</sub>].” Filipenses 2:17 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

(18) “[Espero no Senhor Jesus<sub>1</sub>] [enviar Timóteo brevemente<sub>2</sub>], **para que eu também me sinta animado<sub>3</sub>**] [quando receber notícias de vocês<sub>4</sub>].” Filipenses 2:19 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

No exemplo (16), a extensão é feita por meio de uma cláusula que veicula valor de julgamento. Cláusulas de extensão são utilizadas para acrescentar informações ao que está sendo dito (NUNES, 2018). É também de acordo com Nunes (2018) que acreditamos que as cláusulas de elaboração são equivalentes ao que já foi exposto anteriormente pela cláusula anterior. A autora afirma que cláusulas com valor de extensão podem ser representadas pelo sinal (+), já que acrescentam informações, enquanto cláusulas de elaboração podem ser representadas pelo sinal (=), pois elaboram o termo ou a cláusula anterior com outras palavras. É o que acontece no exemplo em (17), a fé sobre a qual se fala é a mesma que a igreja tem. Ainda conforme Nunes (2018), cláusulas de realce/intensificação podem ser representadas pelo sinal de (x), pois multiplicam (intensificam) o que está sendo dito. Para Nunes (2018, p. 74), “a [intensificação] hipotática, [...], consiste em o que, na gramática tradicional, denominam-se orações adverbiais”. Essa afirmação pode ser comprovada em (18), quando a cláusula de intensificação (pela classificação da GT, adverbial final) realiza o valor de afeto para intensificar a motivação/finalidade que o apóstolo tem de enviar Timóteo para visitar a igreja.

As relações de projeção (locução e ideia) também foram constatadas em nossa pesquisa, conforme verificamos, respectivamente, nas orações destacadas em (19) e (20):

(19) “[Antes daquele dia virá a apostasia<sub>1</sub>] [e, então, será revelado o homem do pecado, o filho da perdição<sub>2</sub>]. [Este se opõe<sub>3</sub>] [e se exalta acima de tudo<sub>4</sub>] [o que se chama Deus<sub>5</sub>] [ou é objeto de adoração<sub>6</sub>], [chegando até<sub>7</sub>] [a assentar-se no santuário de Deus<sub>8</sub>] [**proclamando**<sub>9</sub>] [que ele mesmo é Deus<sub>10</sub>].” 2 Tessalonicenses 2:3-4 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

(20) “[É verdade<sub>1</sub>] [que alguns pregam Cristo por inveja e rivalidade<sub>2</sub>], [mas outros o fazem de boa vontade<sub>3</sub>]. [Estes o fazem por amor<sub>4</sub>], [sabendo<sub>5</sub>] [que aqui me encontro para a defesa do evangelho<sub>6</sub>]. [Aqueles pregam Cristo por ambição egoísta, sem sinceridade<sub>7</sub>], [**pensando**<sub>8</sub>] [que me podem causar sofrimento<sub>9</sub>] [enquanto estou preso<sub>10</sub>].” Filipenses 1:15-17 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

Interessante notar que o valor de afeto é mais frequente com orações cuja relação lógico-semântica é de extensão e realce. Esse resultado pode ser justificado pelo fato de o autor querer evidenciar aos leitores o quanto os estima, já que está distante deles, recorrendo a essas estratégias para ampliar e intensificar o que diz sobre o sentimento que tem pela igreja. A alta frequência de orações de extensão com valor de julgamento também pode ser justificada, já que o autor, por diversas vezes, mostra sua opinião com relação aos indivíduos que estão sendo julgados.

Nunes (2018), que se dedicou ao estudo sistêmico-funcional das relações lógico-semânticas em textos de organização sequencial argumentativa, evidencia que as relações de expansão (intensificação, extensão e elaboração) são mais comuns em textos mais argumentativos porque a preocupação dos autores consiste em

justificar a escolha da tese, apresentando argumentos que a fundamentam, bem como com fazer progredir a argumentação, buscando, essencialmente, a inserção de informações novas, que são somadas ou contrastadas a anteriores ou, ainda, que servem para circunstancializá-las. (NUNES, 2018, p. 7)

Nesse sentido, em nossa pesquisa, observamos que também é válido perceber que as estratégias de fazer progredir a argumentação textual através

dessas relações estabelecidas entre as cláusulas podem ser aplicadas aos valores avaliativos investigados, como modo de validar os sentimentos e emoções que estão sendo colocados no texto, seja para demonstrar afeto, julgamento ou apreciação.

#### 4.5 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração e modo oracional

No que se refere ao modo oracional, a nossa hipótese era de que orações declarativas teriam mais ocorrências, de modo geral, e orações imperativas estariam mais relacionadas a orações com valor de julgamento. Consideramos também as orações interrogativas, visto a característica do apóstolo de fazer perguntas retóricas, mas nenhuma ocorrência desse modo oracional foi registrada na pesquisa. Os resultados que correlacionam o valor avaliativo atitudinal da oração e os modos oracionais estão expostos na tabela 06 e mostram que este também foi um grupo de fator significativo para a nossa análise ( $p < 0,001$ ).

Tabela 06 – Valor avaliativo atitudinal expresso na oração e modo oracional<sup>35</sup>

<b>Valor avaliativo atitudinal</b>	<b>Modo oracional</b>	<b>Frequência</b>	<b>Proporção (%)</b>
Afeto (n = 133)	Declarativo	124	93,2
	Imperativo	9	6,8
Julgamento (n = 329)	Declarativo	284	86,3
	Imperativo	45	13,7
Apreciação (n = 132)	Declarativo	130	98,5
	Imperativo	2	1,5
Q-quadrado = 17,741, df = 2, p < 0,001			

Fonte: elaborada pela autora.

A hipótese de que as orações de modo declarativo seriam mais frequentes foi confirmada e podemos perceber a baixa frequência de ocorrências de orações imperativas em todos os valores. Ainda que o apóstolo escreva aos seus leitores

<sup>35</sup> Embora consideremos três modos oracionais, apenas dois foram registrados na pesquisa.

para instruí-los, parece-nos que ele não usa de sua autoridade para impor o que deve ser feito, mas modaliza o seu discurso para que os próprios destinatários revejam suas práticas e lembrem da conduta com a qual devem viver. Essa observação pode ser atestada no exemplo (21), em que o apóstolo apenas sinaliza as exigências que um bispo deve ter, por meio de orações declarativas, sem necessariamente ordenar que assim seja:

(21) “[Por ser encarregado da obra de Deus<sub>1</sub>], [é necessário<sub>2</sub>] [que o bispo seja irrepreensível: não orgulhoso, não briguento, não apegado ao vinho, não violento, nem ávido por lucro desonesto<sub>3</sub>].” Tito 1:7 (BÍBLIA, 2009)

Algumas ocorrências registraram também cláusulas imperativas veiculando valor de afeto, o que nos parece curioso, visto que esse valor está relacionado a sentimentos pessoais. Um exemplo de cláusula de modo imperativo, que veicula valor de afeto, pode ser vista em (22), quando o apóstolo utiliza o modo verbal para indicar como a igreja deve se comportar para que ele tenha sua alegria completa:

(22) “[Se [por estarmos em Cristo<sub>2</sub>] nós temos alguma motivação, alguma exortação de amor, alguma comunhão no Espírito, alguma profunda afeição e compaixão<sub>1</sub>], [**completem a minha alegria<sub>3</sub>**], [tendo o mesmo modo de pensar, o mesmo amor, um só espírito e uma só atitude<sub>4</sub>]. Filipenses 2:2 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

Pesquisas como a de Pinheiro-Monteiro e Coan (2017), aportadas na teoria da Sociolinguística e do Funcionalismo norteamericano, atestam que os atos de comando podem ser dados por meios linguísticos diversos e buscam correlacionar as formas assumidas por esses comandos a contextos motivadores de uso (PINHEIRO-MONTEIRO; COAN, 2017). Essa correlação é válida porque as autoras defendem, com base em Givón (1993), que há uma gradação de comandos que vai de um imperativo mais prototípico (com força manipuladora mais alta) a um imperativo menos prototípico (com força manipuladora mais baixa). Além disso, a alta frequência das orações declarativas pode ser justificada, também na esteira de Givón (1993), por ser esse o padrão considerado menos marcado na língua. Em nosso *corpus*, mesmo em textos de cunho mais instrutivo, que traziam normas e orientações de comportamento para um grande número de pessoas ou mesmo para o dirigente da igreja, há um uso mais frequente de orações declarativas. Uma

investigação mais minuciosa, correlacionando os atos de comando às estruturas avaliativas, poderia trazer melhores indicativos do comportamento do autor com relação ao que era solicitado/ordenado aos seus leitores.

#### 4.6 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração e polaridade

Sobre este grupo de fator, cujos resultados estão dispostos na tabela 07, hipotetizamos que as orações de polaridade negativa seriam mais frequentes quando o valor de julgamento fosse mais sobressalente. Valores de afeto e apreciação seriam veiculados em orações de polaridade positiva, haja vista serem as orações afirmativas as menos marcadas na língua (GIVÓN, 1993).

Tabela 07 – Valor avaliativo atitudinal expresso na oração e polaridade

<b>Valor avaliativo atitudinal</b>	<b>Polaridade</b>	<b>Frequência</b>	<b>Proporção (%)</b>
Afeto (n = 133)	Afirmativa	127	95,5
	Negativa	6	4,5
Julgamento (n = 329)	Afirmativa	293	89,0
	Negativa	36	11,0
Apreciação (n = 132)	Afirmativa	126	95,5
	Negativa	6	4,5
Q-quadrado = 8,1293, df = 2, p < 0,05			

Fonte: elaborada pela autora.

A ocorrência de cláusulas cuja polaridade é positiva é bem mais frequente em orações de todos os valores atitudinais. Analisando a tabela, podemos verificar ainda que as orações de polaridade negativa, quando comparadas entre si, realmente foram mais frequentes quando o valor veiculado pela cláusula era de julgamento; entretanto, ainda assim, em número bem menor que cláusulas de polaridade positiva. Os resultados mostram ainda a significância desse grupo de fator para a nossa pesquisa, pois apresenta o valor de  $p$  como menor que 0,05.

A título de ilustração desse grupo de fator, vejamos as cláusulas destacadas nos exemplos (21) e (22):

(21) “[Quanto aos nossos, que aprendam<sub>1</sub>] [a dedicar-se à prática de boas obras<sub>2</sub>], [a fim de que supram as necessidades diárias<sub>3</sub>] **[e não sejam improdutivo<sub>4</sub>]**.” Tito 3:14 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

(22) “[**De fato, continuarei a alegrar-me<sub>1</sub>**], [pois sei<sub>2</sub>] [que [o que me aconteceu<sub>3</sub>] resultará em minha libertação, graças às orações de vocês e ao auxílio do Espírito de Jesus Cristo.<sub>4</sub>]” Filipenses 1:18-19 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

No exemplo (21), a quarta cláusula, de polaridade negativa, expressa valor de julgamento, enquanto em (22), a primeira oração possui polaridade positiva e valor de afeto. Em diversos momentos de leitura das cartas, percebemos a necessidade do autor de compartilhar e reafirmar suas crenças e convicções para seus destinatários, o que pode justificar a maior frequência de orações com polaridade positiva em nossos dados. Ressaltamos que é também a polaridade positiva mais frequente – menos marcada na língua.

Apesar de a LSF considerar a polaridade como parte da interação entre falante-ouvinte e, por isso, como uma das categorias representantes da metafunção interpessoal (FUZER; CABRAL, 2014), as pesquisas com foco no Sistema de Avaliatividade pouco se debruçam sobre a investigação deste grupo de fator. Por isso, evidenciamos a necessidade de tratar-se também da polaridade em pesquisas futuras, correlacionando-a à modalidade, que é considerada pela LSF como grau intermediário entre os polos positivo e negativo.

#### 4.7 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração e estatuto informacional

No que tange ao estatuto informacional da oração, hipotetizamos que as informações novas apareceriam com maior frequência em cláusulas cujo valor fosse de afeto e apreciação e que as orações com valor de julgamento conteriam mais informações dadas. Sobre este grupo de fator, vejamos os resultados na tabela 08.

Tabela 08 – Valor avaliativo atitudinal expresso na oração e estatuto informacional

<i>Valor</i>	<i>avaliativo</i>	<i>Estatuto</i>	<i>Frequência</i>	<i>Proporção (%)</i>
--------------	-------------------	-----------------	-------------------	----------------------



<i>atitudinal</i>	<i>informacional</i>		
Afeto (n = 133)	Dado	54	40,6
	Novo	79	59,4
Julgamento (n = 329)	Dado	174	52,9
	Novo	155	47,1
Apreciação (n = 132)	Dado	95	72
	Novo	37	28
Q-quadrado = 26,936, df = 2, p < 0,001			

Fonte: elaborada pela autora.

Além de evidenciar que esse é um grupo de fator significativo para o nosso estudo ( $p < 0,001$ )<sup>36</sup>, os resultados mostram que as cláusulas com valor de julgamento apresentaram proporções bem próximas entre informações dadas e novas. Notamos, ainda, que as informações novas apareceram mais em orações que veiculam valor de afeto, confirmando parcialmente a nossa hipótese, pois orações com valor de apreciação carregaram mais informações dadas, fato que não era previsto em nossa hipótese.

O complexo oracional ilustrado em (23) realiza o valor de afeto e é formado por cláusulas que trazem aos leitores apenas informações novas:

(23) “[Conscientes disso, oramos constantemente por vocês<sub>1</sub>], [para que o nosso Deus os faça dignos da vocação<sub>2</sub>] [e, com poder, cumpra todo bom propósito e toda obra<sub>3</sub>] [que procede da fé<sub>4</sub>].” 2 Tessalonicenses 1:11 (BÍBLIA, 2009)

No exemplo em (24-a), há uma informação nova articulada pela primeira, segunda e terceira cláusulas, seguidas de informações dadas (quarta e quinta

<sup>36</sup> Apesar de ter sido um fator considerado relevante na análise exploratória, essa não foi uma variável considerada quando o modelo de regressão multinomial foi rodado e, portanto, foi excluída pelo próprio programa estatístico. Isso acontece porque, quando as variáveis são colocadas em interação, o programa auxilia o pesquisador a identificar modelos de análise mais adequados. Sendo assim, excluir uma variável no modelo de regressão multinomial indica que ela não é relevante quando todas as variáveis são analisadas em conjunto. Discutiremos um pouco mais sobre esse resultado e resultados semelhantes mais adiante, quando trataremos diretamente do modelo de regressão multinomial.

cláusulas). O mesmo acontece em (24-b), iniciado por informações novas (sexta e sétima cláusulas), seguidas de informações dadas nas duas últimas orações.

(24) (a) “[Contudo, penso<sub>1</sub>] [que será necessário<sub>2</sub>] [enviar de volta a vocês Epafrodito, meu irmão, cooperador e companheiro de lutas, mensageiro<sub>3</sub>] [que vocês enviaram<sub>4</sub>] [para atender às minhas necessidades<sub>5</sub>]. (b) [Pois ele tem saudade de todos vocês<sub>6</sub>] [e está angustiado<sub>7</sub>] [porque ficaram sabendo<sub>8</sub>] [que ele esteve doente<sub>9</sub>].” Filipenses 2:25-26 (BÍBLIA, 2009)

Reafirmamos que o estatuto informacional pode admitir diversos padrões dentro do complexo oracional. Acreditamos que, por se tratar de sentimentos, o valor de afeto é o que predomina em cláusulas cuja informação é nova. Como vimos, já que os objetos de fé são, em sua maioria, acompanhados de cláusulas com valor apreciativo, as informações dadas podem ser justificadas pelo fato de o autor da epístola já compartilhar o conhecimento desses objetos com os destinatários.

De acordo com Nunes (2018), as informações novas, quando correlacionadas às relações lógico-semânticas, auxiliam na progressão do texto, validando o que está sendo dito. Isso ocorre, em nossa pesquisa, em cláusulas com valor avaliativo atitudinal de afeto, em contrapartida, os resultados para as orações com valor avaliativo atitudinal de julgamento (que, conforme foi discutido, podemos considerar mais argumentativas) vão contra a análise de Nunes (2018) e apontam para informações dadas como mais frequentes na organização textual. Uma justificativa para essa observação é a de que, por vezes, as cartas escritas pelo apóstolo Paulo não significavam um primeiro contato com seu público leitor, sendo, na maioria das vezes, um recontato e, por isso, continham muitas informações já compartilhadas.

#### **4.8 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração e plano discursivo**

Para este grupo de fator, hipotetizamos que os valores avaliativos são codificados em posição de fundo, pois são indicadores de posicionamentos subjetivos por parte do escritor. Hipotetizamos ainda que os valores avaliativos poderiam aparecer em posição de figura quando este valor fosse parte da

informação essencial da oração. Vejamos, portanto, os resultados com relação a essa variável, os quais estão expostos na tabela 09.

Tabela 09 – Valor avaliativo atitudinal expresso na oração e plano discursivo

<b>Valor avaliativo atitudinal</b>	<b>Plano discursivo</b>	<b>Frequência</b>	<b>Proporção (%)</b>
Afeto (n = 133)	Figura	61	45,9
	Fundo	72	54,1
Julgamento (n = 329)	Figura	173	52,6
	Fundo	156	47,4
Apreciação (n = 132)	Figura	55	41,7
	Fundo	77	58,3
Q-quadrado = 5,0275, df = 2, p = 0,08			

Fonte: elaborada pela autora.

Observemos que o plano discursivo não foi uma variável considerada significativa para a investigação ( $p = 0,08$ ). Apesar disso, se atentarmos para a frequência dos planos discursivos, veremos que a nossa hipótese foi parcialmente confirmada. De fato, dois dos valores avaliativos (afeto e apreciação) apareceram mais em orações em posição de fundo, e não de figura. Entretanto, as orações com valor de julgamento foram as que mais apareceram em posição de figura, o que pode ser justificado, como citado anteriormente, pelo fato de essas orações carregarem mais informações essenciais. No caso do apóstolo Paulo, seus pensamentos e opiniões eram considerados muito relevantes para as igrejas com as quais mantinha contato próximo. Sendo assim, colocar o seu posicionamento em posição de figura no discurso poderia atrair a atenção dos leitores para terem, com ele, o mesmo posicionamento. Analisemos alguns dos exemplos retirados de nossa amostra:

(25) “[Agradeço a meu Deus toda vez<sub>1</sub>] [que me lembro de vocês<sub>2</sub>]. [**Em todas as minhas orações em favor de vocês, sempre oro com alegria**]<sub>3</sub>] [por causa da cooperação que vocês têm dado ao evangelho desde o primeiro dia até agora<sub>4</sub>]” Filipenses 1:3-5 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

(26) “[Portanto, irmãos, permaneçam firmes<sub>1</sub>] [e apeguem-se às tradições<sub>2</sub>] [**que foram ensinadas a vocês** quer de viva voz, quer por carta nossa.<sub>3</sub>]” 2 Tessalonicenses 2:15 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

(27) “[**Ele fará uso de todas as formas de engano da injustiça**]<sub>1</sub>] [para os que estão perecendo,<sub>2</sub>] [porquanto rejeitaram o amor à verdade<sub>3</sub>] [que os poderia salvar<sub>4</sub>]” 2 Tessalonicenses 2:10 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

Observe que a oração destacada em (25) realiza valor de afeto (*felicidade*) e está em posição de fundo, pois a informação relevante no trecho está no motivo de gratidão ressaltado pelo apóstolo. O exemplo destacado em (26) mostra como o valor de apreciação aparece em posição de fundo, com relação às tradições cristãs, realizando um significado de *complexidade*, elas foram ensinadas à igreja. Em (27), o valor avaliativo é o de julgamento, e aparece em posição de figura, como informação mais importante no trecho.

A categoria de análise de plano discursivo, em nossa pesquisa, mostra, em concordância com Pontes (2012), que a situação comunicativa permite ao leitor perceber quais informações são essenciais para o texto e quais são acessórias. O autor defende que orações com valor mais subjetivo podem aparecer com mais frequência em posição de fundo, sendo exatamente o que ocorre com os valores avaliativos atitudinais de afeto e apreciação. O valor de julgamento, entretanto, aparece com mais frequência em posição de figura, configurando uma informação essencial ao texto. Como os julgamentos apresentados nas epístolas decorrem de comportamentos dos leitores, é possível que a escolha por colocar a informação em plano de figura, como algo essencial, seja o que evidencia a aprovação ou não dessas atitudes, chamando a atenção do leitor exatamente para a avaliação que está sendo feita naquele momento.

#### 4.9 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração e gradação

Para o valor de gradação, a hipótese inicial era de que os mecanismos de foco seriam mais frequentes em orações que indicam julgamento, enquanto recursos de força apareceriam mais em cláusulas com valores avaliativos de afeto e apreciação. Em nossa pesquisa, houve casos em que nenhum dos mecanismos foi verificado e, por isso, na tabela 10, há a presença de uma linha com nível *não se aplica*. Atenemos para a tabela 10, a seguir, para verificar os resultados obtidos quanto à frequência e proporção e, ainda, para atestar a significância desse grupo de fator.

Tabela 10 - Valor avaliativo atitudinal expresso na oração e gradação

<b>Valor avaliativo atitudinal</b>	<b>Recursos de gradação</b>	<b>Frequência</b>	<b>Proporção (%)</b>
Afeto (n = 133)	Foco	53	39,8
	Força	22	16,5
	Não se aplica	58	43,6
Julgamento (n = 329)	Foco	132	40,1
	Força	50	15,2
	Não se aplica	147	44,7
Apreciação (n = 132)	Foco	70	53,1
	Força	16	12,1
	Não se aplica	46	34,8
Q-quadrado = 83,15, df = 10, p < 0,001			

Fonte: elaborada pela autora.

O valor-*p* indica que a gradação é um grupo de fator significativa para a nossa pesquisa. No que se refere à frequência, podemos perceber maior valor de casos *não se aplica* nas orações cujos valores são afeto e julgamento. O segundo maior número, para ambos os valores, são aqueles relacionados aos mecanismos de foco.

No caso do valor de apreciação, os números mostram que há maior presença de recursos de foco, os quais poderíamos caracterizar como marcadores avaliativos para o objeto que está sendo apreciado. O recurso de força foi menos frequente para os três valores avaliativos. Vejamos, em nossos dados, esses recursos de foco, força e não se aplica.

(28) “[Não tenho ninguém<sub>1</sub>] [**que**, como ele, **tenha interesse sincero pelo bem-estar de vocês**,<sub>2</sub>] [pois todos buscam os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo.<sub>3</sub>] Filipenses 2:20-21 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

(29) “[Timóteo, guarde<sub>1</sub>] [o que foi confiado a você.<sub>2</sub>] [Evite as conversas inúteis e profanas e as ideias contraditórias<sub>3</sub>] [**do que é falsamente chamado conhecimento**,<sub>4</sub>] 1 Timóteo 6:20 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

(30) “[Irmãos, em nome do nosso Senhor Jesus Cristo nós ordenamos<sub>1</sub>] [que se afastem de todo irmão<sub>2</sub>] [que vive ociosamente e não conforme a tradição<sub>3</sub>] [que vocês receberam de nós<sub>4</sub>]. [**Pois vocês mesmos sabem**,<sub>5</sub>] [como devem seguir o nosso exemplo<sub>6</sub>], [porque não vivemos ociosamente<sub>7</sub>] [quando estivemos entre vocês<sub>8</sub>]” 2 Tessalonicenses 3:6-7 (BÍBLIA, 2009, grifo nosso)

Em (28), destacamos a oração com recurso de foco. O apóstolo atribui valor de satisfação ao falar do amigo Timóteo na carta e enfoca o tipo de interesse dele na cláusula 2 através do adjetivo sincero. Em (29), o recurso presente é o de força. O advérbio *falsamente* contribui para reforçar a apreciação negativa (qualidade) quanto ao conhecimento. Em (30), a oração destacada evidencia valor atitudinal de afeto, mostrando a segurança que Paulo tem ao recordar dos conhecimentos compartilhados pelos destinatários. Esse trecho não é reforçado por nenhum recurso gradativo.

O recurso de gradação é configurado como um subsistema da avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005) e, por isso, estudado separadamente em muitas pesquisas. Através da análise dos recursos de gradação, evidenciamos a importância desse grupo de fator para a observação dos reforços feitos no texto para destacar os significados avaliativos, não só os atitudinais, como também os de engajamento (não contemplados em nossa pesquisa), já que é um subsistema que serve a estes outros dois mencionados (MARTIN; WHITE, 2005).

#### 4.10 O valor avaliativo atitudinal expresso na oração e tipo de carta

O tipo de carta foi o grupo de fator extralinguístico que consideramos relevante para o nosso trabalho porque está diretamente ligado às relações estabelecidas entre autor e destinatário. Para este grupo, a nossa hipótese era de que o valor de afeto perpassasse todas as cartas, mas em cartas de cunho mais instrutivo (eclesiásticas e pastorais), o valor de julgamento seria mais frequente. A tabela 11 mostra os resultados deste grupo de fator.

Tabela 11 – Valor avaliativo atitudinal expresso na oração e tipo de carta

<b>Valor avaliativo atitudinal</b>	<b>Tipo de carta</b>	<b>Frequência</b>	<b>Proporção (%)</b>
Afeto (n = 133)	Pessoal	22	16,5
	Pastoral	15	11,3
	Eclesiástica	96	72,2
Julgamento (n = 329)	Pessoal	9	2,7
	Pastoral	215	65,3
	Eclesiástica	105	32
Apreciação (n = 132)	Pessoal	3	2,3
	Pastoral	63	47,7
	Eclesiástica	66	50,0
Q-quadrado = 126,42, df = 4, p < 0,001			

Fonte: elaborada pela autora.

É interessante perceber que, em cartas eclesiásticas, que eram enviadas para instrução da igreja e nas quais o valor esperado era o de julgamento, se sobressai o valor de afeto (com mais de 72% de frequência). Um dos exemplos em que esse valor pode ser percebido foi retirado da carta aos Tessalonicenses e está exposto em (31).

(31) “[Que o próprio Senhor Jesus Cristo e Deus nosso Pai, [que nos amou<sub>2</sub>] [e nos deu eterna consolação e boa esperança pela graça<sub>3</sub>], deem ânimo ao coração de vocês<sub>1</sub>] [e os fortaleçam<sub>4</sub>] [para fazerem sempre o bem, tanto em atos como em palavras<sub>5</sub>].” 2 Tessalonicenses 2:16-17 (BÍBLIA, 2009)

Em cartas pastorais, poucos são os dados de afeto, sendo o valor de julgamento o mais frequente, principalmente se observamos os números brutos (215 ocorrências) e compararmos com os outros dois valores atitudinais (15 – afeto e 63 – apreciação). Exemplo de cláusulas com valor de julgamento em carta pastoral pode ser visto em (32), retirado da carta escrita a Tito.

(32) “[Portanto, repreenda-os severamente<sub>1</sub>], [para que sejam sadios na fé<sub>2</sub>] [e não deem atenção a lendas judaicas nem a mandamentos de homens<sub>3</sub>] [que rejeitam a verdade<sub>4</sub>].” Tito 1:13 (BÍBLIA, 2009)

A carta pessoal, ainda que em volume textual menor que os outros dois tipos, apresentou maior frequência de dados com valor de afeto, seguida do valor de julgamento e apreciação, nessa ordem. O valor de afeto predominante na carta pessoal pode ser verificado no exemplo (33):

(33) [Assim, [se você me considera companheiro na fé<sub>1</sub>], receba-o<sub>2</sub>] [como se estivesse recebendo a mim<sub>3</sub>]. Filemom 1:17 (BÍBLIA, 2009)

Este grupo de fator atesta que, de fato, as relações estabelecidas entre autor e destinatário podem influenciar o modo de escrita e o valor atitudinal que se sobressai na carta. As cartas pastorais e eclesiásticas têm como predominante o valor de afeto, que pode ser justificado ao levarmos em consideração que, por compartilharem a mesma fé, os cristãos consideram-se como parte de uma mesma família, o que contribui para maior proximidade e afetividade nos textos. No caso das cartas pastorais, o valor sobressalente de julgamento pode ser justificado pelo fato de serem cartas mais instrutivas, nas quais o apóstolo pode falar mais diretamente ao líder da igreja e comunicar o que deve ser feito com relação à conduta do grupo, já que, na maioria das vezes, as cartas eram escritas após o apóstolo receber notícias do que acontecia nas igrejas.



Ressaltamos, para este grupo de fator, a relevância da análise por meio da LSF, que considera as estruturas da língua para a compreensão do texto. Apesar de termos encontrado algumas pesquisas que correlacionam a avaliatividade a diversos gêneros textuais como as de Lima (2010), Mara (2017), Pinton e Pereira (2017), Santos, Mea e Cabral (2020) e Silva e Rottava (2020), não encontramos pesquisas que analisassem especificamente o gênero epistolar. Consideramos pertinente, ainda, que sejam desenvolvidas análises em outros gêneros textuais que compõem o cânon bíblico, haja vista ser este um texto que é considerado como mais lido, traduzido e vendido no mundo.

#### 4.11 Análise do modelo de regressão logística multinomial

Após a análise exploratória, seguimos para o modelo de regressão logística multinomial, o qual nos fornece os resultados de todas as variáveis em interação. Para a regressão, deve ser escolhido um valor de referência para cada grupo de fator, por isso, é comum que sejam “perdidos” alguns níveis após a rodada estatística. Entretanto, os resultados são lidos sempre com relação aos valores de referência pré-determinados pelo pesquisador, o que nos permite seguir com a análise inferencial dos resultados. De acordo com Oushiro (2022, p. 318),

A regressão logística permite a inclusão de múltiplas variáveis previsoras, assim como a análise de regressão linear. Cabe lembrar que, antes de chegar à análise multivariada de regressão logística, o pesquisador idealmente já terá feito gráficos e análises exploratórias (como o qui-quadrado) a fim de saber como se distribuem seus dados. **O interesse nas análises de regressão logística é verificar o efeito simultâneo de múltiplas variáveis previsoras, a fim de chegar a um modelo para descrever, explicar e prever o comportamento da variável resposta.** A regressão logística também gera um coeficiente linear (Intercept) e coeficientes angulares para cada variável/termo predictor do modelo, e avalia se a estimativa difere significativamente de zero. Contudo, enquanto a regressão linear gera coeficientes na mesma unidade que da variável resposta [...], a regressão logística gera coeficientes em logodds (também chamado de log-odds-ratio), sobre o qual falaremos mais adiante. Os valores de logodds entram na função  $y = a + bx_1, cx_2, dx_3...$  para permitir a estimativa de probabilidade de ocorrência dos níveis da variável resposta. (OUSHIRO, 2022, p. 318)

Para a explicação da tabela referente ao modelo de regressão logística multinomial, é necessária a explicação de como ela é formada. A tabela apresenta, na primeira coluna, as variáveis predictoras e seus níveis<sup>37</sup>, com a primeira linha

---

<sup>37</sup> Os níveis que não aparecem, conseqüentemente, são os valores de referência utilizados na pesquisa.

mostrando o Intercept, coeficiente linear, como explicado acima. A segunda coluna é a coluna de *logodds*, que são as chances logarítmicas de aquele nível favorecer ou desfavorecer o fenômeno analisado. A partir dos valores de *logodds* e valor-*p* é que podemos constatar se o nível em questão é ou não relevante para o nosso objeto de estudo. Sendo assim, níveis que possuem valor-*p* menor que 0,05 são significantes para o fenômeno linguístico analisado e podem favorecer (valor de *logodds* positivo) ou desfavorecer (valor de *logodds* negativo) o grupo que está sendo verificado, sempre com relação ao valor de referência pré-determinado pelo pesquisador. A análise por meio de *logodds* tem sido cada vez mais utilizada em pesquisas linguísticas e, para ser melhor entendida, pode ser explicada por meio da comparação entre as medidas de probabilidade. Vejamos a figura a seguir, retirada de Gries (2019):

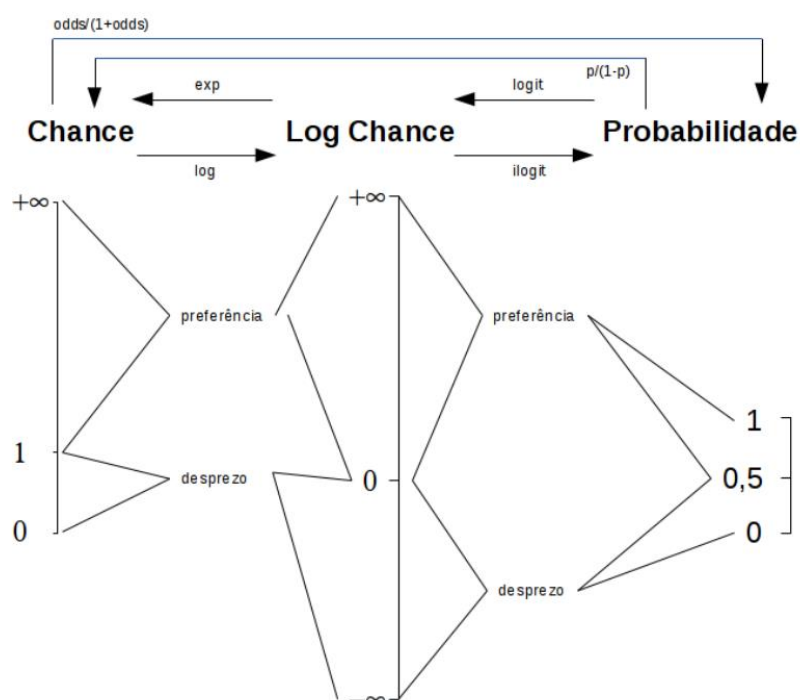


Figura 1: Comparação das medidas chances, chances logarítmicas (*logodds*) e probabilidade, retirada de Gries (2019, p. 265)

Para Oushiro (2022, p. 323), essa figura é bastante explicativa porque mostra a relação entre as três medidas de probabilidade. De acordo com a autora,

Odds é uma escala que vai de zero até  $+\infty$ .[...] As chances de algo ocorrer (= resultado favorável – Fav) são maiores, menores ou iguais às chances de não ocorrer (=resultado desfavorável – Des). Se o resultado favorável é

mais frequente do que o resultado desfavorável, a divisão Fav/Des dará um número maior do que 1, e não tem limite máximo. Se o resultado favorável é menos frequente do que o resultado desfavorável, a divisão Fav/Des dará um número menor do que 1, mas nunca negativo. O ponto neutro da escala é 1, pois ele equivale ao cenário em que Fav = Des, portanto Fav/Des = 1. Por outro lado, a probabilidade é uma medida mais conhecida. Ela é uma escala de 0 a 1, em que 0 representa uma chance nula de algo ocorrer (0%) e 1 representa certeza de que vai ocorrer (100%). De modo simples, ela é calculada pelo número de resultados favoráveis pelo total de observações (Fav/T). O ponto neutro aí é 50%; um número abaixo disso indica maior probabilidade de que o evento não vai ocorrer e um número acima disso indica maior probabilidade de que o evento vai ocorrer. Por fim, a escala de logodds vai de menos infinito a mais infinito, com ponto neutro em zero. Em relação a odds, ela tem a vantagem de ser uma escala simétrica, com um mesmo intervalo entre o ponto neutro e suas extremidades. A operação log tem justamente o papel de transformar valores entre 0 e 1 em um valor negativo [...].Desse modo, a interpretação de valores é muito mais intuitiva do que numa escala assimétrica, pois os intervalos em que há favorecimento ou desfavorecimento de um evento são diretamente comparáveis. Em relação à escala de probabilidade, ter o ponto neutro em zero – em vez de 0,5 – também traz vantagens. [...] Um logodds de zero (ou próximo a ele) indica prontamente se há diferenças significativas; valores positivos indicam tendência a favorecimento (em relação a outro nível da mesma variável previsora); e valores negativos indicam tendência a desfavorecimento (em relação a outro nível da mesma variável previsora). (OUSHIRO, 2022, p. 323-325)

É importante ressaltar que esses resultados logarítmicos podem ser transformados em valor percentual no próprio R, por meio de uma função nomeada *ilogit*. O programa possibilita ainda que gráficos sejam gerados já com os resultados em percentuais, para uma comparação entre todos os níveis de uma mesma variável; sendo assim, cientes de que os resultados em *logodds* podem causar um estranhamento inicial, optamos por apresentar, mais adiante, os gráficos de todas as variáveis em escala percentual, considerando cada valor avaliativo, para melhor visualização dos nossos resultados.

Além dos níveis, *logodds* e valor-*p*, que já foram explicados nesta pesquisa, a tabela de regressão logística multinomial mostra ainda o erro padrão e o valor z. O primeiro, em linhas gerais, é uma medida de confiabilidade do modelo; sendo assim, a estimativa será mais confiável quanto menor for o erro padrão. O segundo, valor z, é o número obtido da divisão entre os números da estimativa em *logodds* e erro padrão e tem relação com a diferença da estimativa média esperada. A tabela evidencia também o pseudo R<sup>2</sup>, o qual avalia a adequação do modelo para a explicação do fenômeno sob análise. O número de pseudo R<sup>2</sup> em 0,402 mostra que o modelo pode ser aprimorado com o acréscimo e teste de outras variáveis e,

possibilita, assim, pesquisas futuras, pois considera que há outras possibilidades de explicar o fenômeno linguístico em estudo.

Em nossa pesquisa, a rodada estatística foi feita inicialmente com o modelo completo e considerando todas as variáveis, entretanto o R eliminou dois grupos: plano discursivo e recursos de gradação. Realizamos, então, um teste ANOVA do modelo, para averiguarmos se ambas as variáveis também seriam excluídas e obtivemos o mesmo resultado. Isso indica que essas variáveis não foram significativas para o nosso objeto de estudo; portanto, rodamos um novo modelo com as variáveis selecionadas pelo próprio R. A tabela 12 apresenta os resultados do modelo de regressão logística multinomial que compõem a nossa análise de dados, tomando como valor de referência o valor avaliativo de julgamento, por ser o que possui maior frequência em nossos dados. Vejamos:

Tabela 12 - Resultados do modelo de regressão logística multinomial

<i>Predictors / Coeficientes</i>	<i>Log-Odds</i>	<i>std.Error</i>	<i>valor-Z</i>	<i>p</i>	<i>Response</i>
(Intercept)	-2,8183	0,4787	-5,8874	<b>&lt;0,001</b>	Afeto
TAXIS [encaixamento]	-0,0629	0,3769	-0,1669	0,867	Afeto
TAXIS [parataxe]	0,6452	0,3308	1,9504	0,052	Afeto
REL LOG SEM [extensão]	-0,3772	0,3738	-1,0091	0,313	Afeto
REL LOG SEM [ideia]	-16,983	<0,0001	<0,0001	<b>&lt;0,001</b>	Afeto
REL LOG SEM [intensificação]	-0,2135	0,4091	-0,5219	0,602	Afeto
REL LOG SEM [locução]	-1,7384	0,99	-1,756	0,08	Afeto
REL LOG SEM [primária/principal]	-0,3453	0,4919	-0,702	0,483	Afeto
ESTATUTO INF [novo]	0,6002	0,2551	2,3528	<b>0,019</b>	Afeto
CARTA [eclesiástica]	2,6109	0,3091	8,4468	<b>&lt;0,001</b>	Afeto
CARTA [pessoal]	3,7801	0,5175	7,3045	<b>&lt;0,001</b>	Afeto
POLARIDADE [negativa]	-1,1581	0,524	-2,2101	<b>0,027</b>	Afeto
MODO ORACIONAL [imperativo]	-0,877	0,4654	-1,8844	0,06	Afeto
(Intercept)	0,1245	0,3351	0,3715	0,71	Apreciação
TAXIS [encaixamento]	-0,2136	0,3423	-0,624	0,533	Apreciação
TAXIS [parataxe]	0,5043	0,3178	1,5868	0,113	Apreciação

REL LOG SEM [extensão]	-1,7476	0,3018	-5,7906	<b>&lt;0,001</b>	Apreciação
REL LOG SEM [ideia]	-16,2087	<0,0001	<0,0001	<b>&lt;0,001</b>	Apreciação
REL LOG SEM [intensificação]	-1,6998	0,3489	-4,8719	<b>&lt;0,001</b>	Apreciação
REL LOG SEM [locução]	-17,2259	<0,0001	<0,0001	<b>&lt;0,001</b>	Apreciação
REL LOG SEM [primária/principal]	-1,1104	0,4317	-2,5722	<b>0,01</b>	Apreciação
ESTATUTO INF [novo]	-0,4679	0,2512	-1,8627	0,063	Apreciação
CARTA [eclesiástica]	0,7886	0,235	3,3557	<b>0,001</b>	Apreciação
CARTA [pessoal]	0,5476	0,7264	0,7539	0,451	Apreciação
POLARIDADE [negativa]	-0,5406	0,4942	-1,0939	0,274	Apreciação
MODO ORACIONAL [imperativo]	-1,8836	0,7631	-2,4684	<b>0,014</b>	Apreciação
Observations	594				
Pseudo R2 Nagelkerke	0,402				
mod_multinom = multinom(VALOR.RELATIVO ~ TAXIS + REL.LOG.SEM + ESTATUTO.INF + CARTA + POLARIDADE + MODO.ORACIONAL, data = dados)					

Fonte: elaborada pela autora, grifo nosso.

Para análise da tabela, adotamos os seguintes procedimentos: primeiramente, analisamos o valor-*p* para identificar as significâncias selecionadas pelo programa estatístico após o modelo de regressão logística multinomial. Depois, avaliamos os valores na coluna *logodds*, a fim de verificar se o valor avaliativo sob análise é favorecido ou desfavorecido pelo nível indicado.

Para fins didáticos e de melhor visualização dos resultados, optamos por discutir os resultados segmentando a tabela 12 em duas, 12a e 12b (a seguir). A primeira apresenta apenas os resultados relacionados ao valor de afeto, quando comparado ao valor de julgamento, enquanto a segunda mostra os resultados apenas do valor de apreciação, quando comparado ao valor de julgamento. Ressaltamos que a análise de regressão logística multinomial coloca todas as variáveis em interação; por isso, os valores avaliativos são sempre discutidos tomando como base um valor de referência que, conforme já foi citado, parte de uma decisão do pesquisador. Após a explicação dos valores de afeto e apreciação, comparados ao valor de julgamento, partiremos para a análise desse último,

verificando os gráficos de efeito gerados pelo R Studio, os quais mostram a probabilidade, em percentuais, para que cada valor avaliativo aconteça.

#### 4.11.1 Análise do modelo de regressão multinomial, com foco no valor avaliativo atitudinal de afeto

Vejam, primeiramente, o valor de afeto quando comparado ao valor de julgamento. Os resultados apontam, pela estimativa de chances logarítmicas, que o valor de afeto é mais realizado em cartas pessoais, em contextos de cláusulas paratáticas, com relações lógico-semânticas de intensificação, por meio de informações novas no discurso, em orações declarativas e de polaridade afirmativa (tabela 12a).

Tabela 12a - Resultados do modelo de regressão logística multinomial, com foco no valor avaliativo atitudinal de afeto

<i>Predictors / Coeficientes</i>	<i>Log-Odds</i>	<i>std.Error</i>	<i>valor-Z</i>	<i>p</i>	<i>Response</i>
(Intercept)	-2,8183	0,4787	-5,8874	< <b>0,001</b>	Afeto
TAXIS [encaixamento]	-0,0629	0,3769	-0,1669	0,867	Afeto
TAXIS [parataxe]	0,6452	0,3308	1,9504	0,052	Afeto
REL LOG SEM [extensão]	-0,3772	0,3738	-1,0091	0,313	Afeto
REL LOG SEM [ideia]	-16,983	<0,0001	<0,0001	< <b>0,001</b>	Afeto
REL LOG SEM [intensificação]	-0,2135	0,4091	-0,5219	0,602	Afeto
REL LOG SEM [locução]	-1,7384	0,99	-1,756	0,08	Afeto
REL LOG SEM [primária/principal]	-0,3453	0,4919	-0,702	0,483	Afeto
ESTATUTO INF [novo]	0,6002	0,2551	2,3528	<b>0,019</b>	Afeto
CARTA [eclesiástica]	2,6109	0,3091	8,4468	< <b>0,001</b>	Afeto
CARTA [pessoal]	3,7801	0,5175	7,3045	< <b>0,001</b>	Afeto
POLARIDADE [negativa]	-1,1581	0,524	-2,2101	<b>0,027</b>	Afeto
MODO ORACIONAL [imperativo]	-0,877	0,4654	-1,8844	0,06	Afeto

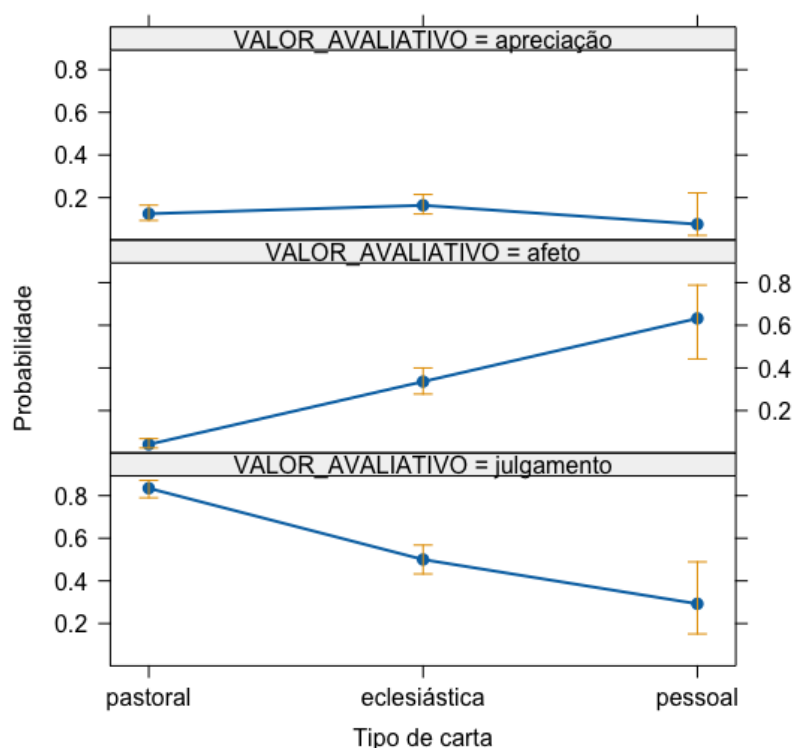
Fonte: elaborada pela autora, grifo nosso.

Para melhor visualização dos resultados, os valores-*p* cujo resultado foram menores que 0,05 (e, por isso, são significativos para o valor de afeto em nossa análise) foram destacados na tabela 12a, e correspondem aos seguintes grupos de

variáveis: relações lógico-semânticas (ideia), estatuto informacional da oração (novo), tipo de carta (eclesiástica e pastoral) e polaridade (negativa). Analisando os valores em *logodds* para estes grupos, observamos que a relação lógico-semântica de ideia e a polaridade negativa desfavorecem o valor de afeto (pois possuem *logodds* negativos), enquanto os níveis novo, em estatuto informacional, e eclesiástica e pastoral, em tipos de carta, são os que favorecem que o valor de afeto ocorra com relação ao valor de julgamento nos contextos indicados.

Esses valores podem ser melhor entendidos quando visualizamos os gráficos de efeito gerados pelo próprio R, os quais apresentam as chances logarítmicas transformadas em percentuais e correlacionam os grupos que favorecem o valor de afeto aos demais valores avaliativos. Vejamos:

Gráfico 01 - Valor avaliativo atitudinal *versus* tipo de carta



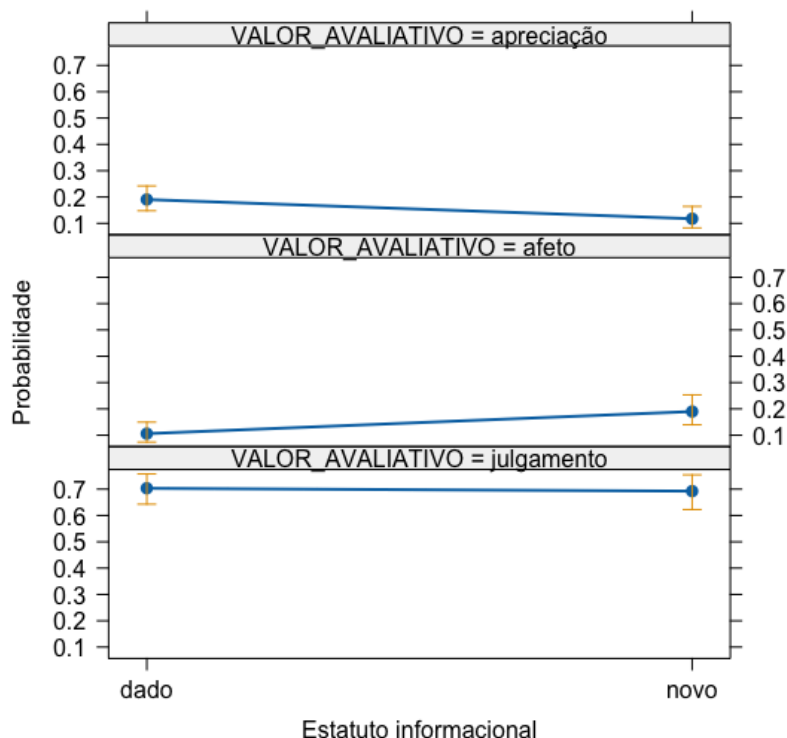
Fonte: elaborado pela autora.

O gráfico 01 mostra a relação entre valor avaliativo atitudinal e tipo de carta, evidenciando o favorecimento da carta pessoal para o valor avaliativo atitudinal de afeto, de acordo com o que hipotetizamos inicialmente. O tipo de carta que menos favorece o valor de afeto é a pastoral, cujo valor que se sobressai, de acordo com o

gráfico, é o de julgamento. Cartas eclesiásticas são as que mais favorecem o valor apreciativo - acreditamos que isso acontece por ser o meio através do qual o apóstolo expressava seu apreço pelas doutrinas as quais defendia, alcançando maior número de pessoas para partilhar da mesma fé e crenças.

Um outro fator que favorece o valor de afeto é o estatuto informacional *novo*, conforme gráfico 02, o qual evidencia o comportamento do estatuto informacional da oração com relação aos valores avaliativos. A regressão logística apontou que informações novas favorecem o valor de afeto com relação ao valor de julgamento. De fato, o valor de julgamento é mais motivado por informações dadas, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 02 - Valor avaliativo atitudinal *versus* estatuto informacional da oração



Fonte: elaborado pela autora.

Observe que, para o valor de julgamento, há um equilíbrio entre as informações dadas e novas. Por outro lado, as linhas para apreciação e afeto são inversamente proporcionais. Cabe ainda destacar que informações novas aparecendo mais que informações dadas no valor de afeto podem ser um apontamento de que este afeto era mais realizado por meio da escrita das cartas, principalmente nos casos em que o apóstolo se encontrava distante da igreja, preso ou com outros impedimentos para visitá-la. Muitas vezes, no *corpus paulinum*, são



vistas demonstrações de afeto com relação a pessoas que o apóstolo não conhecia, mas ouvia falar. Isso emitia não só o valor de afeto, mas o valor de julgamento positivo com relação àquelas pessoas ou àquela igreja. Na próxima subseção, analisaremos os resultados voltados ao valor avaliativo de apreciação, a fim de verificar quais grupos de fatores favorecem-no.

#### 4.11.2 Análise do modelo de regressão multinomial, com foco no valor avaliativo atitudinal de apreciação

A tabela 12b apresenta os resultados gerais do valor avaliativo de apreciação procedentes da regressão logística multinomial, com valor de referência para julgamento. Vejamos:

Tabela 12b - Resultados do modelo de regressão logística multinomial, com foco no valor avaliativo atitudinal de apreciação

<i>Predictors / Coeficientes</i>	<i>Log-Odds</i>	<i>std.Error</i>	<i>valor-Z</i>	<i>p</i>	<i>Response</i>
(Intercept)	0,1245	0,3351	0,3715	0,71	Apreciação
TAXIS [encaixamento]	-0,2136	0,3423	-0,624	0,533	Apreciação
TAXIS [parataxe]	0,5043	0,3178	1,5868	0,113	Apreciação
REL LOG SEM [extensão]	-1,7476	0,3018	-5,7906	<b>&lt;0,001</b>	Apreciação
REL LOG SEM [ideia]	-16,2087	<0,0001	<0,0001	<b>&lt;0,001</b>	Apreciação
REL LOG SEM [intensificação]	-1,6998	0,3489	-4,8719	<b>&lt;0,001</b>	Apreciação
REL LOG SEM [locução]	-17,2259	<0,0001	<0,0001	<b>&lt;0,001</b>	Apreciação
REL LOG SEM [primária/principal]	-1,1104	0,4317	-2,5722	<b>0,01</b>	Apreciação
ESTATUTO INF [novo]	-0,4679	0,2512	-1,8627	0,063	Apreciação
CARTA [eclesiástica]	0,7886	0,235	3,3557	<b>0,001</b>	Apreciação
CARTA [pessoal]	0,5476	0,7264	0,7539	0,451	Apreciação
POLARIDADE [negativa]	-0,5406	0,4942	-1,0939	0,274	Apreciação
MODO ORACIONAL [imperativo]	-1,8836	0,7631	-2,4684	<b>0,014</b>	Apreciação

Fonte: elaborada pela autora, grifo nosso.

Analisando a tabela 12b, verificamos que o valor de apreciação mais ocorre em cartas eclesiásticas, em contextos de cláusulas paratáticas, com relações lógico-

semânticas de elaboração, por meio de informações dadas no discurso, em orações declarativas e de polaridade afirmativa.

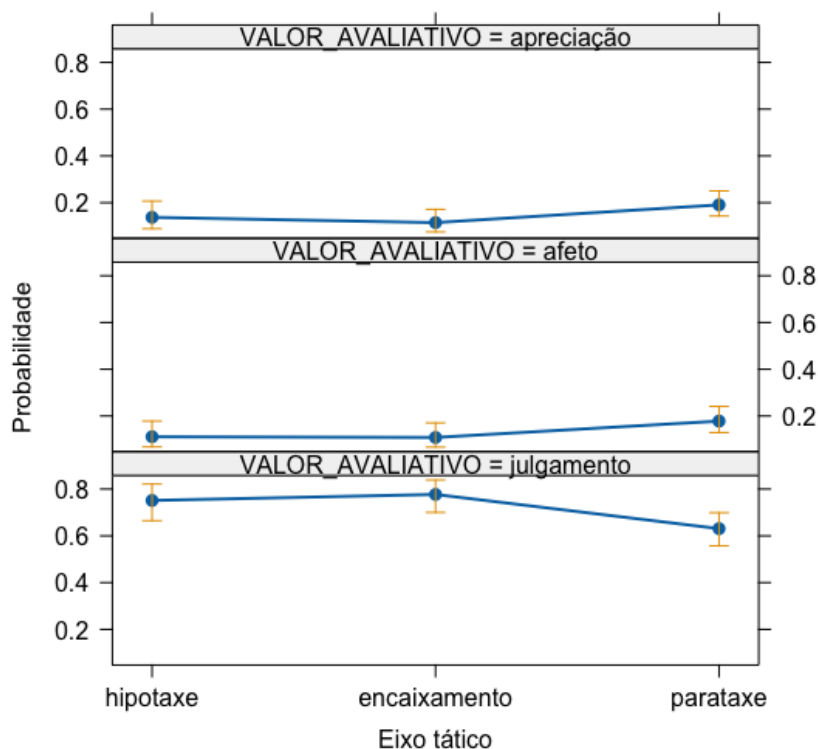
Para o valor de apreciação, foram significativos os seguintes grupos de variáveis ( $p < 0,05$ ), destacados na tabela 12b: relações lógico-semânticas (extensão, ideia, intensificação, locução, primária/principal), tipo de carta (eclesiástica) e modo (imperativo). Analisando os valores em *logodds* dos grupos nos quais o valor  $p$  apontou significância, observamos que, com relação ao valor de julgamento, todos os grupos desfavorecem a ocorrência do valor avaliativo apreciação, exceto o tipo de carta eclesiástica, que possui o valor positivo em *logodds*. O que esses resultados significam é que, quando os grupos de fatores foram colocados em interação, apenas o tipo de carta favoreceu o valor de apreciação. Quando um grupo é significativo e desfavorece o valor sob análise, isso significa que ele favorece outro valor avaliativo. Por esse motivo, na próxima seção, veremos como os demais grupos de fatores, que não favoreceram afeto e apreciação, se comportam com relação ao valor de julgamento.

#### *4.11.3 Análise do modelo de regressão multinomial, com foco no valor avaliativo atitudinal de julgamento*

O valor de julgamento é mais realizado em cartas pastorais, em contextos de cláusulas encaixadas, com relações lógico-semânticas de ideia, locução e intensificação, por meio de informações dadas no discurso, em orações imperativas e de polaridade negativa.

Para a análise desses resultados, para o valor avaliativo atitudinal de julgamento, utilizado como valor avaliativo de referência na regressão logística multinomial, apresentaremos, a seguir, os gráficos que contém os valores de *logodds* transformados para probabilidade. Com exceção dos gráficos já apresentados em 4.11.1, tratando do valor de afeto, todos os gráficos estarão dispostos nesta subseção por serem grupos de fatores favoráveis ao valor de julgamento. Vejamos:

Gráfico 03 - Valor avaliativo atitudinal *versus* eixo tático

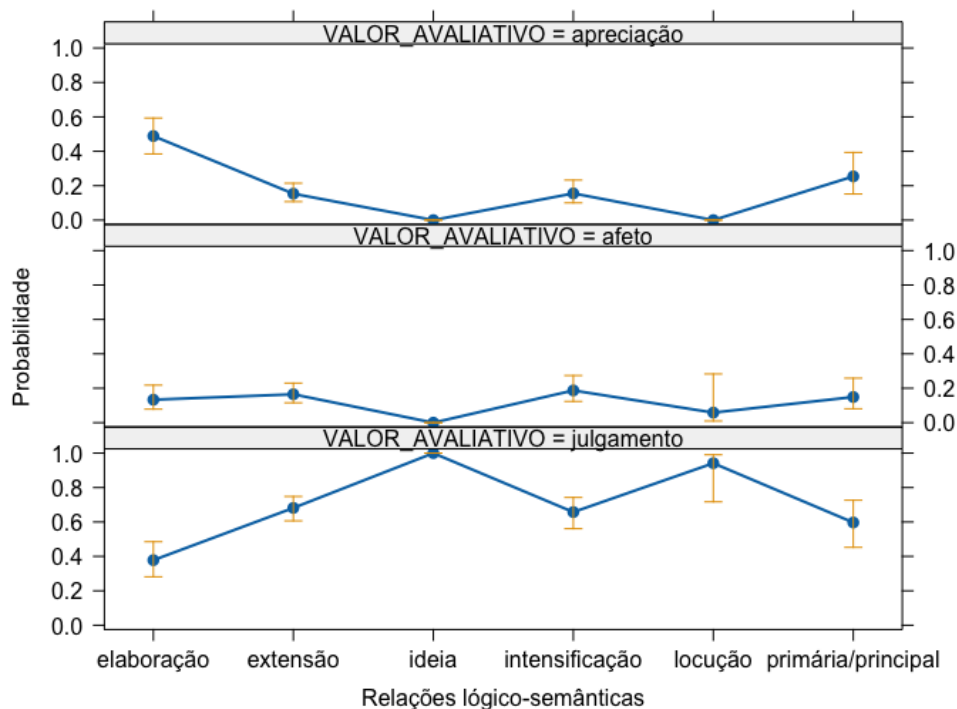


Fonte: elaborado pela autora.

No caso do eixo tático, observe que o valor de julgamento é mais motivado por orações encaixadas, enquanto as orações paratáticas são as que motivam mais os valores de afeto e apreciação. Parece-nos, portanto, que ao instanciar, nas cláusulas, o valor de julgamento, o autor vale-se de orações que atribuem características ao que está sendo dito, complementando informações as quais contribuem para validar o juízo que está sendo feito. Nas tabelas 12a e 12b, expostas acima, nenhum eixo tático foi considerado significativo para favorecer ou desfavorecer os valores de afeto e apreciação, quando relacionados ao valor de julgamento. Por outro lado, visualizando o gráfico 03, vemos que esse valor ocorre independente da *taxis*.

Agora, vejamos como se comportam as relações lógico-semânticas diante dos três valores avaliativos atitudinais (gráfico 04):

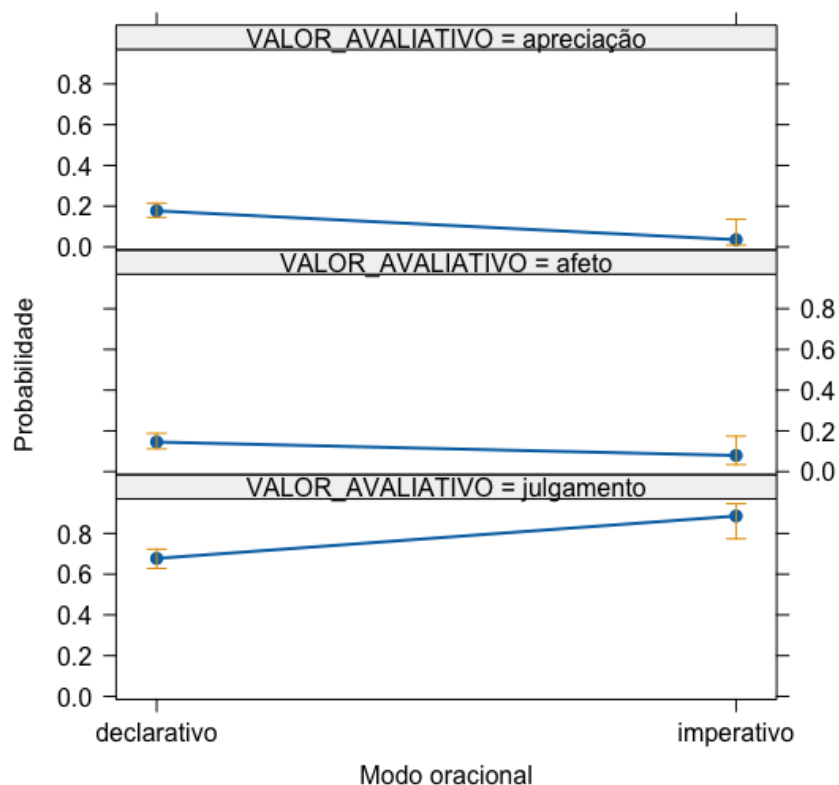
Gráfico 04 - Valor avaliativo atitudinal *versus* relações lógico-semânticas



Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com o gráfico 04, as relações lógico-semânticas de elaboração são as que mais motivam o valor avaliativo de apreciação, enquanto orações de ideia e locução são as que mais favorecem o valor de julgamento. Observe que, no gráfico, cláusulas com valor de afeto têm sua distribuição bem equilibrada, sendo menos de 40% a probabilidade de todas as relações consideradas. De acordo com os nossos resultados, a relação lógico-semântica de ideia é a que mais desfavorece o valor de afeto, o que pode ser explicado pelo baixo número de ocorrências na análise, mas que, ainda assim, pode ser indicativo de que verbos que indicam pensamento/ideia podem estar mais associados aos juízos de valor.

Gráfico 05 - Valor avaliativo atitudinal *versus* modo oracional

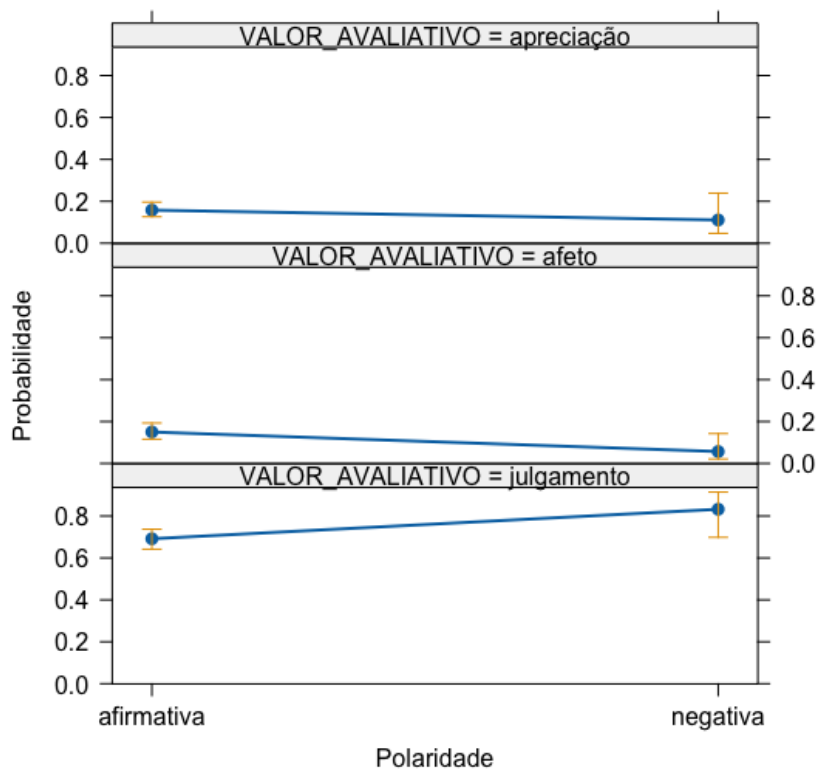


Fonte: elaborado pela autora.

No gráfico 05, relativo à correlação entre valor avaliativo atitudinal e modo oracional, os resultados apontam que o modo declarativo aparece mais em cláusulas de afeto e apreciação, enquanto o imperativo é o que apresenta maior probabilidade em cláusulas que expressam julgamento.

Vejamos agora como é dada a correlação entre valor avaliativo atitudinal e polaridade da oração, observando o gráfico 06. O nível de polaridade positiva foi selecionado como significativo no modelo de regressão e o resultado aponta desfavorecimento para o valor de afeto, comparado ao valor de julgamento. Ao expressar o valor de julgamento, a escolha linguística é pela forma menos esperada, portanto, mais marcada na língua, o que pode significar uma forma de chamar a atenção do leitor para o juízo de valor que está sendo emitido naquele momento.

Gráfico 06 - Valor avaliativo atitudinal *versus* polaridade da oração



Fonte: elaborado pela autora.

Em síntese, neste capítulo, mostramos inicialmente como se deu a análise estatística dos dados, apresentamos uma base exploratória por meio de testes estatísticos de qui-quadrado e valor- $p$  e comentamos os resultados gerados, por meio de tabelas. Depois, seguimos com a análise inferencial para o modelo de regressão logística multinomial proposto pelo R Studio (que desconsiderou dois dos nossos grupos de fatores), com o objetivo de verificar como os valores avaliativos atitudinais são realizados quando todas as variáveis aparecem juntas em interação. Para melhor explanação dos resultados, foram gerados gráficos comparativos entre os três valores avaliativos atitudinais sob análise: afeto, julgamento e apreciação, com relação a cada grupo de favor analisado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com vistas ao crescente estudo da articulação de cláusulas em âmbito descritivo, nossa pesquisa dedicou-se a averiguar como a articulação de cláusulas contribui para a realização de valores avaliativos atitudinais, categorizados pelo Sistema de Avaliatividade proposto pela LSF. Sendo assim, para delinear e fundamentar a nossa pesquisa, valemo-nos de conceitos importantes para a LSF (HALIDDAY, 1994; NEVES, 1999; 2018), para o Sistema de Avaliatividade (MARTIN E WHITE, 2005) e para a articulação de orações (DECAT, 2001; RODRIGUES, 2006). O diferencial em nossa pesquisa, além da inovação de combinar essas vertentes, trazendo uma proposta de análise de níveis sintáticos e semânticos dentro do discurso (e, por isso, considerando o propósito comunicativo do texto), é o de averiguar o fenômeno linguístico em um gênero pouco estudado: o gênero epistolar. Com o objetivo de averiguar como os valores avaliativos atitudinais são codificados por meio das estruturas oracionais, coletamos 594 dados retirados de 5 das 13 cartas de autoria paulina (BÍBLIA, 2009) e elegemos grupos de fatores linguísticos (o valor avaliativo atitudinal expresso na oração, o valor avaliativo atitudinal presente no complexo oracional, eixo tático, relações lógico-semânticas, modo oracional, polaridade da oração, estatuto informacional da oração, plano discursivo e recursos de gradação) e extralinguísticos (tipos de carta) que foram considerados para a análise inferencial de dados, através do programa R Studio. Por fim, elaboramos gráficos e tabelas que auxiliam na interpretação dos resultados, a fim de prever os contextos nos quais os valores avaliativos são realizados.

Nosso trabalho contém, no primeiro capítulo, uma introdução sobre os temas percorridos na pesquisa; o segundo capítulo trata do referencial teórico e do estado da arte considerados para a fundamentação completa da pesquisa, abrangendo a teoria da LSF, explicações sobre o Sistema de Avaliatividade (e o subsistema de atitude) e a articulação de orações. Depois, segue-se o capítulo de Metodologia, no qual explicamos a escolha do *corpus* e os procedimentos para coleta, codificação de dados e análise com relação a cada grupo de fator. O capítulo 4 apresenta os resultados e discussão tanto da análise inicial exploratória quanto do modelo de regressão logística multinomial, que nos permitiu, juntamente à análise exploratória

dos dados, identificar as tendências de uso dos valores avaliativos para o *corpus* escolhido'.

A pesquisa assume, como pressuposto basilar, que os valores avaliativos em nível semântico-discursivo emergem na lexicogramática e, conseqüentemente, na estrutura da língua, por meio da articulação de cláusulas. Por isso, questionamos como as avaliações atitudinais são realizadas através de estruturas oracionais, contribuindo, portanto, para alcançar um propósito comunicativo. Os resultados responderam às nossas questões de pesquisa, à medida que analisamos os dados: possibilitaram-nos prever e identificar padrões avaliativos na escrita do apóstolo Paulo, tanto com relação aos grupos de fatores linguísticos como relativamente ao grupo extralinguístico. Conforme já exposto em nosso trabalho, os resultados apontaram contextos que mais favorecem a realização de valores avaliativos, quais sejam:

- I) o valor de afeto é mais recorrente em cartas pessoais, cláusulas paratáticas, relações lógico-semânticas de intensificação, informações novas, orações declarativas e de polaridade afirmativa;
- II) o valor de apreciação é mais recorrente em cartas eclesásticas, cláusulas paratáticas, relações lógico-semânticas de elaboração, informações dadas, orações declarativas e de polaridade afirmativa;
- III) o valor de julgamento é mais recorrente em cartas pastorais, cláusulas encaixadas, relações lógico-semânticas de ideia, locução e intensificação, informações dadas no discurso, orações imperativas e de polaridade negativa.

Conforme exposto, a partir da análise, é possível visualizar a aplicação da teoria da LSF em perspectiva descritiva da Língua Portuguesa. Os resultados mostraram que o modelo proposto pelo programa estatístico como mais adequado para a explicação do fenômeno linguístico pode ainda ser aprimorado através de outras variáveis linguísticas. Sendo assim, nossa pesquisa também aponta possibilidades para a continuidade das investigações acerca do Sistema de Avaliatividade em Língua Portuguesa, considerando não só outras variáveis linguísticas para este mesmo *corpus* como também a ampliação do estudo para as



outras cartas que compõem o *corpus paulinum* - possibilitando, portanto, uma descrição ainda mais completa do gênero. Além disso, o estudo nessa perspectiva abre margem para a exploração de outros gêneros textuais presentes no cânon bíblico, livro este que orienta socioculturalmente diversos povos que professam a fé cristã, e possibilita que o mesmo tema e metodologia de pesquisa sejam aplicados a outros tipos de texto e/ou gêneros textuais, unindo análises sintáticas, semânticas e discursivas, para um estudo completo do texto.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. Coordenação e subordinação – uma proposta de descrição gramatical. **Alfa**, São Paulo, n. 41, p.13-37, 1997.

ALENCAR, Lívia Miranda de Lima Santos. **Planos discursivos em texto bíblico: o fundo narrativo nas versões Almeida Revista e Corrigida (ARC) e Nova Versão Internacional (NVI)**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. 2017.

ALMEIDA, Fabíola A.S.D.P. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. *In*: VIAN JR, Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA; Fabíola A.S.D.P. (org) **A linguagem da avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema da avaliatividade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

ALMEIDA, Fabíola A. S. D. P.; VIAN JR, Orlando. Estudos em avaliatividade no Brasil: um panorama 2005-2017. **Signótica**, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 273-295, abr./jun. 2018.

ANTONIO, Juliano Desiderato. Funcionalismo e articulação de orações: algumas implicações para o ensino de gramática. **Graphos**, João Pessoa, v. VI, n. 1, p. 71-78, dez. 2003.

AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2013.

BACK, Ângela C. D. P.; COAN, Márluce. Ponto de referência: análise tipológica dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito do indicativo e imperfeito do subjuntivo. **Revista da ABRALIN**, v. 11, n. 2, 31 dez. 2012. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1117>. Acesso em 19 mar 2022.

BÍBLIA, N. T. Filemom. *In*: **Bíblia**. Nova Versão Internacional. Tradução: Omar de Souza. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2009.

BORGES, Gilca Sônia Correia; PARREIRA, Fabíola Aparecida D. S. Uma análise do hino “EU cuido de TI” com base na teoria da Linguística sistêmico-funcional e do sistema de avaliatividade. **Revista do SELL**, Uberaba, v. 9 n. 2, p. 419- 434, jul./dez. 2020.

CARVALHO, Cristina Santos. Processos sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas. **Veredas - Rev. Est. Ling.**, Juiz de Fora, v.8, n.1 e n.2, p. 9-27, jan./dez. 2004.

CARVALHO, Gisele de. A prosódia atitudinal: Apreciação e Julgamento em críticas de cinema. *In*: VIAN JR, Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA; Fabíola A.S.D.P. (org) **A linguagem da avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema da avaliatividade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

CAVALCANTE, Sávio André de Souza. **Efeitos prototípicos da intercalação de Cláusulas Hipotáticas Circunstanciais Temporais no Espanhol mexicano oral**. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

CRUZ, Osilene Maria de Sá e Silva da. **A Avaliatividade em pareceres de revista científica de Linguística: uma perspectiva sistêmico-funcional**. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

DECAT, Maria Beatriz N. **Leite com manga, morre!**: da hipotaxe adverbial no português em uso. São Paulo, PUC/SP, 1993. (Tese. Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas).

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. **SCRIPTA**, Belo Horizonte (MG), v. 2, n. 4, p. 23-38, 1999.

DECAT, Maria Beatriz N. et al. (org.). **Aspectos da gramática do português**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

DIAS, Nilza Barrozo; MOURA, Marcela Zambolim de. A avaliação na oração matriz e no segmento A. **Veredas**, Juiz de Fora. jan. 2011.

DIAS, Nilza Barrozo. A marca da (inter)subjetividade na sentença complexa subjetiva. **Revista Confluência**, v. 44-45, p. 83-106, 2013.

DIAS, Nilza Barrozo. A construção completiva com “SER + Adjetivo Avaliativo”. **Idioma**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 62-80, 2014.

FERNANDES, Thaís Pedretti Lofeudo Marinho. As construções proporcionais à luz de Halliday. **Leitura**, Maceió, n. 68, p. 56-67, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/10315/8378> Acesso em 29 set 2022.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa**. 1 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014. [Col. As Faces da Linguística Aplicada].

GARCÍA BERRIO, Antonio. Bosquejo para una descripción de la frase compuesta en español. **Anales de la Universidad de Murcia**, Murcia, v. XXVIII, n. 3/4, p. 209-231, 1970.

GOUVEIA, Carlos A. M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 13-47, jan/jun. 2009.

GRIES, Stefan Thomas. **Estatística com R para linguistas: uma introdução prática**. Tradução de Heliana R. Mello *et al.* Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2019.

GUSMÃO, Graciene Verdécio de. Os elementos do subsistema de atitude enunciados no discurso de alunos através de crenças. **LINGUAGEM. – Estudos e Pesquisas**, Catalão, v. 19, n. 2, p. 139-154, jul./dez. 2015.

HALLIDAY, Michael A. K. **Explorations in the functions of language**. London: Edward Arnold, 1973. Disponível em: <https://trove.nla.gov.au/version/46403938>. Acesso em: 19 mar 2022.

HALLIDAY, Michael A. K. **Language as a Social Semiotic**. The Social Interpretation of Language and Meaning. London: University Park Press, 1978.

HALLIDAY, Michael A.K. **Iconicity syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

HALLIDAY, Michael A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. 2ed. London: Edward Arnold Publishers, 1994.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Mathias Ingemar Martin. **An introduction to functional grammar**. 3. Ed., London: Hodder Arnold, 2004.

HENRIQUES, Cláudio Cezar; SCHLEE, Magda Bahia. Coordenação e Subordinação em perspectiva funcional. **Revista da Academia Brasileira de Filologia**, v. X, s. n., p. 18-22, 2012.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, Washington, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980. Disponível em: [www.jstor.org/stable/413757](http://www.jstor.org/stable/413757). Acesso em: 19 mar 2022.

HOPPER, P.; TRAUOGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KUNO, S. Japanese: a characteristic OV language. In: LEHMANN, W. P (Ed.). **Syntactic typology**. Austin: University of Texas Press, 1978. p.57-138.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (org.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1988. p. 181-226. (Typological studies in language (TSL), 18).

LIMA, Sóstenes; Coroa, Maria Luiza M. S. Configuração e papel do sistema de avaliatividade no gênero reportagem. **Calidoscópico**, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 2, p. 127-137, mai/ago. 2010.

MACIEL, Tamyres Fernanda S.; RODRIGUES-JUNIOR; Adail Sebastião. Estudo comparativo das atitudes avaliativas de Oscar Wilde na carta de profundis e sua tradução para o português brasileiro. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 3, n. 56, p. 935-954, set./dez. 2017.

MACHADO, Domingos de Sousa. **Ethos e identidade no discurso religioso fundador: uma abordagem semiótica do corpus paulinum**. Tese (doutorado). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARRA, Mayra Natanne Alves. **A avaliatividade em corpus de entrevistas de artistas: um estudo das escolhas lexicogramaticais de atitude**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

MARTIN, J.R. Beyond Exchange: Appraisal Systems in English. In: Hunston, S. and Thompson, G., (Eds). **Evaluation in Text: Authorial Stance and the Construction of Discourse**, Oxford University, Oxford, 2000.

MARTIN, J.R. & WHITE, P.R.R., **The Language of Evaluation, Appraisal in English**. Palgrave Macmillan, London & New York, 2005.

MOURA, Marcela Zambolim de. **Orações matrizes (verbo ser + predicativo): predicados que expressam a atitude do falante**. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática Funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

NUNES, Glívia Guimarães; CABRAL, Sara Regina Scotta. Avaliatividade e julgamento: uma análise de texto. **Nonada**, Porto Alegre, v. 1, n. 20, p. 249-265, mai./set. 2013.

NUNES, Glívia Guimarães. **Relações lógico-semânticas na organização sequencial da argumentação em textos: um estudo sistêmico-funcional**. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em:

[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/14179/TES\\_PPGLLETRAS\\_2018\\_NUNES\\_GLIVIA.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/14179/TES_PPGLLETRAS_2018_NUNES_GLIVIA.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em 02 out 2022.

OLBERTZ, H. G. **Verbal periphrases in a Functional Grammar of Spanish**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998.

OLÍMPIO, Hilda de Oliveira. Articulação de orações: uma questão sintática, semântica e discursiva. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v.1, n. 1, p. 69-78, 2007.

OUSHIRO, Livia. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. Freitag (Org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**. São Paulo: Edgard Blücher, 2014. p. 133-176. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Raquel-Freitag/publication/271191324\\_Metodologia\\_de\\_coleta\\_e\\_manipulacao\\_de\\_dados\\_](https://www.researchgate.net/profile/Raquel-Freitag/publication/271191324_Metodologia_de_coleta_e_manipulacao_de_dados_)

em\_Sociolinguistica/links/55281d920cf2779ab78ccd5d/Metodologia-de-coleta-e-manipulacao-de-dados-em-Sociolinguistica.pdf#page=129 Acesso em 10 out 2022.

OUSHIRO, Livia. **Introdução à estatística para linguistas** [livro eletrônico]. São Paulo: Editora da ABRALIN, 2022.

PINHEIRO-MONTEIRO, Natália; COAN; Márluce. Atos de comando em sala de aula: imperativo, perífrase, infinitivo e gerúndio em variação. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 96-108, jan.-jun. 2017. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/23956/16323> Acesso em 12 nov 2023.

PINTON, Francieli Matzenbacher; PEREIRA, Gabriela Eckert. Atitude e engajamento em textos argumentativos produzidos no contexto escolar: desafios para o professor de leitura e escrita. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 266-282, ago./dez. 2017.

PREFEITO, F. G. **#Brumadinho, a tragédia: uma análise de avaliatividade segundo o subsistema de atitude**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2021.

PONTES, Valdecy de Oliveira. **O pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado em contos literários escritos em espanhol: um estudo sociofuncionalista**. 2012. 264f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2012.

RAMOS, Jocineia Andrade. **Construção “subjativa” com é+adjetivo asseverativo**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2016.

RAMOS, Marta Anaísa Bezerra; SILVA, Camilo Rosa. Os processos de articulação de orações sob diferentes abordagens: um olhar para a hipotaxe adverbial. **Revista do GELNE**, Natal, v. 18, n.2, p. 31-53, 2016.

RODRIGUES, Violeta Virginia. **Construções comparativas: estruturas oracionais?** Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS, Marli Ferraz dos; MEA, Tatiana Della; CABRAL, Sara Regina Scotta. Fábrica de Coringas: estratégias avaliativas na construção de sentido no texto jornalístico. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, n. 3, p. 1-21, set./dez., 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Editora Cultrix, 2012.

SEMEDO, Eliane Cristina Araújo Vieira. **Frase complexa em cabo-verdiano (variedade de Santiago): um estudo da integração entre cláusulas**. 2021. 514 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

SILVA, Fernando Moreno da. Os processos de subordinação e de coordenação. *Leitura*, Maceió, n.47, p. 215-229, jan/jun. 2011.

SILVA, Lisiane B. M. G.; ROTTAVA, Lúcia. A escrita acadêmica e os recursos do subsistema de atitude. *Revista de Estudos Híbridos na Área da Linguagem (REHAL)*, Bagé, v. 1, n.1, p. 14-35, 2020.

SOUZA, Anderson Alves de. Gradação: força e foco. *In: VIAN JR, Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA; Fabíola A.S.D.P. (org) A linguagem da avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmicofuncionais com base no sistema da avaliatividade.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

VIAN JR, Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA; Fabíola A.S.D.P. (org) **A linguagem da avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmicofuncionais com base no sistema da avaliatividade.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

VIAN JR, Orlando. Engajamento: monoglossia e heteroglossia. *In: VIAN JR, Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA; Fabíola A.S.D.P. (org) A linguagem da avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmicofuncionais com base no sistema da avaliatividade.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

WHITE, Peter R. R. **An introductory tour through appraisal theory.** Un recorrido por la teoría de la valoración: Elsa Ghio. University de Birmingham (UK), s.d. Disponível em:  
[https://www.languageofevaluation.info/appraisal/spanish\\_tr/spanishtranslation-appraisaloutline.pdf](https://www.languageofevaluation.info/appraisal/spanish_tr/spanishtranslation-appraisaloutline.pdf) acesso em 12 jul 2023

## APÊNDICE

### APÊNDICE 1 - SCRIPT UTILIZADO PARA A ANÁLISE ESTATÍSTICA NO R STUDIO

```
# Script - Dissertação de mestrado - Programa de pós-Graduação em linguística
```

```
# Discente: Mariana Freire
```

```
# Orientadora: Márluce Coan
```

```
# Consultora: Maylle Freitas
```

```
# diretório de trabalho
```

```
setwd("/Users/mayllefreytas/Documents/MARIANA")
```

```
# bibliotecas
```

```
library(tidyverse)
```

```
library(pacman)
```

```
library(car)
```

```
library(sjPlot)
```

```
library(readr)
```

```
library(forcats)
```

```
library(cliR)
```

```
library(rms)
```

```
library(effects)
```

```
library(lmtest)
```

```
library(nnet)
```

```
library(dplyr)
```

```
library(tidyr)
```

```
library(stats)
```

```
library(nnet)
```

```
library(gridExtra)
```

```
library(DescTools)
```

```
# dados
```

```
dados = read.csv("DADOS.MARIANA.csv", stringsAsFactors = TRUE)
```

```
str(dados)
```



```

# combinação de valores
afeto = c("felicidade", "infelicidade", "segurança", "insegurança", "satisfação",
"insatisfação")
julgamento = c("estima", "sanção")
apreciação = c("impacto", "qualidade", "proporção", "complexidade", "valoração",
"composição", "reação")

# coluna VALOR.RELATIVO com base na nova categorização
dados <- dados %>%
  mutate(VALOR.RELATIVO = case_when(
    V.AV.ESPECIFICO %in% afeto ~ "afeto",
    V.AV.ESPECIFICO %in% julgamento ~ "julgamento",
    V.AV.ESPECIFICO %in% apreciação ~ "apreciação"
  ))

dados$VALOR.RELATIVO = as.factor(dados$VALOR.RELATIVO)

## copiar nova coluna para o dataframe no sheets
write_clip(dados$VALOR.RELATIVO)

valores.relativos = dados$VALOR.RELATIVO

as.data.frame(valores.relativos)

write_clip(valores.relativos)

### análise descritiva + q-quadrados

# VALORES ESPECIFICOS E RELATIVOS

especifico = dados %>%
count(V.AV.ESPECIFICO) %>%
mutate(prop = round(prop.table(n),3)*100) %>%
  arrange(desc(prop))

```

```

relativo = dados %>%
  count(VALOR.RELATIVO) %>%
  mutate(prop = round(prop.table(n),3)*100) %>%
  arrange(desc(prop))

# valor avaliativo bloco vs. oracao

dados %>%
  count(VALOR.RELATIVO, V.AVALIATIVO.BLOCO) %>%
  group_by(VALOR.RELATIVO) %>%
  mutate(prop = round(prop.table(n),3)*100) %>%
  group_by(VALOR.RELATIVO) %>%
  mutate(prop = prop / sum(prop) * 100)

chisq.test(table(dados$VALOR.RELATIVO, dados$V.AVALIATIVO.BLOCO))

# valor avaliativo vs taxis

dados <- dados %>%
  mutate(TAXIS = as.factor(trimws(TAXIS)))

dados %>%
  count(VALOR.RELATIVO, TAXIS) %>%
  group_by(VALOR.RELATIVO) %>%
  mutate(prop = round(prop.table(n),3)*100) %>%
  group_by(VALOR.RELATIVO) %>%
  mutate(prop = prop / sum(prop) * 100)

chisq.test(table(dados$VALOR.RELATIVO, dados$TAXIS))

#valor avaliativo vs. Relação lógico-semântica

dados <- dados %>%

```

```

mutate(REL.LOG.SEM = as.factor(trimws(REL.LOG.SEM)))

levels(dados$REL.LOG.SEM)

dados <- dados %>%
  mutate(REL.LOG.SEM = case_when(
    REL.LOG.SEM %in% c("primária", "principal") ~ "primária/principal",
    TRUE ~ REL.LOG.SEM
  ))

dados$REL.LOG.SEM = as.factor(dados$REL.LOG.SEM)

dados %>%
  count(VALOR.RELATIVO, REL.LOG.SEM) %>%
  group_by(VALOR.RELATIVO) %>%
  mutate(prop = round(prop.table(n),3)*100) %>%
  group_by(VALOR.RELATIVO) %>%
  mutate(prop = prop / sum(prop) * 100)

chisq.test(table(dados$VALOR.RELATIVO, dados$REL.LOG.SEM))
# interpretação cautelosa, muitos valores de liberdade e alguns com poucas ocorrências

# valor avaliativo vs. gradacao

dados %>%
  count(VALOR.RELATIVO, GRADACAO) %>%
  group_by(VALOR.RELATIVO) %>%
  mutate(prop = round(prop.table(n),3)*100) %>%
  group_by(VALOR.RELATIVO) %>%
  mutate(prop = prop / sum(prop) * 100)

chisq.test(table(dados$VALOR.RELATIVO, dados$GRADACAO))

##### Valor avaliativo vs. plano discursivo

```

dados %>%

```
count(VALOR.RELATIVO, PLANO.DISCURSIVO) %>%
```

```
group_by(VALOR.RELATIVO) %>%
```

```
mutate(prop = round(prop.table(n),3)*100) %>%
```

```
group_by(VALOR.RELATIVO) %>%
```

```
mutate(prop = prop / sum(prop) * 100)
```

```
chisq.test(table(dados$VALOR.RELATIVO, dados$PLANO.DISCURSIVO))
```

##### Valor avaliativo vs. estatuto informacional

dados %>%

```
count(VALOR.RELATIVO, ESTATUTO.INF) %>%
```

```
group_by(VALOR.RELATIVO) %>%
```

```
mutate(prop = round(prop.table(n),3)*100) %>%
```

```
group_by(VALOR.RELATIVO) %>%
```

```
mutate(prop = prop / sum(prop) * 100)
```

```
chisq.test(table(dados$VALOR.RELATIVO,dados$ESTATUTO.INF))
```

### Valor avaliativo vs. carta

dados %>%

```
count(VALOR.RELATIVO, CARTA) %>%
```

```
group_by(VALOR.RELATIVO) %>%
```

```
mutate(prop = round(prop.table(n),3)*100) %>%
```

```
group_by(VALOR.RELATIVO) %>%
```

```
mutate(prop = prop / sum(prop) * 100)
```

```
chisq.test(table(dados$VALOR.RELATIVO, dados$CARTA))
```

### Valor avaliativo vs. polaridade

```

dados %>%
  count(VALOR.RELATIVO, POLARIDADE) %>%
  group_by(VALOR.RELATIVO) %>%
  mutate(prop = round(prop.table(n),3)*100) %>%
  group_by(VALOR.RELATIVO) %>%
  mutate(prop = prop / sum(prop) * 100)

chisq.test(table(dados$VALOR.RELATIVO, dados$POLARIDADE))

### valor avaliativo vs. modo oracional

dados %>%
  count(VALOR.RELATIVO, MODO.ORACIONAL) %>%
  group_by(VALOR.RELATIVO) %>%
  mutate(prop = round(prop.table(n),3)*100)

chisq.test(table(dados$VALOR.RELATIVO, dados$MODO.ORACIONAL))

## regressão logística

# ajudar niveis ==

str(dados)

dados$VALOR.RELATIVO <- factor(dados$VALOR.RELATIVO,
                             levels=levels( dados$VALOR.RELATIVO)[c(3,1,2)])

dados$TAXIS <- factor(dados$TAXIS,
                     levels=levels(dados$TAXIS)[c(2,1,3)])

# logico semantica ok

dados$GRADACAO <- factor(dados$GRADACAO,

```

```
levels=levels(dados$GRADACAO)[c(2,1,3)]

#plano discursivo of

#estatuto ok

#polaridade ok

#modo oracional ok

dados$CARTA <- factor(dados$CARTA,
                      levels=levels(dados$CARTA)[c(2,1,3)])

str(dados)

#### gerando o primeiro modelo

mod_multinom <- multinom(VALOR.RELATIVO ~ TAXIS + REL.LOG.SEM +
PLANO.DISCURSIVO + ESTATUTO.INF +
                      CARTA + POLARIDADE + MODO.ORACIONAL + GRADACAO, data
= dados, model = T)

mod_glm = glm(VALOR.RELATIVO ~ TAXIS + REL.LOG.SEM +
PLANO.DISCURSIVO + ESTATUTO.INF +
                      CARTA + POLARIDADE + MODO.ORACIONAL + GRADACAO, data
= dados, family = binomial)

# calcular pseudo r2
DescTools::PseudoR2(mod_multinom, which = "Nagelkerke")
# um resumo do modelo multinomial

summary(mod_multinom)

# tabelar o modelo
```

```
tab_model(mod_multinom, transform= NULL, show.se = TRUE, show.ci = FALSE,digits=
4)

## teste de colineariedade e ANOVA da qualidade do modelo

car::vif(mod_glm)

car::Anova(mod_multinom, type = "II", test = "Wald")
# gracacao
#plano discursivo
# = Descartados

### modelo 2 - ajustado

dados$VALOR_AVALIATIVO = dados$VALOR.RELATIVO

mod_multinom2 <-multinom(VALOR_AVALIATIVO ~ TAXIS + REL.LOG.SEM +
ESTATUTO.INF +
                CARTA + POLARIDADE + MODO.ORACIONAL, data = dados)

#tabelar modelo e calcular pseudoR2

tab_model(mod_multinom2, transform= NULL, show.se = TRUE, show.ci = FALSE,
digits= 4)
DescTools::PseudoR2(mod_multinom2, which = "Nagelkerke")

##### calculando efeitos dos modelos e plotando gráficos

plot(allEffects(mod_multinom2), ylab= "Probabilidade", xlab= "Variáveis", main = NULL)

####

effect("TAXIS", mod_multinom2)
```

```
effect("REL.LOG.SEM", mod_multinom2)
effect("ESTATUTO.INF", mod_multinom2)
effect("CARTA", mod_multinom2)
effect("POLARIDADE", mod_multinom2)
effect("MODO.ORACIONAL", mod_multinom2)

## gráficos por efeito com eixos renomeados

plot(effect("TAXIS", mod_multinom2), ylab= "Probabilidade")
plot(effect("REL.LOG.SEM", mod_multinom2), ylab= "Probabilidade", xlab = "Relações
lógico-semânticas", main = NULL)
plot(effect("ESTATUTO.INF", mod_multinom2), ylab= "Probabilidade", xlab= "Estatuto
informativo", main = NULL)
plot(effect("CARTA", mod_multinom2), ylab= "Probabilidade", xlab= "Tipo de carta",
main = NULL)
plot(effect("POLARIDADE", mod_multinom2), ylab= "Probabilidade", xlab =
"Polaridade", main = NULL)
plot(effect("MODO.ORACIONAL", mod_multinom2), ylab= "Probabilidade", xlab=
"Modo oracional", main = NULL)

plot(allEffects(mod_multinom2))
```